

**Programa de Pós Graduação em Educação e Ensino de
Ciências na Amazônia**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS
NA AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA**

CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

**PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS**

MANAUS

2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS
NA AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Prof. Dr. Cirlande Cabral da Silva

Linha 2 – Educação em Ciências, Divulgação Científica e Espaços Não Formais

MANAUS

2017

Ficha Catalográfica

B732p Borges, Carla Karoline Gomes Dutra

Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC): A divulgação científica das espécies na cidade de Manaus./ Carla Karoline Gomes Dutra Borges. – Manaus: UEA, 2017. 138f. il. Col ; 30 cm.

Mestrado em Ensino de Ciências na Amazônia – Universidade do Estado do Amazonas, 2017.

Orientadora: Dr. Cirlande Cabral da Silva.

1. Etnobotânica 2. Plantas alimentícias - PANC 3. Alimentos 4. Divulgação 5. Conhecimento I. Silva, Cirlande Cabral da II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título.

CDU 581 (811.3)

CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

**PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre do Curso
de Pós-Graduação em Educação em Ensino de
Ciências na Amazônia da Universidade do
Estado do Amazonas – UEA.

Aprovado em 30 / 08 / 2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cirlande Cabral da Silva – IFAM (Orientador)



Prof. Dr.ª. Dayse Peixoto Maia - UNINORTE (Membro Externo)



Prof. Dr. Augusto Fachín Terán (Membro Interno)



Escola Normal Superior
Programa Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia
Mestrado Acadêmico Educação em Ciências na Amazônia

Ata de Defesa da Dissertação

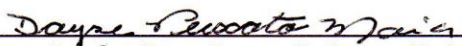
Ao trigésimo dia do mês de agosto, do ano de dois mil e dezessete, às quatorze horas, ocorreu a Defesa da Dissertação da mestranda **Carla Karoline Gomes Dutra Borges**, intitulada **“Plantas Alimentícias não convencionais (PANC): a Divulgação Científica das espécies na cidade de Manaus”**, do curso de Mestrado Acadêmico Educação em Ciências na Amazônia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, (PPGEEC), Escola Normal Superior, ENS, Universidade do Estado do Amazonas, (UEA). A Banca Examinadora foi composta pelo Professor Doutor Cirlande Cabral da Silva - Presidente, Prof. Dr. Augusto Fachín Terán - Membro Interno, Profa. Dra. Dayse Peixoto Maia - Membro Externo, Profa. Dra. Cinara Calvi Anic Cabral - Membro Interno Suplente e o Prof. Dr. Marco Aurélio Nicolato Peixoto - Membro Externo Suplente. O Professor Doutor Cirlande Cabral da Silva, presidente, deu início aos trabalhos, convidando os membros a comporem a Banca Examinadora. Aquele fez a leitura dos procedimentos para defesa de dissertação, conforme Regimento Interno do PPGEEC, e convocou a mestranda para fazer a exposição de seu trabalho que, em seguida, foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Após a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se privativamente e decidiu pela aprovação do trabalho. O título de Mestre será conferido sob condição de apresentação, na Secretaria do Programa, da versão final corrigida na forma e no prazo estabelecido no Regimento Interno do Programa (90 dias). Ao final, os presentes foram chamados para tomarem conhecimento do resultado da avaliação e, nada mais havendo a tratar, foi lavrado a presente Ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos presentes.



 Prof. Dr. Cirlande Cabral da Silva
 Presidente - UEA



 Prof. Dr. Augusto Fachín Terán
 Membro Interno - UEA



 Profa. Dra. Dayse Peixoto Maia
 Membro Externo - UNINORTE

Avance a juventude tão rapidamente e vá tão longe em adquirir conhecimentos quanto lhe seja possível. Seja o seu campo de estudos tão vasto quanto suas faculdades puderem abranger. E a medida que aprendam, vão eles comunicando seus conhecimentos. É assim que a mente adquirirá disciplina e vigor. É o emprego que eles fazem de seus conhecimentos que determina o valor de sua educação.

(Ellen G. White)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente A base de minha vida, existência e Dono de todo conhecimento. Deus.

Por conseguinte, ao meu esposo Mário Borges que incondicional e incansavelmente me apoiou, orientou e viveu a escrita deste trabalho. A você minha gratidão e felicidade por tê-lo como parte fundamental de um sonho tido como distante, porém, agora real.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter mostrado a cada momento seu cuidado e atenção comigo, e por ter me dado ânimo, força e principalmente determinação, para chegar a esse momento tão esperado e longínquo. A fonte de todo saber e razão de minhas vitórias, expresso minha gratidão, ainda que as palavras não sejam capazes de se unirem formando um texto digno dEle.

Ao meu esposo Mário Borges, que sempre me apoiou diretamente, através de suas orações, e também compondo a minha banca avaliadora em casa, onde eu diversas vezes o fiz assistir minhas prévias e avaliá-las (ainda que seja bastante estranho um administrador hospitalar fazendo considerações em um trabalho de educação). Relembro as diversas vezes em que dirigiu para mim, enquanto eu ia visitar as feiras, reuniões de orientação, e agradeço também pelos lanches de madrugada, eles foram essenciais para que eu não perdesse o foco da escrita. O amor foi a base, tenho certeza.

A meus pais, por me proporcionarem a base de tudo, a família, com a qual pude contar em diversas ocasiões. Karla e Raimundo, tenham certeza que o esforço e trabalho de vocês não foi em vão, agradeço pelos conselhos e incentivos os quais sempre vinham em boa hora. A meus irmãos Stephany, Isabelle e Higor, que muitas vezes me acompanharam na trajetória noturna enquanto eu escrevia.

Agradeço a meu orientador o Professor Dr. Cirlande Cabral, que está comigo desde o início de minha trajetória acadêmica, desde a graduação e agora no mestrado. Muitas vezes recorri a suas orientações como meu norte e sem elas não teria chegado até aqui. Me sinto honrada em fazer parte do início de suas orientações a nível de mestrado. Espero ter superado as expectativas.

À professora Hiléia Maciel, dedicada e solícita em compartilhar suas experiências e saberes no estágio supervisionado, a ela meus sinceros agradecimentos.

Aos meus colegas de mestrado que nos unimos diversas vezes para estudar nos vários cafés da manhã durante as disciplinas, que eram formas de carinho e integração, mas na verdade gostavam muito de comer também. Agradeço pelo aprendizado que me proporcionaram através do SECAM 2016, o qual foi bastante enriquecedor para mim.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) meu agradecimento, por conceder minha bolsa de estudos para que a pesquisa pudesse ser realizada com êxito, pois sem o auxílio financeiro nada seria possível.

A Universidade do Estado do Amazonas (UEA) por me acolher nesses dois anos de trajetória acadêmica.

À Subsecretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras (SUBSEMPAB) por nos fornecer dados muito importantes na composição histórica e estrutural das feiras as quais pesquisamos.

Aos meus queridos Robson e Brenda, que sempre nos receberam tão bem e com carinho na secretaria do mestrado, agradeço às diversas vezes em que me ajudaram com as documentações e também por me lembrarem diversas vezes do número de minha matrícula.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram e nos ajudaram nesse percurso, saibam que nesse trabalho tem um pedacinho de cada um de vocês.

RESUMO

As Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC, vem ganhando espaço nas mídias, em trabalhos acadêmicos, nos supermercados, nas feiras e também nas próprias casas dos consumidores desses vegetais. Esta pesquisa visou, verificar se há ocorrência (ou não) da divulgação científica das espécies de plantas alimentícias não convencionais encontradas na cidade de Manaus, salientando seu potencial enquanto recurso alimentício para a população manauara. Os locais de pesquisa foram cinco feiras da cidade de Manaus, sendo elas: Feira Municipal do Produtor; Feira da Manaus Moderna; Feira do Coroadó; Feira do Alvorada e Feira da SEPROR. Como técnica de coleta dos dados utilizamos o Estudo de Caso, que nos permite utilizar uma variedade de instrumentos de coleta de dados. Assim, para esse trabalho, utilizamos a entrevista, a observação direta, os diários de campo e os artefatos físicos para termos uma maior compreensão sobre nosso objeto investigado. Como forma de análise dos dados, utilizamos a Análise de Conteúdo, associada a TTR (*type token ratio*) que nos forneceram os indicadores necessários para a análise. Diante disso, identificamos três indicadores (categorias) presentes nesse estudo que foram: i) O uso das PANC; ii) A divulgação das PANC; iii) A importância das Plantas Alimentícias não Convencionais (PANC). É válido salientar que as categorias analíticas, são os mesmos indicadores encontrados também a partir da técnica de TTR (*type token ratio*), validando assim, todo o processo de categorização. Para cada categoria/indicador encontrado, escrevemos um texto dissertativo explicativo. Na categoria uso das PANC, observamos que elas são muito empregadas pelas pessoas, porém com a nomenclatura de plantas medicinais, e estas pessoas as utilizam sem saber o seu potencial alimentício, fazendo assim com que as espécies passem a ser consideradas apenas como medicinais, desconhecendo as associações alimentícias referentes a essas espécies. Já a categoria a divulgação das PANC, observamos com frequência o desconhecimento da população sobre propriedades alimentícias e até mesmo a identificação das espécies próprias para alimentação. No entanto, a questão alimentícia da espécie estava sempre conjugada à propriedade medicinal, o que é algo bem presente em nossos registros. Muitos dos entrevistados evidenciaram a televisão como um dos meios em que as plantas alimentícias poderiam ser mais amplamente divulgadas, além de citarem outros meios como livros e exposições. A terceira categoria que é a importância das PANC, está intimamente ligada a questão familiar onde a maioria das pessoas associam a importância a algum efeito de cura ou de preparo para resolver algo, onde, percebemos novamente a associação das PANC com as plantas medicinais. Nesta categoria as palavras mãe, vó e família, são bem recorrentes evidenciando assim, a importância da família na transmissão desses conhecimentos. Por isso, entendemos que a falta de informações sobre as plantas alimentícias não convencionais contribui para o seu desconhecimento. Acreditamos que o papel da divulgação dessas espécies associadas à sua importância, é um marco primordial para a disseminação desses conhecimentos que não podem ser impedidos das gerações futuras.

Palavras – chave: Plantas Alimentícias; Divulgação; Conhecimento.

ABSTRACT

The Non-Conventional Food Plants - PANC, has been gaining space in the media, academic works, supermarkets, fairs and also in the homes of consumers of these vegetables. This research aimed to verify whether or not the scientific dissemination of the species of unconventional food plants found in the city of Manaus, highlighting its potential as a food resource for the Manauara population has occurred. The research sites were five fairs of the city of Manaus, being: Municipal Producer Fair; Manaus Modern Fair; Crowned Fair; Fair of the Dawn and Fair of the SEPROR. As data collection technique we used the Case Study, which allows us to use a variety of data collection instruments. Thus, for this work, we use the interview, the direct observation, the field diaries and the physical artifacts to have a greater understanding about our investigated object. As a way of analyzing the data, we used the Content Analysis, associated to TTR (type token ratio) that provided the necessary indicators for the analysis. Therefore, we identified three indicators (categories) present in this study that were: i) The use of PANC; ii) The dissemination of the PANC; iii) The importance of Non-Conventional Food Plants (NRPs). It is worth mentioning that the analytical categories are the same indicators also found from the TTR (token ratio) technique, thus validating the entire categorization process. For each category / indicator found, we write explanatory text. In the category of PANC use, we observe that they are widely used by people, but with the nomenclature of medicinal plants, and these people use them without knowing their food potential, thus causing the species to be considered only as medicinal, not knowing the food associations for these species. In the category of dissemination of PANC, we frequently observe the lack of knowledge of the population about food properties and even the identification of species suitable for food. However, the food issue of the species was always conjugated to medicinal property, which is something very present in our records. Many interviewees have pointed to television as one of the means by which food plants could be widely disseminated, as well as citing other media such as books and exhibitions. The third category, which is the importance of PANC, is intimately linked to the family issue where most people associate importance with some healing effect or preparation to solve something, where we again perceive the association of PANC with medicinal plants. In this category the words mother, grandmother and family are very recurrent, thus evidencing the importance of the family in the transmission of this knowledge. Therefore, we understand that the lack of information on unconventional food plants contributes to its lack of knowledge. We believe that the role of dissemination of these species associated with their importance is a key landmark for the dissemination of this knowledge that can not be prevented from future generations.

Key - words: Food Plants; Disclosure; Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

	P.
Figura 01. Feira do Produtor - Zona Leste de Manaus	28
Figura 02. Feira do Produtor – Google Earth – Janeiro de 2017	29
Figura 03. Feira da Manaus Moderna – Croqui da Nova Feira – Centro Oeste	30
Figura 04. Feira da Manaus Moderna – Zona Centro Oeste	31
Figura 05. Feira da Manaus Moderna – Google Earth – Janeiro de 2017	31
Figura 06. Feira do Coroado – Zona Leste de Manaus	33
Figura 07. Feira do Coroado – Google Earth – Janeiro de 2017	33
Figura 08. Feira coberta do Alvorada – Zona Centro Sul de Manaus	34
Figura 09. Feira coberta do Alvorada – Google Earth – Janeiro de 2017	34
Figura 10. Feira da SEPROR – Zona Norte de Manaus	35
Figura 11. Feira da SEPROR – Google Earth – Janeiro de 2017	35
Figura 12. Esquema explicativo sobre a Difusão Científica com base em Bueno	40
Figura 13. Mapa da cidade de Manaus por Zonas e Cores	49
Figura 14. Análise dos dados a ser utilizada na presente pesquisa no período de Janeiro a Julho de 2017.	59

LISTA DE TABELAS

	P.
Tabela 01. Cronograma de visitas e coletas de dados nas feiras.	50
Tabela 02. Número de entrevistas coletadas nas cinco feiras de nossa pesquisa.	52
Tabela 03. Descrição e organização dos dados coletados para análise.	60
Tabela 04. Valores lexicais respectivos às entrevistas de 01 a 032.	62

LISTA DE QUADROS

	P.
Quadro 01. Proposta de conteúdo para elaboração do Diário de Campo.	54
Quadro 02. Relação das espécies de PANC encontradas nas cinco feiras estudadas.	55
Quadro 03. Quadro com as palavras – chave e sua respectiva frequência textual encontradas nas entrevistas de 01 a 032.	61
Quadro 04. Artigos encontrados em meio eletrônico.	63

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CC	Comunicação Científica
CEMEAM	Centro de Mídias de Educação do Amazonas
CEASA	Central Estadual de Abastecimento
C & T	Ciência e Tecnologia
CTS	Ciência Tecnologia e Sociedade
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
DC	Divulgação Científica
FAO	<i>Food and Agriculture Organization</i>
FAPEAM	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Amazonas
FA	Feira do Alvorada
FC	Feira do Coroadó
FMM	Feira Manaus Moderna
FP	Feira do Produtor
FS	Feira da SEPROR
GFUS	<i>Unidad de Facilitación Global para Especies Subutilizadas</i>
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MUSA	Museu da Amazônia
PANC	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PAIC	Programa de Apoio à Iniciação Científica
POE	Projeto Observatório da Educação
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
RST	Rethorical Structure Theory
SAN	Soberania Alimentar e Nutricional
SHAM	Sistema Habitacional do Amazonas
SUBSEMPAB	Subsecretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras
SUHAB	Superintendencia Estadual de Habitação do Amazonas
SBPC	Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência
SEPROR	Secretaria Estadual de Produção Rural
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEA	Universidade do Estado do Amazonas

SUMÁRIO

	P.
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC)	18
1.1 Conhecendo as Plantas Alimentícias Não Convencionais	18
1.2 Estudos utilizando as Plantas Alimentícias Não Convencionais	21
1.3 Plantas Alimentícias Não Convencionais: Um recurso em desuso?	23
1.4 As feiras da cidade de Manaus: Um breve panorama	27
CAPÍTULO 2: O USO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (DC) COMO ALIADO NO PROCESSO DE DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS	36
2.1 Os primórdios da Divulgação Científica	36
2.2 Pressupostos da Divulgação Científica	40
2.3 Um vislumbre de estudos anteriores utilizando a Divulgação Científica	43
CAPÍTULO 3: CONSTRUINDO O PERCURSO DA PESQUISA	47
3.1 Da natureza e do caminho tomado na pesquisa	47
3.2 Dos locais de Estudo	48
3.3 Sujeitos da pesquisa	49
3.4 Dos procedimentos éticos na pesquisa	51
3.5 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos metodológicos	51
3.5.1 Entrevista Espontânea e Focal	51
3.5.2 Observação Direta	53
3.5.3 Artefatos Físicos	54
3.6 Elaborando o corpus da análise	56
3.7 A análise de Conteúdo	57
3.7.1 A Pré – Análise	57
3.7.2 A Exploração do Material	57
3.7.3 O Tratamento dos Resultados	58
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
6. REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	80
Apêndice A - Roteiro das Entrevistas	81
Apêndice B - Entrevistas transcritas a partir dos áudios feitos nas feiras	83
Apêndice C - Telas dos agrupamentos dos arquivos	107
Apêndice D - Fotos das Visitas às Feiras	109
Apêndice E - Artigos, Dissertações e Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCCs) utilizados na análise	112
Apêndice F - As três categorias analíticas encontradas e suas inter – relações	121
Apêndice G – Diários de Campo das Visitas às Feiras	128

INTRODUÇÃO

Faz parte da história da humanidade o uso de recursos naturais para a sua sobrevivência. No entanto, na contemporaneidade, questões complexas como aquelas ligadas à industrialização trouxeram outros componentes para esta relação entre a humanidade e estes ditos recursos. Uma delas refere-se a divulgação em massa de alguns alimentos que podem fazer mal a saúde como os ricos em sódio, gorduras e corantes. Entretanto, percebe-se que alguns alimentos naturais vêm também ganhando mais espaço devido a sua importância nutricional elevada e pelo seu fácil cultivo. Trazendo essa temática, uso dos alimentos naturais no contexto amazônico, observamos que somente alguns alimentos são produzidos e consumidos em grande escala como a couve, repolho, cheiro – verde, alface, entre outros. Por serem muito divulgados na mídia, esses alimentos ditos naturais, passam a ser referência enquanto forma de alimentação.

Por outro lado, algumas plantas (conhecidas como Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC), pouco conhecidas pela grande maioria da população, estão sendo paulatinamente estudadas por pesquisadores, trazendo um olhar mais apurado sobre elas. No entanto, é necessário mais conhecimento sobre suas propriedades e funções para que sejam utilizadas como fonte de alimentação e de recursos nutricionais para as famílias que desejarem consumi-las regularmente e para aquelas que possuam baixa renda. Portanto, deve ser cada vez mais estimulada a divulgação do entendimento científico acerca dos benefícios ocasionados pela utilização alimentar dessas plantas não convencionais para a melhoria da saúde humana, principalmente na cidade de Manaus como capital e referência para todo o estado amazônico.

Como citado anteriormente, a divulgação de estudos acerca das qualidades das plantas alimentícias vem cada vez mais popularizando o seu uso. Mas o que são as PANC afinal? Segundo Kinupp e Lorenzi (2014, p. 15):

O conceito PANC nos parece o mais adequado, o mais amplo, contemplando todas as plantas que têm uma ou mais partes ou porções que pode (m) ser consumida (s) na alimentação humana, sendo elas exóticas, nativas, silvestres, espontâneas ou cultivadas.

O estudo das plantas alimentícias não convencionais vem sendo desvendado aos poucos, pois o acesso de um número reduzido de pessoas a uma alimentação saudável e de qualidade significativa são fatores que embasam fortemente as pesquisas nesse âmbito. Temos

como exemplo a pesquisa de Dutra (2013), onde afirma que a substituição dos recursos alimentares tradicionais por produtos semi-processados e industrializados constitui graves fatores de ameaça à soberania alimentar de muitas famílias da zona rural, uma vez que resultas em maior dependência de alimentos externos com custo financeiro. Trazendo para o contexto amazônico, Clay (et al., 2000) e Yuyama (et al., 1999; 2001) afirmam que, em termos de segurança alimentar, a Amazônia é detentora de uma enorme diversidade em peixes e frutas, o que deveria representar uma abundante oferta de proteínas, calorias, vitaminas e minerais, e assim viabilizar um excelente padrão de saúde, nutrição e de qualidade de vida para os seus diferentes grupos populacionais.

Sabemos também que o dia a dia do ribeirinho que vive às margens do Rio Amazonas é bastante difícil pois há situações intrínsecas de nossa região, como a questão da cheia, seca dos rios e questões climáticas que às vezes desproporcionam o cultivo adequado de alimentos para a população carente, e causam a perda de suas criações ou rebanhos domésticos.

Como a presente pesquisa se dá no contexto amazônico, mais precisamente na cidade de Manaus, é preciso considerar esse e outros fatores como agentes interferentes na alimentação da população como um todo. Unindo, esse pensamento à fala de Laudan (2011, p. 36), ele nos diz que: “o que uma geração de cientistas aceita como solução perfeitamente adequada muitas vezes será visto pela geração seguinte como resposta inapelavelmente inadequada”. Kinupp (2009, p.1) complementa a fala anterior de Laudan, porém na esfera da compreensão popular, ele diz que:

A maioria das plantas chamadas "daninhas" ou "inços" (o correto e adequado é plantas/ervas espontâneas), pois medram entre as plantas cultivadas são espécies com grande importância ecológica e econômica. Muitas destas espécies, por exemplo, são alimentícias mesmo que atualmente em desuso (ou quase) pela maior parte da população. O mesmo é válido para plantas silvestres, as quais são genericamente chamadas de "mato" ou planta do mato, no entanto, são recursos genéticos com grande potencial de uso imediato ou futuro a partir de programas de melhoramento, seleção e manejos adequados.

Chama a atenção a afirmação de Laudan (2011), de que há um tempo, o uso dessas plantas era algo normal e além disso, era algo do cotidiano, pois, os conhecimentos empíricos eram passados de geração em geração. Por outro lado, talvez com o processo de globalização e a disponibilização do conhecimento científico de maneira tão fácil através da internet, televisão, jornais e revistas, um medo e um receio foi instaurado sobre essas plantas não convencionais. Muitas delas, por desconhecimento de suas propriedades e funções, pela

grande parte da população de Manaus e de outras regiões, são tratadas como “mato” e algumas delas podem até levar a morte se consumidas inadequadamente, o que de fato, é uma verdade. Porém, o que nos induz a uma reflexão é a seguinte indagação: Porque o uso (ou desuso) dessas plantas alimentícias não convencionais não é descrito como deveria ser tendo em vista seu potencial junto à população? Tal questão despertou a reflexão acerca das causas que provocaram o receio na população e que levaram a descontinuação do seu consumo.

Além do descrito acima, que por si só já nos leva a pensar essa causa, entendemos que é importante saber o porquê de fato a temática “plantas” começou a fazer parte de meu rol de estudo. Primeiramente saliento minha formação, que é em Licenciatura em Ciências Biológicas, a qual comecei a cursar sem um direcionamento de que sub área seguiria. Por isso, após o primeiro Programa de Apoio a Iniciação Científica – PAIC que realizamos em Botânica, trabalhávamos diretamente com técnicas histoquímicas em plantas de Igarapés na cidade de Manaus, passei a ter um interesse maior por essa área. Após o término da pesquisa citada, voltamos novamente ao programa PAIC, agora com um projeto voltado para a Educação, que foi sobre as leis de Mendel no Ensino Médio. Assim, tivemos a possibilidade de aprender a fazer pesquisa no Ensino. Após ingressarmos no programa de Mestrado e fazer uma leitura mais aprofundada sobre as PANC, o interesse novamente sobre as plantas foi despertado. Dessa forma, a aceitação em relação as PANC foi quase que imediata. É importante salientar, a desconstrução que sofremos ao longo do processo da pesquisa. A afinidade que tínhamos por feiras (durante as coletas de dados como será descrito com maiores detalhes posteriormente) era quase que classificada em zero. E por entender que as visitas e coletas nas feiras seriam a base dessa pesquisa, passamos a frequentá-las tendo um novo olhar sobre as mesmas e entendendo a importância de cada uma em nossa cidade.

Pelos motivos relacionados acima, e por acreditarmos no grande potencial das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) como recurso alimentício para o homem amazônico lançamos o seguinte problema científico a ser investigado: Há divulgação científica das PANC e de seu potencial alimentício, na cidade de Manaus?

Várias questões surgiram acerca dessa problemática, levando-nos as seguintes questões norteadoras:

- Como podemos levantar dados sobre as espécies de PANC presentes na cidade Manaus?
- De que maneira podemos analisar se a divulgação científica das espécies ocorre na cidade de Manaus?

- Como podemos verificar se existe a divulgação científica das Plantas Alimentícias Não Convencionais através de consultas a sites e artigos publicados em Manaus?

A partir dessas questões elaboramos o seguinte objetivo geral que foi: Verificar se há a ocorrência da divulgação científica das espécies de plantas alimentícias não convencionais encontradas na cidade de Manaus. Para que esse objetivo geral pudesse ser alcançado foi feito um levantamento dos dados sobre as espécies de PANC presentes na cidade Manaus. Em seguida foi analisado se a divulgação científica das espécies ocorre na cidade de Manaus e finalmente foi verificado se existe a divulgação científica das Plantas Alimentícias Não Convencionais através de consultas a sites e artigos publicados em Manaus.

Essa dissertação está dividida em quatro partes: a primeira trata sobre as plantas alimentícias não convencionais (PANC); a segunda discute o uso da divulgação científica (DC) como aliado no processo de difusão de conhecimentos científicos; a terceira refere-se ao percurso da pesquisa e a quarta parte discute sobre os resultados obtidos nesse trabalho.

CAPÍTULO 1

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC)

“O conceito PANC nos parece o mais adequado, o mais amplo, contemplando todas as plantas que têm uma ou mais partes ou porções que pode(m) ser consumida(s) na alimentação humana, sendo elas exóticas, nativas, silvestres, espontâneas ou cultivadas”.

Kinupp e Lorenzi (2014)

1.1 Conhecendo as Plantas Alimentícias Não Convencionais

Muito se tem discutido desde a década de 1980, em todo o Brasil, sobre a segurança e Soberania Alimentar e Nutricional (SAN) da população humana. Entendemos que essa discussão se faz necessária, pois a alimentação com qualidade e facilidade é parte essencial da vida. Compreendendo essa importância, em 2015 realizou-se a 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, tendo como seu objetivo principal “ampliar e fortalecer os compromissos políticos para a promoção da soberania alimentar garantindo a todos o direito humano à alimentação adequada e saudável, assegurando a participação social e a gestão Inter setorial no Sistema na Política e no Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional”. E a partir desta, reconheceu os avanços conseguidos atualmente, mas foi salientado que ainda é preciso avançar e ampliar o acesso à alimentação saudável a todos os brasileiros (CHAVES, 2016).

Hoje temos a prática do cultivo em grande escala, a qual é chamada de agricultura moderna. A mesma é realizada em monocultivos, os quais dependem de grandes quantidades de terra para a sua promoção. É importante salientar que esse tipo de agricultura, prima por espécies bem reduzidas, ou seja, as monoculturas, as quais são mais bem adaptadas a certas regiões e locais de cultivo, sendo assim, conferem uma inibição a gama de variedades de hortaliças e verduras que são próprias para a alimentação. Devido a essa diminuição do número de espécies vegetais consumidas atualmente, as estimativas mais otimistas indicam que cerca de 103 espécies seriam responsáveis por 90% dos alimentos consumidos no planeta, mas dentre estas vinte ou trinta espécies são comumente mencionadas (WALTER et al., 2005).

Entendemos que muitos dos alimentos locais são plantas que aos poucos tem sido substituídas por uma alimentação básica homogênea, monótona e globalizada (KINUPP e LORENZI, 2014). No entanto, salientamos também que o Brasil detém a maior

biodiversidade do mundo com aproximadamente 15 a 20% das espécies do planeta. Diante disso surge a seguinte inquietação: Quanto desta biodiversidade é efetivamente conhecida? (KINUPP e LORENZI, 2014, p.21).

Como parte dessa imensa biodiversidade, temos as chamadas Plantas Alimentícias Não Convencionais. Kinupp e Lorenzi (2014, p.14) dizem que:

PANC nada mais é do que um acrônimo para tentar contemplar as ‘Plantas Alimentícias Não Convencionais’, ou seja, plantas que possuem uma ou mais das categorias de uso alimentício citada(s) mesmo que não sejam comuns, não sejam corriqueiras não sejam do dia a dia da grande maioria da população de uma região, de um país ou mesmo do planeta, já que temos atualmente uma alimentação básica muito homogênea, monótona e globalizada.

Em geral as PANC não são plantas cultivadas, mas se propagam em ambientes silvestres e podem ser encontradas em fragmentos florestais ou quando domesticadas, em ambientes como hortas caseiras, quintais e roças (MAPA, 2010). Ainda, segundo Kinupp (2007), as PANC não são cultivadas em sistemas de produção convencionais, algumas são consideradas invasoras e indesejáveis. Entretanto, possuem uma ou mais partes que podem ser utilizadas na alimentação humana.

O incentivo ao consumo ou uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais, além de assegurar a proteção, por serem restritas a determinadas localidades ou regiões, pode contribuir para a soberania e segurança alimentar e nutricional da população humana, pois são alimentos acessíveis e de baixo custo, de fácil cultivo, muitas destas com alto valor nutricional (KINUPP e BARROS, 2007 apud, CHAVES, 2016).

A sub área das ciências que investiga também os conhecimentos pertencentes as populações em relação às plantas é chamada de Etnobotânica. Muitos estudos etnobotânicos indicam a importância do conhecimento tradicional associado às PANC utilizadas por comunidades tradicionais (VÁSQUEZ, 2014).

Segundo Kinnup e Barros (2007, p.1), afirma que “uma listagem de todas as plantas comestíveis do mundo não existe”. Numa das listas mais completas produzidas, são enumeradas cerca de 12.500 espécies potencialmente alimentícias, perfazendo 3.100 gêneros e cerca de 400 famílias, em sua maioria pteridófitas e angiospermas (KUNKEL, 1984). Atualmente, no Brasil, existem poucos trabalhos de cunho científico, e até mesmo de divulgação sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais. Há algumas poucas literaturas que listam espécies nativas e cultivadas e as suas possibilidades de uso. Nesse sentido, é que

esse trabalho poderá ser um aporte a mais no sentido de contribuir para a divulgação dessas espécies na cidade de Manaus.

Em um trabalho da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) 2009, Valdely Kinupp nos fala acerca do cultivo, do uso e da valorização das PANC ao afirmar que:

No que se refere às hortaliças nativas a pesquisa, o cultivo, o uso e a valorização parece ser ainda menor. As frutas têm o chamariz da cor, da doçura e da suculência, já as hortaliças em geral são tratadas como "mato", "coisas verdes" aguadas e sem sabores característicos. As nativas, as quais são tratadas aqui como hortaliças regionais ou genericamente como não-convencionais, inegavelmente são "matos" enquanto não cultivadas e utilizadas com regularidade. Mas, este enquadramento pode ser transitório. Algumas espécies hoje tidas como culturas agrônômicas foram tratadas como inços ou "daninhas" até muito recentemente e outras, outrora muito utilizadas, caíram em desuso (KINUPP, 2009, p. 2).

Entendemos nas ideias de Dutra (2013) que a substituição dos recursos alimentares tradicionais por produtos semi-processados e industrializados se constituem em graves fatores de ameaça à soberania alimentar de muitas famílias da zona rural, uma vez que resultam em maior dependência de alimentos externos com custo financeiro. Além disso, de acordo com Consea (2010), a baixa valorização de alimentos regionais, como as frutas alimentícias não convencionais, contribui para que cada vez mais as famílias adotem novos hábitos alimentares, dentre estes, o uso de alimentos processados e industrializados.

Kinnup e Barros (2008) nos esclarecem dizendo que as frutas e hortaliças não-convencionais geralmente apresentam teores de minerais e proteínas significativamente maiores do que as plantas domesticadas, além de serem mais ricas em fibras e compostos com funções antioxidantes. Ou seja, essas plantas e seus derivados são úteis e altamente eficazes quando relacionadas pelo seu valor nutricional.

Destaca-se a também a questão da diversidade alimentar como alternativa protéica mais acessível às populações de baixo poder aquisitivo, cujo acesso é mais limitado a proteínas animais que são de custo mais elevado. Assim, a identificação de espécies vegetais ricas em proteínas e incentivos de cultivo e consumo destas espécies, podem contribuir para diminuir as deficiências nutricionais destas populações e fornecer alternativas nutricionais para a população em geral, especialmente aquelas com hábitos alimentares diferenciados, assim como os vegetarianos (KINUPP e BARROS, 2008).

Sabe-se que atualmente a alimentação da humanidade se reduz a apenas cerca de 110 espécies, sendo de consumo principal o trigo, a batata, o milho e o arroz (RAPOPORT, 1997). A maioria destas é cultivada de forma intensiva e com uso de grande quantidade de

agrotóxicos, quando existem entre 12.500 e 15.000 plantas com potencial alimentício no mundo (RAPOPORT, 2001).

Temos ainda a questão do cultivo em que além de apostar em uma transição para uma agricultura ecológica, as PANC podem constituir um elemento importante já que não precisam de um cultivo exaustivo, nem do emprego de agrotóxicos prejudiciais à saúde humana e ao meio ambiente, visto que estas espécies estão perfeitamente adaptadas ao meio onde ocorrem (KINUPP, 2004).

Em relação ao panorama mundial configurado, Erice (2011) destaca os seguintes dados em que:

- ¼ da área do país está destinada à agricultura familiar, que é responsável por 38% da produção total de alimentos do país (FAO, 2009);
- 803.180 ha do Brasil são destinadas a agricultura ecológica (BRANDENBURG, 2002);
- Com a política do governo atual da Fome Zero, 12 milhões de famílias (48 milhões de pessoas em média) recebem a ajuda do Bolsa Família (FAO, 2009);
- As PANC poderiam ser consideradas como um elemento-chave tanto para os agricultores familiares como complementação de renda como para as pessoas mais desfavorecidas que sofrem carências nutricionais (KINUPP, 2006).

Após a revisão feita acima e os esclarecimentos acerca das Plantas Alimentícias Não Convencionais, passaremos para o seguinte tópico que trata de alguns estudos que abordam essas espécies.

1.2 Estudos utilizando as Plantas Alimentícias Não Convencionais

Acerca da natureza das Plantas Alimentícias Não Convencionais, é importante compreender qual a lógica usada nos estudos utilizados no entendimento dessas plantas. Inicialmente há um termo utilizado somente na Itália e possivelmente em nenhum outro país, que é a *Phytoalimurgia*, onde seus fundamentos podem ser válidos para a utilização e fortalecimento do termo PANC. Segundo Kinnup e Lorenzi (2014. p.15), é a Fitoalimurgia (*Phytoalimurgia*) que é o ramo da ciência que se ocupa da alimentação através das plantas espontâneas. Ainda os autores supracitados complementam dizendo, este termo foi proposto em 1767 pelo médico e pesquisador Ottaviano Targioni – Tozzeti, e posteriormente foi

retomado já no século XX pelo médico naturalista e micólogo Oreste Mattiolo, em 1918, no fim da Primeira Guerra Mundial.

Um trabalho foi realizado na comunidade de Los Aromos em Córdoba, na Argentina, que visava avaliar o conhecimento a respeito das plantas medicinais e com potencial alimentício, trabalho realizado por Toledo, Galetto e Colatoni (2007, p. 2.) em que dizem:

El objetivo de la presente contribución es evaluar el conocimiento y uso que los habitantes de la comuna de Los Aromos poseen de la flora con valor medicinal y/o alimenticio, considerando algunas características socio-culturales de la población. Asimismo, se busca registrar tanto las especies usadas como su forma de preparación y consumo por parte de la población.

Almeida e Corrêa (2012, p.1), em Minas Gerais, fizeram um trabalho com cactáceas, que são utilizadas como forma de alimentação da população da cidade de São Gonçalo do Abaeté. Os autores dizem que:

O objetivo deste trabalho foi avaliar a utilização de cactáceas do gênero *Pereskia* na alimentação humana. A pesquisa foi realizada nos 1.525 domicílios da cidade de São Gonçalo do Abaeté (MG). [...] e concluiu-se que o resgate cultural do consumo desse tipo de planta poderá melhorar a condição nutricional e de renda das pessoas menos favorecidas economicamente, tanto no ambiente urbano quanto rural, de diferentes regiões do Brasil.

Souza e Guimarães (2009) estudaram o consumo e cultivo da espécie *Ora Pro Nobis*, e ressaltam o estudo, consumo e cultivo de espécies olerícolas não-convencionais, utilizando-se a espécie conhecida como *ora-pro-nobis*, como exemplo de plantas com potencial para promover a diversificação agrícola na propriedade familiar.

Kinupp e Barros (2007) fizeram um levantamento das espécies existentes na Região Metropolitana de Porto Alegre. Os autores falam sobre o objetivo desse levantamento que era motivado pela carência de informações básicas sobre a disponibilidade de recursos alimentícios nativos, suas formas de uso, partes utilizadas e dos usos potenciais destes recursos alimentares desconhecidos e ou negligenciados. Foi proposto no estudo referido um levantamento das espécies nativas potencialmente alimentícias disponíveis nas diferentes formações vegetais da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), Rio Grande do Sul (RS).

A questão da horta escolar na cidade de Manaus foi pesquisada ou trabalhada por Machado, Araújo e Pereira (2015) ponderando que:

O ambiente é utilizado para o ensino de práticas agroecológicas, destacando-se a importância e o cuidado com o meio ambiente bem como a valorização e o respeito

ao ser humano. Para o cultivo foram selecionadas hortaliças com alto valor nutritivo e adaptadas ao ambiente amazônico como as PANC (Plantas Alimentícias não Convencionais). Duas espécies de hortaliças (cariru e bertalha) (MACHADO, ARAÚJO e PEREIRA, 2015, p.1).

Uguen et al., (2015, p.1) abordam a feira orgânica como um espaço de troca de conhecimento sobre soberania alimentar e fazem um relato de experiência com os alunos do projeto de extensão evidenciando partes de plantas alimentícias não convencionais para degustação. O autor fala sobre o objetivo do trabalho que era:

Implantar um painel de divulgação e foram realizadas degustações de produtos preparados com produtos vendidos na feira. Os resultados das ações propostas foram muito positivos, pois foram capazes de promover troca de conhecimento, abrindo novas perspectivas de conhecimento e ações. Percebeu-se com esta experiência quanto a interação com produtos alimentícios é fundamental para a divulgação científica e troca de experiências.

Isobe et al., (2008) tratam de uma pesquisa realizada no Estado do Mato Grosso, no qual os participantes do projeto sobre a horta doméstica fizeram um levantamento do consumo das famílias a respeito das PANC.

O objetivo deste trabalho é fazer o levantamento das espécies de hortaliças não-convencionais conhecidas e o consumo delas entre as famílias cadastradas no Projeto Horta Doméstica da Universidade do Estado de Mato Grosso. Para isso foram utilizados questionários semi- estruturados em 50 famílias da área de abrangência do PSF Vitória Régia em Cáceres-MT, no período de novembro de 2007 a maio de 2008. Foram citadas 29 espécies de hortaliças não convencionais. As espécies mais citadas, quanto o conhecimento e consumo delas como plantas alimentícias, respectivamente, foram a taioba (98%; 80%), o coentrão (48%; 40%), a serralha (38%; 32%), o caruru (30%; 30%) e o alho folha (28%; 20%).

Erice (2011) estudou a comercialização das Plantas Alimentícias Não Convencionais na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e percebeu que nesta região os conhecimentos entre os consumidores dessas plantas são bem elevados, além da discussão sobre o uso destas para a soberania alimentar. Já Kinupp (2007) em sua tese de doutorado tratou desse tema na região porto alegreense estabelecendo um breve relato sobre as plantas e organizando um manual com as espécies encontradas.

1.3 Plantas Alimentícias Não Convencionais: Um recurso em desuso?

As Plantas Alimentícias Não Convencionais são um recurso com um alto potencial alimentício e deveriam ter a sua utilização mais estimulada, principalmente em se tratando do Estado do Amazonas, cuja diversidade e riqueza de recursos não convencionais são referência

mundial. Kinupp e Barros (2007) dizem que no Brasil existem poucos trabalhos científicos, e mesmo de divulgação, sobre plantas alimentícias não convencionais. E acrescentam que a difusão e popularização deste conhecimento podem vir a ter um papel de diversificação de renda nas pequenas (ou até nas grandes) propriedades e evitar maiores prejuízos.

Ao longo de algumas visitas de ambientação e sondagem que fizemos em algumas feiras da cidade de Manaus (maiores detalhes serão discutidos na metodologia) percebemos, *a priori*, um desconhecimento por parte da população sobre essas plantas alimentícias não convencionais. Diante de tal constatação uma indagação se fez presente: quais os motivos para esse desconhecimento?

Na esteira desse mesmo pensamento Souza (2009, p. 3550) afirma que:

O desconhecimento sobre a utilidade e forma de uso das plantas associados às tendências “modernas” resultou no uso reduzido de muitas plantas que faziam parte do cotidiano alimentar dos moradores de zonas rurais e periferias urbanas, principalmente. No processo de desenvolvimento econômico que ocorreu no Brasil, prevaleceram as formas de produção agroindustrial, com o uso de insumos externos e, associado à globalização dos mercados, direcionando o padrão de cultivo e consumo de alimentos, matérias - prima e espécies melhoradas para o abastecimento em grande escala em detrimento consumo de plantas de uso tradicional e ao cultivo de forma ecológica.

Kinupp (2009, p. 2) fala sobre outro motivo que pode afetar diretamente o amplo uso das espécies não convencionais de plantas alimentícias, ao dizer que:

No que se refere às hortaliças nativas a pesquisa, o cultivo, o uso e a valorização parece ser ainda menor. As frutas têm o chamariz da cor, da doçura e da suculência, já as hortaliças em geral são tratadas como “mato”, “coisas verdes” aguadas e sem sabores característicos. As nativas, as quais são tratadas aqui como hortaliças regionais ou genericamente como não-convencionais, inegavelmente são “matos” enquanto não cultivadas e utilizadas com regularidade. Mas, este enquadramento pode ser transitório. Algumas espécies hoje tidas como culturas agrônômicas foram tratadas como inços ou “daninhas” até muito recentemente e outras, outrora muito utilizadas, caíram em desuso.

O trecho acima mencionado, traz a ideia de uma realidade que é bastante percebida sobre as frutas, pois a grande maioria são atraentes por seu cheiro, sabor e beleza. No entanto, as plantas que não são coloridas, e na sua grande maioria são verdes, de uma cor só, são tidas como mato e, portanto, não possuem qualquer serventia para o uso como alimentação. Isso é bem claro quando observamos em propagandas de hipermercados e entre outros, em que as frutas são o objeto de atração dos clientes enquanto que as plantas alimentícias, nem tanto. Ao se apresentar algo que não é utilizado usualmente, no caso das PANC, esta não fornece segurança para o seu consumo ou preparo para qualquer fim.

Kinupp (2009, p.3) destaca acerca do uso dos meios de comunicação para essa difusão:

Os paradigmas e tabus alimentares precisam ser repensados. Mas, para isso é preciso investir em pesquisas básicas e aplicadas e, sobretudo, em programas educativos através dos meios de comunicação de massa que, talvez poderiam reverter os preconceitos e criar um orgulho nacional na utilização dos recursos naturais.

Contudo, além dos manejos sustentáveis, cultivos, pesquisas e marketing das espécies promissoras há, naturalmente, a necessidade de preços competitivos, de controle de qualidade dos produtos e de produção em maior escala, atendendo assim às demandas e os mercados. Entendemos também que não há só a necessidade da divulgação das espécies não convencionais, mais sim, de todo um conjunto de ações que envolve a abertura no mercado para a inserção das mesmas, assim bem como, o amplo cultivo e ainda o próprio valor custo benefício, pois atualmente tudo o que se é tido como natural e que faz bem ao corpo, é vendido por um valor superior aos produtos convencionais.

Melo (2007, p. 2) alega que a prioridade dada às culturas ditas economicamente importantes levou à diminuição da diversidade de alimentos disponível à humanidade por muitas gerações. O chamado “paradoxo nutricional” tem sua raiz na “simplificação” da agricultura, um processo que favoreceu alguns cultivos em detrimento de outros com base em suas vantagens em relação às PANC e vão desde desenvolvimento em ampla gama de habitats à necessidades simples de cultivo, armazenamento e processamento fáceis, propriedades nutricionais e sabor dentre outros. O declínio no uso de espécies subutilizadas pelos agricultores decorre de serem competitivas com as plantações que suprem a alimentação mundial e que são apoiadas por sistemas de fornecimento de sementes, tecnologia de produção e de pós-colheita e serviços de extensão. Ou seja, as espécies não convencionais não fornecem o mesmo lucro, a mesma produtividade em massa e facilidade de cultivo e manejo que as outras espécies possuem, pois as grandes monoculturas foram aprimoradas por técnicas bem atuais.

Ainda há alguns requisitos que precisam ser observados para se saber se uma espécie está sendo negligenciada, sendo eles: a necessidade de poucos insumos externos para sua produção; adaptação à produção orgânica; a facilidade de cultivo em áreas marginais; a sua contribuição para a estabilidade dos ecossistemas frágeis; ser integrável ao sistema produtivo dos agricultores familiares; sua importância tradicional local ou regional sua facilidade de armazenamento e processo; a sua aptidão ao mercado; seu alto valor nutritivo e/ou medicinal; e sua versatilidade para múltiplos usos (GFUS, 2007).

Mnzava et al., (1997 apud, MELO, 2007) faz uma pequena relação de fatores que contribuem para a falta de estudo sobre essas espécies quando afirma que as hortaliças subutilizadas têm méritos importantes, que incluem valor nutricional, valor ecológico, valor agrônomo, segurança alimentar, valor cultural e geração de emprego. No entanto, têm recebido pouca atenção da pesquisa pelas seguintes razões:

- a) falta de demanda: mudança de hábitos em favor da introdução de hortaliças “melhoradas” levou à queda na demanda por espécies locais, as quais obtêm baixos preços no mercado. Enquanto houver demanda crescente por alimentos modernos, espécies tradicionais estarão fora de moda; possuem prestígio social menor, sendo associadas ao grupo de baixo retorno financeiro;
- b) importância estritamente local: seu uso é específico da comunidade e sua ocorrência é restrita a uma região ou clima particular.
- c) urbanização: mudanças de hábito alimentar são mais rápidas com a urbanização e permitem a difusão de hábitos alimentares “étnicos”, com o abandono do modo de vida tradicional dos centros urbanos, incluindo os alimentos tradicionais;
- d) grande número de espécies;
- e) falta de conhecimento, especialmente quanto ao valor nutricional, métodos de cultivo, preservação e uso, impedem uma utilização mais ampla. Informações sobre hortaliças subutilizadas não são sistematicamente transferidas de uma geração para outra, de modo que ocorre um grande lapso de conhecimento, principalmente entre a geração mais velha das áreas rurais e a juventude urbana.

Como consequência da “modernização”, o estilo de vida rural está mudando gradualmente. Além disso, o currículo das escolas técnicas e de agronomia não valorizam o estudo de espécies locais.

Na realidade há uma gama de fatores que permeiam esse desconhecimento, e conseqüentemente o desuso das espécies, entendemos que, isso se dá principalmente em nossos lares, pois a partir do momento em que começamos a entender como se dá o uso dessas espécies, para que sevem e como podem ser utilizadas, e não o fazemos, acabamos de uma certa forma reproduzindo essa desvalorização e desuso desses recursos com amplo potencial.

1.4 As feiras da cidade de Manaus: Um breve panorama

Quando falamos em feiras, precisamos entender o que significam, por isso no dicionário Aurélio pesquisamos a mesma, e em suas 5 designações, 3 se referem às seguintes definições:

1. Grande mercado que se efetua em épocas determinadas;
2. Balbúrdia; gritaria; desordem;
3. Feira franca: feira em que não se pagam impostos.

Em Manaus, feiras são comumente encontradas normalmente em quaisquer locais, independentemente de ser regular ou irregular com a vigilância sanitária. Entendemos, no presente estudo, que a ida da população a esses locais são primordiais para o suprimento das necessidades alimentares, assim bem como a satisfação econômica dos comerciantes que vivem das vendas de seus produtos nestes locais.

Em nossa pesquisa evidenciamos cinco grandes feiras que ocorrem regularmente na cidade de Manaus e podemos dizer que são muito bem frequentadas pela população em geral. Estão localizadas uma em cada zona distinta da cidade de Manaus. Sendo assim, as feiras que foram selecionadas para contribuir na presente pesquisa foram: Feira Municipal do Produtor; Feira da Manaus Moderna; Feira do Coroadó; Feira do Alvorada; Feira da SEPROR.

Discorreremos brevemente sobre cada uma para que possamos ter um vislumbre desses locais.

Feira Municipal do Produtor

A Feira Municipal do Produtor ou Feira do Produtor da Zona Leste, está localizada na Av. Camapuã - Rotatória do Produtor, Zona Leste de Manaus, próximo a lojas comerciais e ao bairro Jorge Teixeira. Essa feira iniciou-se por volta de 1994 (dados obtidos no blog da comissão gestora da Feira do Produtor de Manaus) quando se localizava ainda no estacionamento do antigo estádio Vivaldo Lima. Ali começou esta história e hoje a feira está dividida em duas: uma localizada no bairro de Santo Antônio, ao lado da câmara de vereadores e a outra na Zona Leste de Manaus, precisamente nos limites entre a Cidade Nova e o bairro do Jorge Teixeira. Segundo a Sub Secretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras - SUBSEMPAB (2017) esta existe a mais de 15 anos e foi inaugurada em setembro de 1996. Possui uma área total de 3.049.39 metros quadrados. A Feira do Produtor

hoje é a segunda maior Feira de Manaus. Segundo a SUBSEMPAB, os produtos existentes na feira têm como procedência a Feira Manaus Moderna, a Central Estadual de Abastecimento - CEASA, o terminal pesqueiro, a BR 174 e AM 010. Atualmente 220.000 (duzentos e vinte mil) quilos de produtos são comercializados por semana, com seu espaço geográfico dividido da seguinte forma: 32 restaurantes, 10 açougues, 10 bancas de peixe, 41 boxes centrais, 38 boxes extras, o Galpão II possui 60 espaços, no Galpão da Banana - 12 espaços, o Galpão IV - 38 bancas, no Galpão Frutas e Verduras possui- 27 bancas e no Frete - 28 vagas. Noronha (2010, p. 30) nos dá um vislumbre desse local quando afirma que:

A Feira Municipal do produtor fica na Avenida Grande Circular. Há grandes lojas nos arredores, como por exemplo, a empresa Bemol, uma loja onde se vende de tudo. Na feira, há predominância de uma população iletrada. A Feira tem vários boxes com lanchonetes, restaurantes entre outros. O local onde vendem verduras, frutas, legumes, castanhas é muito frequentado. Pessoas de todos os lugares da cidade vêm aqui para comprar. O preço nesta feira é um pouco mais em conta.

Segue abaixo duas figuras da feira do produtor em atividade.

Figura 01. Feira do Produtor - Zona Leste de Manaus



Fonte: Borges, 2017.

Figura 02. Feira Municipal do Produtor – Google Earth - Janeiro de 2017



Fonte: Google, 2016.

Feira da Manaus Moderna

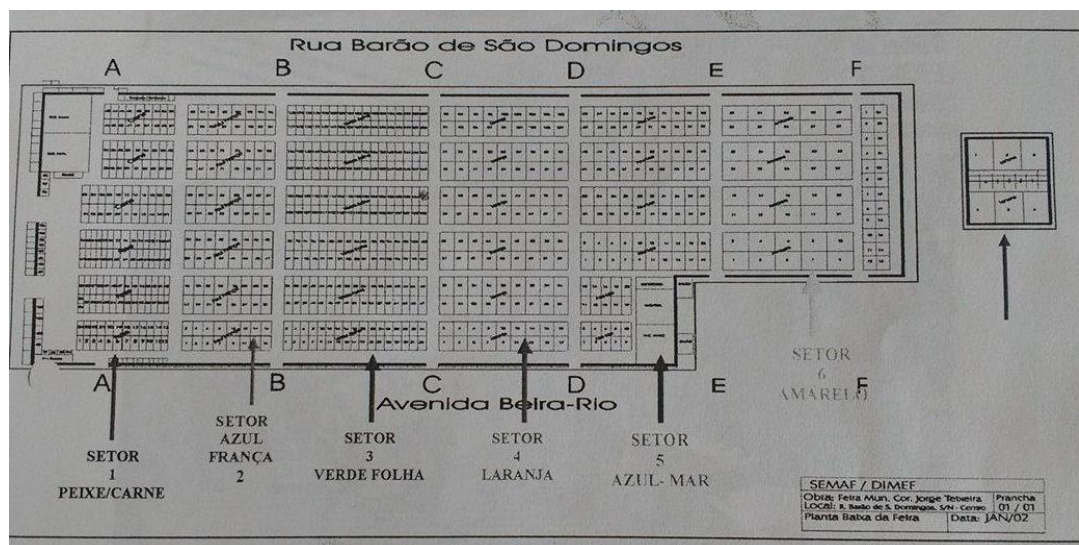
A Feira da Manaus Moderna ou também chamada por seu nome oficial, Feira Municipal Cel. Jorge Teixeira, está localizada na Rua Barão de São Domingos sem número, no Centro Manaus, AM, cuja área construída é de 8.251,84m, com 927 permissionários, 675 boxes, 236 bancas e 16 pedras, sendo 102 bancas para venda de peixes e 54 bancas de carnes e o restante em atividades diversificadas: frutas, verduras, estivas, bananas, lanches, restaurantes, bazar, produtos regionais e outros. Segundo a SUBSEMPAB (2017), a feira Cel. Jorge Teixeira foi inaugurada em 1994 e que nos anos seguintes, passou por algumas modificações e reformas, incluindo pintura, instalação de poço artesiano, aerólitos (exaustores) sala de curativos etc. Esta feira é administrada pela Prefeitura Municipal de Manaus através da Secretaria Municipal de agricultura e Abastecimento (SEMAGA), hoje Secretaria Municipal de Feiras e Mercados, Produção e Abastecimento (SEMPAB) tendo como auxiliar na parte de manutenção, uma comissão Gestora reconhecida pela LEI 123/2004.

Situada à beira do Rio Negro e incrustada no centro histórico da Cidade de Manaus, insere-se como ponto turístico da cidade e se configura como local de chegada e partida de inúmeros barcos que cruzam e entrecruzam o vale amazônico. Está situada estrategicamente passando por ela a população que se desloca do interior amazonense para a cidade de Manaus e vice-versa, na região da orla, defronte a um dos principais locais de atracação. Além do deslocamento populacional, tal feira é local de recepção e escoamento, por intermédio de barcos e caminhões, dos produtos advindos do interior do Amazonas e de outros estados, bem

como de Manaus para outras cidades no interior e em outros estados também. Ela funciona como uma central de abastecimento improvisada recebendo e repassando alimentos para a cidade de Manaus. Criada na década de 90, a Feira Manaus Moderna se transformou em um dos maiores entrepostos comerciais do Amazonas. No entanto, é notório que o volume de comercialização só não é maior devido à falta de infraestrutura. (JÚNIOR e NORONHA, 2014).

O abastecimento da feira por produtos hortifrutigranjeiros que são vendidos no atacado e varejo, são procedentes principalmente dos municípios de todo interior do Estado do Amazonas por via fluvial através de uma rotatividade de 2.000 barcos chamados recreios e pelas estradas BR 174 e AM 010, e também de outros estados como São Paulo, Goiás, Pará, Pernambuco, Porto Velho, Roraima que chegam por via aérea até Manaus, além das balsas via CEASA (armazéns, empresa privada) e área intermunicipais (área rural) da cidade de Manaus, cujos produtos abastecem a feira e muitas vezes chegando os produtos diretamente. Já o abastecimento de carne é feito por Manaus e frigoríficos com a importação de carne e até de nossa região e o abastecimento de pescado é feito através de barcos de recreio, terminal pesqueiro de Manaus e também porto da CEASA (SUBSEMPAB, 2017).

Figura 03. Feira da Manaus Moderna – Croqui da Nova Feira - Zona Centro Oeste



Fonte: SUBSEMPAB, 2017.

Ao se realizarem estudos nas feiras de Manaus, ou mesmo em qualquer âmbito, é preciso lembrar do ser humano como parte do meio, sendo assim Noronha (2010) complementa que: “As feiras também são lugares dos despossuídos, muitas vezes de gente sem emprego. [...] O lema “cada um que se cuide” parece estar na atmosfera das feiras. Cada

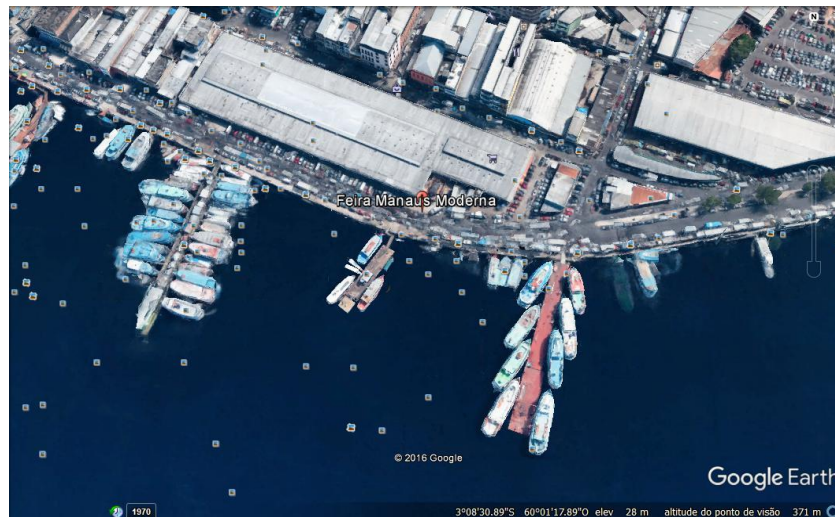
um sobrevive como pode. A pobreza é evidenciada em suas múltiplas dimensões na construção do espaço geográfico”.

Figura 04. Feira da Manaus Moderna – Zona Centro Oeste



Fonte: Borges, 2017.

Figura 05. Feira da Manaus Moderna – Google Earth – Janeiro de 2017



Fonte: Google, 2016.

Feira do Coroado

Localizada na Av. Cosme Ferreira – Aleixo, a feira do Coroado é rodeada por bairros adjacentes, como Coroado, Novo Aleixo, Cidade Nova. A feira em si não possui uma história própria divulgada, porém há uma estimativa que ela tenha sido formada ao decorrer da

história de fundação do bairro mais ou menos em 1980. Um trecho de uma matéria do Blog: “No Amazonas é Assim”, descreve a fundação do bairro, assim bem como sua oficialização:

Inaugurado oficialmente em 1980, o bairro conta atualmente com o Centro de Desenvolvimento Comunitário do Coroadó, local onde acontecem os eventos sociais: festas de aniversário e casamento, disputas esportivas, espetáculos musicais, ensaios dos grupos folclóricos, além de ser lá que se realizam todos os ensaios da Escola de Samba Mocidade Independente. A principal rua do bairro é sem dúvida a Alameda Cosme Ferreira, onde está encravado o maior centro comercial, prestação de serviços, empresas de várias linhas de ônibus. Mas a primeira rua construída no bairro foi a Emílio Garrastazu Médici que começa próximo ao INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), chegando às avenidas Beira Mar e Beira Rio, ambas seguindo o curso do igarapé do Quarenta, dividindo todo o bairro. Nesse trecho da rua Garrastazu Médici começaram as primeiras invasões do bairro, na década de 1970.

Em um trecho de um documento fornecido pela SUBSEMPAB (2017), a feira do Coroadó surgiu na década de 1980 e foi inaugurada em 1981 no governo do prefeito José Fernandes.

Os boxes da feira construída foram entregues aos usuários, que compraram os boxes pagando na forma de carnês, cuja mensalidade era repassada a SHAM (Superintendência da Habitação do Amazonas) hoje SUHAB. O funcionamento da feira trouxe muitos benefícios para o bairro onde outros comércios se instalaram nas proximidades, mas as vendas da feira tinham pouca demanda em decorrência da existência de uma feira clandestina que funcionava à rua Ouro Preto no mesmo bairro.

A prefeitura de Manaus transferiu os feirantes que trabalhavam na Rua Ouro Preto para uma área interna atrás da nova feira, como forma de desobstruir a rua ocupada pelos feirantes e atender reivindicações dos feirantes da feira construída pela SHAM (hoje SUHAB) formando um único centro de abastecimento no bairro do Coroadó.

A feira ocupa uma área total de 4.082,40m². Situada à Alameda Cosme Ferreira, bairro Coroadó III, possui 52 boxes e 22 bancas. São comercializados diversos produtos e atividades entre as quais: peixe, frutas, verduras, lanche, bazar, estivas e etc.

Figura 06. Feira do Coroado – Zona Leste de Manaus



Fonte: Borges, 2017.

Figura 07. Feira do Coroado – Google Earth – Janeiro de 2017



Fonte: Google, 2016.

Feira do Alvorada

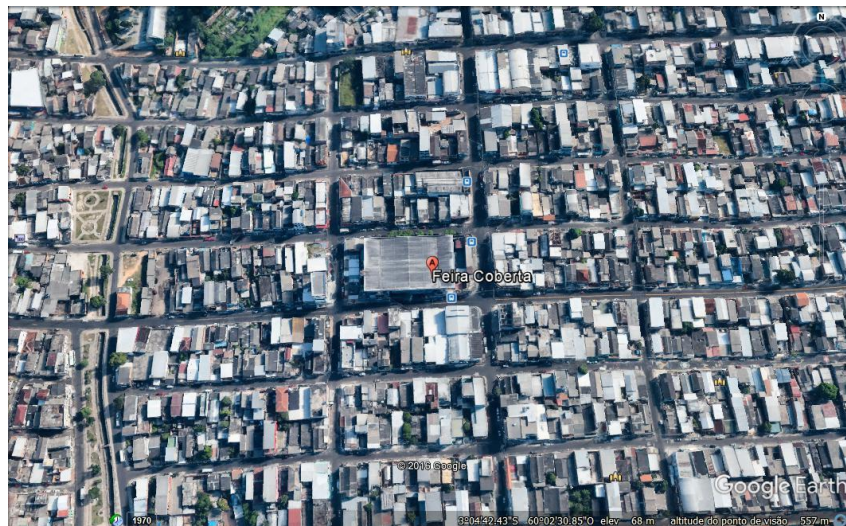
Localizada na Rua Rafael Assayag - 617, Alvorada, Zona Centro – Sul de Manaus, a feira do Alvorada é localizada na rua 5. Surgiu na data de 15.03.1978, passando por uma reforma no ano de 1997, com área total de 2.836,14 m². Situada à Rua 05, bairro Alvorada I, possui mais de 110 boxes e 166 bancas. São comercializados diversos tipos de atividades, entre as quais: peixe, frutas e verduras, açougue, estivas, armarinho, informática, salão de beleza e etc, tendo como a feira de abastecimento, a Feira Cel. Jorge Teixeira e barcos pesqueiros (SUBSEMPAB, 2017).

Figura 08. Feira coberta do Alvorada – Zona Centro Sul de Manaus



Fonte: Borges, 2017.

Figura 09. Feira coberta do Alvorada – Google Earth – Janeiro de 2017



Fonte: Google, 2016.

Feira da SEPROR

Se encontra localizada na Av. Torquato Tapajós, no bairro, Terra Nova, Zona Centro – Sul da cidade de Manaus. Não há uma história de início, em registros, mas sabemos que a mesma é pertencente a Secretaria de Produção Rural do Amazonas. Conseguimos alguns dados através do site G1 Amazonas. O local é destinado para a venda de produtos direto do produtor rural, funciona semanalmente de quarta a sábado, das 7h às 21h e no domingo, até o meio-dia. O feirão está localizado no Parque de Exposição Agropecuária Eurípedes Ferreira Lins, antiga Expoagro, na Avenida Torquato Tapajós. Atualmente, o Feirão da SEPROR

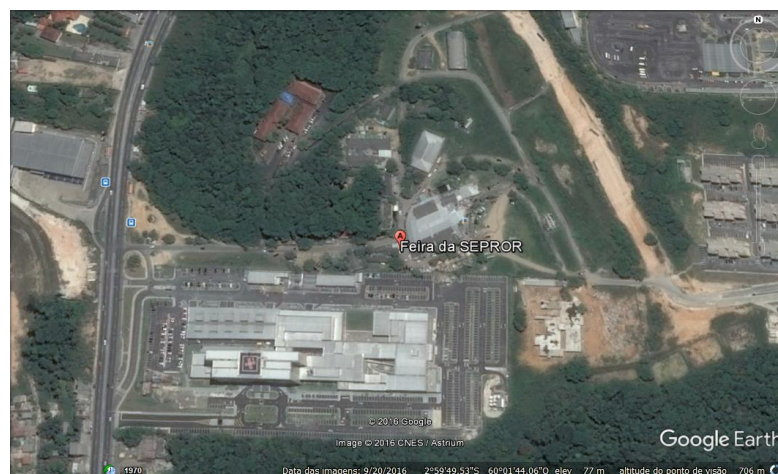
atende em média 500 produtores que fornecem produtos regionais diversos. Em média, são comercializados de oito a dez toneladas de pirarucu e outras espécies. Outros produtos em destaque e em abundância são o abacaxi com aproximadamente 80 mil frutos e a melancia com mais de 30 toneladas. Os produtos provenientes da produção familiar são oriundos da zona rural e de municípios no entorno da capital, da Região Metropolitana de Manaus, como Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Itacoatiara, Manacapuru, Iranduba, Careiro da Várzea, Careiro Castanho e Autazes. Abaixo segue foto da mesma.

Figura 10. Feira da SEPROR – Zona Norte de Manaus



Fonte: Borges, 2017.

Figura 11. Feira da SEPROR – Google Earth – Janeiro de 2017



Fonte: Google, 2013.

CAPÍTULO 2

O USO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (DC) COMO ALIADO NO PROCESSO DE DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS

“No Brasil existem poucos trabalhos científicos ou mesmo de divulgação sobre PANC [...] assim, espera-se que muitos trabalhos de conclusão de cursos (TCC), Dissertações e Teses, e pós – doutorados sejam conduzidos tendo como tema algo relacionado ao uso real da fitodiversidade brasileira ou de plantas naturalizadas e adaptadas às nossas condições”.

Kinupp e Lorenzi (2014, p. 18 e 20)

2.1 Os primórdios da Divulgação Científica

Quando se fala do termo Divulgação Científica, parece delimitar uma área restrita a qual somente pode ser alcançada em compreensão por pesquisadores e seus pares. Porém, atualmente, com os diversos meios de comunicação a disposição de qualquer pessoa, essa divulgação não está mais restrita a um grupo específico. Para entendermos isto, é preciso voltar ao princípio, aos primórdios da divulgação científica. Para isso, um pouco de história é essencial para essa compreensão.

Silva (2006, p.53) nos diz acerca do que chamamos de divulgação científica que ela compreende um conjunto tão grande e diverso de textos, envolvidos em atividades tão diferentes, que todas as tentativas de definição e categorização a-históricas acabam malogradas.

Por isso, entendemos a necessidade de falar dessa história, que teve seus registros iminentes no século XVIII, porém, Massarani, Moreira e Brito (2002) afirmam que atividades de divulgação científica surgiram junto com a própria ciência moderna.

Silva (2006, p.54) afirma que já no século XVIII anfiteatros europeus enchiam-se de um público ávido por conhecer novas máquinas e demonstrações de fenômenos pneumáticos elétricos e mecânicos, apenas para citar alguns exemplos. Para contextualizar esse período, é preciso nos remeter historicamente ao século XVIII. Esse século é o palco do Iluminismo, também da queda da Bastilha ou Revolução Francesa, também é o tempo em que figuras ilustres de destacam como: Bernoulli, Euler, D`Alambert, Lagrange, Lavoisier.

Essas demonstrações não são diferentes das que presenciamos hoje em dia e alguns desses divulgadores eram personagens históricos conhecidos como o Sir. Marat (1743-1793)

que era um dos principais personagens da chamada Revolução Francesa. Ainda havia palestrantes famosos como Desaguliers, que era curador de experimentos na Royal Society pertencente a Londres, também considerado como um historiador, um dos mais influentes da Europa por sinal.

Ainda no século XVIII, a ciência moderna estava em sua fase inicial, e foi se institucionalizando à medida que ia crescendo. Nessa época, é possível perceber que o público considerado “especializado” estava começando a se desenvolver profissionalmente com vistas ao grande crescimento das atividades científicas.

Naquele tempo já se formavam os primeiros periódicos. Bazerman (2000) diz que os periódicos especializados surgiram não fazia muito tempo, ainda eram em número reduzido e seu estilo, embora já novo no século XVIII em relação a outros estilos de textos, estava em desenvolvimento até chegar ao formato atual.

Sabe-se que a atividade científica durante o passar dos séculos vem ganhando autonomia, respeito e se institucionaliza e se profissionaliza cada vez mais, mas mesmo assim, percebe-se que ela se dá através de relações com outras atividades sociais, culturais e também econômicas dentro em uma sociedade pertencente.

Silva (2006, p. 56) destaca que:

A atividade científica, ou seja, uma das atividades de produção de conhecimentos, e com certeza, a de maior prestígio e legitimidade atualmente, se dá, portanto, por uma multiplicidade complexa de relações interlocutivas. Essas relações produzem textos, orais, escritos, visuais ou audiovisuais e, como são muitas e variadas, assim, como são muitos e variados os interlocutores, os textos são diferentes. Na medida em que as comunidades científicas foram se constituindo e a atividade científica foi se profissionalizando, alguns de seus textos, envolvidos nesse processo cada vez mais profissional e cada vez mais circunscrito a um número limitado de pessoas, acabaram ganhando, paulatinamente, certa estabilidade em termos de gênero e de estilos de escritura, como é o caso dos chamados *papers*, ou artigos científicos.

Já o século XIX foi um momento da história da divulgação científica em que os cientistas passaram por uma diferenciação de atitudes, onde começam a ser classificados os cientistas e os leigos. Mendes (2006) destaca em meados do século XIX, a existência de um movimento de diferenciação entre os cientistas e os não cientistas, caracterizando a ciência como algo hermético. Somente aqueles que detinham o conhecimento através de suas práticas poderiam então repassá-la, se pronunciando sobre ciência em busca de reconhecimento e valorização social. Ainda, naquele tempo, essa divulgação tinha ampla prospecção nos veículos e assim fazia chegar a população fragmentos de obras ou mesmo a obra inteira.

É preciso lembrar ainda que, nas palavras de Castelo Branco (2014, p.13) a divulgação científica reside na transformação dos conceitos científicos, através de uma linguagem mais simples e adequada ao público leigo. Por se tratar de informações já decodificadas ou recodificadas não exige necessariamente um conhecimento aprofundado sobre o assunto, ou seja, o nível do discurso é diferenciado, bem como a linguagem utilizada. Não há muita preocupação em demonstrar os processos, a burocracia, o tempo, os interesses, proporcionando inclusive uma ideia errônea de que a ciência é fruto de mentes brilhantes (BUENO, 2010).

Por outro lado, Castelo Branco (2014) destaca que a DC vai muito além do transpor a linguagem especializada para uma linguagem possível de ser compreendida pela população ou transformar dados de pesquisas, conceitos aparentemente abstratos em informação concreta e inteligível.

Precisamos também na tessitura deste momento, nos remetermos ao momento vivido pelo Brasil e que integrava o contexto das Divulgações Científicas que vinham se desenvolvendo.

Castelo Branco (2014) afirma que historicamente a Divulgação Científica teve suas origens no Brasil consolidadas em três correntes: a primeira corrente - com foco nas décadas de 1920, quando houve um aumento substancial na produção de Ciência e Tecnologia (C&T), e sua principal característica foi a participação dos próprios cientistas, utilizando-a como ferramenta para fortalecer as práticas científicas, valorizando a ciência “pura” ou “desinteressada”. Criaram artigos, jornais e outros veículos.

A segunda corrente já se mostra mais voltada para a popularização da Ciência com o objetivo de interagir com o público. Teve simbolicamente Roquete-Pinto como ponto de partida. Foi influenciada pela primeira fase e teve papel chave em sua ação, a utilização de rádio e de filmes que permitissem a aproximação do público com as ciências. Em 1960 valorizou a Educação em Ciências, a experimentação e práticas como as feiras de ciências.

A terceira fase se voltou para o jornalismo científico, mais propriamente a mídia impressa, emergente da imprensa de São Paulo. Teve José Reis, jornalista e cientista, como ícone desta fase e outros nomes como o de Manuel Calvo Hernando que inspirou associações de jornalismo científico em países da América Latina, capacitou jornalistas e a criação de seções de ciências nos jornais impressos. Esta corrente se fortaleceu nas décadas de 1980 e 1990 (MASSARANI; MOREIRA, 2012 *apud*, CASTELO BRANCO, 2014).

Oliveira (2012, p.13), fala que no Brasil, a partir da década de oitenta, muitas informações procedentes do âmbito científico passaram a ser publicadas na mídia impressa e

vários temas científicos foram incorporados à agenda de jornais e revistas de informação geral. Isso pode ser justificado, entre outros aspectos, pelo surgimento de seções que passaram a tratar de forma específica de descobertas científicas e tecnológicas, provenientes tanto da esfera nacional quanto da internacional, a fim de estabelecer uma aproximação entre a comunidade científica e o público não especializado.

Entendendo que essa aproximação se dá a partir do material gerado pela comunidade científica, esse “novo mundo”, que deslança de forma exponencial, vai atingindo o público que passa a ter esse conhecimento, dito científico, através da leitura e adesão às mídias desses conteúdos mais acadêmicos que vão se popularizando.

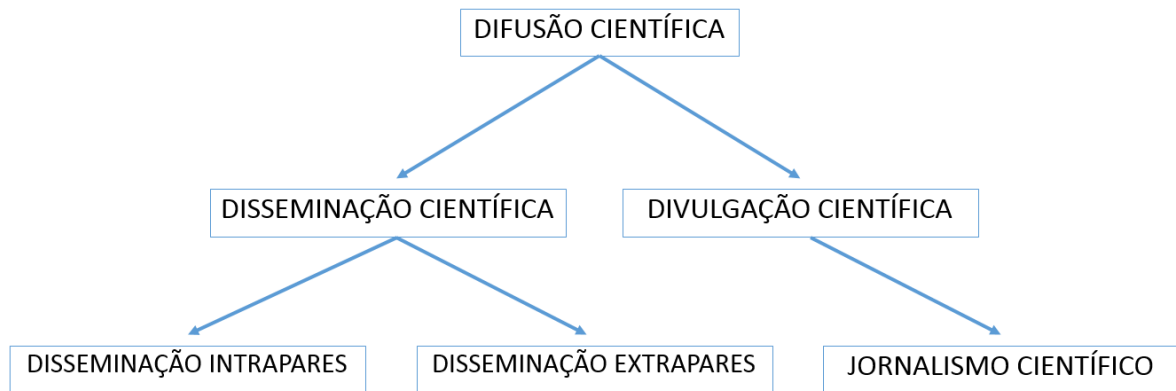
Sabemos que quando um cientista escreve, geralmente escreve para um público selecionado, que no caso são os próprios pesquisadores ou seus próprios pares, e que seu real objetivo é o reconhecimento da academia e para isso segue critérios específicos que caracterizam sua obra como parte desta. Oliveira (2012) nos dá esse vislumbre, dizendo que, ao escrever para seus pares, o cientista busca reconhecimento e validade para a sua pesquisa. É exatamente esse aspecto que determina os critérios utilizados e os cuidados em seguir uma estrutura específica, quando produz um texto. Aquele que escreve, no entanto, precisa agradar a um público diverso e inconstante, e para isso, preocupa-se em adotar critérios que tanto tornem o fato atraente quanto garantam credibilidade.

É portanto, na fusão dos domínios científico e jornalístico que se constrói o gênero a ser investigado [...]: o artigo de divulgação científica escrito por jornalistas e veiculado na mídia impressa. Esse gênero se caracteriza, de modo geral, por acolher em seu interior a informação precisa da ciência e sua estrutura específica aliadas à estrutura jornalísticas (OLIVEIRA, 2012, p. 24).

Para Bueno (1988, p. 23) “a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”. A conceituação de Bueno (1988), sobre a DC nos dá um grande espectro da divulgação que envolve a difusão, a disseminação e a divulgação (Figura 12). Sobre a divulgação tem-se que esta pressupõe um processo de recodificação, ou seja, a transposição de uma linguagem especializada para outra não especializada, tonando seu conteúdo acessível a um público amplo. No entanto, essa recodificação mencionada por Bueno (1988) não seria uma prerrogativa exclusiva do jornalismo. É de suma importância destacar que a divulgação científica não ocorre somente nos campos da imprensa, mas, pode também abranger aos campos das ciências, das aulas, das histórias em quadrinhos, cursos de curto prazo (extensão),

campanhas de prevenção a doenças entre outros materiais ou locais que também podem contribuir nesse processo.

Figura 12. Esquema explicativo sobre a Difusão Científica com base em Bueno (1988).



FONTE: Bueno, 1988.

Adaptado por Borges, 2017.

Após essa diferenciação e mediante a exposição dos marcos da divulgação científica nacional e internacionalmente, teremos que adentrar um pouco mais neste campo de estudo, e para isso, no próximo tópico esboçaremos um pouco mais de seus pressupostos.

2.2 Pressupostos da Divulgação Científica

Quando se utiliza a palavra pressuposto, deve-se ter em mente o seu significado real e inteiro do que esta representa. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra pressuposto engloba outras palavras que são: Pressuposição, Conjectura, Pretexto, Propósito, Tensão, Projeto, Plano. Além destas podemos atribuir a ela também “as entrelinhas”, assim quando se quer expressar algo que não está claro é preciso “ler as entrelinhas”, e os pressupostos da divulgação científica estão nesse interím.

Authier- Revuz (1998) fala que a divulgação científica constitui uma atividade de reformulação que transforma um discurso-fonte em um discurso-alvo, direcionado para um público específico de tal forma que:

Uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária e não visa

à formação de especialistas, isto é, não tem, por objetivo estender a comunidade de origem (AUTHIER – REVUZ, 1998, p.107)

Para compreender internamente a divulgação, é essencial perceber que esses conhecimentos saem dos círculos científicos internos e abrangem o externo, que são as pessoas, ou o chamado público não especializado. Outro pressuposto da DC que podemos destacar, é a compreensão responsiva abordada por Bakhtin (1997) em que:

[...] o gênero de divulgação científica dirige-se a um círculo preciso de leitores, com certo fundo aperceptivo de compreensão responsiva; é a outro leitor que se dirigem os textos que tratam de conhecimentos especializados, e é a um leitor muito diferente que se dirigirão as obras de pesquisas especializadas. Em todos esses casos levar-se-á em conta o destinatário (e seu fundo aperceptivo), e a influência dele sobre a estrutura do enunciado é muito simples: tudo se resume à amplitude relativa de seus conhecimentos especializados (BAKHTIN, 1997 [1979], p. 321-322).

Zamboni (2001) expõe que o “discurso científico e o discurso de divulgação científica são “entidades diferentes que se desenvolvem em cenários enunciativos específicos [...] cujos lugares de “emissão” e “recepção” não são ocupados pelos mesmos participantes, apesar de poder estar no lugar do enunciador o mesmo indivíduo empírico”. Sendo assim, podemos entender que basicamente o mesmo cientista que divulga seus estudos aos seus pares, pode também produzir textos de DC ao público leigo, porém em ambos os casos, cada um com seu diferencial, ou seja, para um público com menos acesso aos termos técnicos, é preciso informá-los, porém com menos termos técnicos, mas sem comprometer a fidedignidade do escrito. Bueno (1988) distingue três aspectos ligados DC que são a difusão, a disseminação e a divulgação, a qual é permeada por relações complexas, as quais são tomadas como reais e que tem os seus efeitos de verdade.

Questionando a existência de uma qualidade inerente e essencial, que definiria de antemão a sua prática, o domínio da comunicação pública do conhecimento poderia emancipar-se da referência à ideia de verdade. Desta forma, a produção de conhecimentos não seria restrita a determinadas áreas do conhecimento e a metodologias específicas, mas atuaria criticamente no campo mais profundo (e mais imediato) do comum partilhado por todas, efetuando a contínua renovação e ampliação do que se entende por produção de conhecimento e sua difusão. Dado que a divulgação científica, assim como a ciência, pode ser entendida como uma prática, ela também acaba sendo moldada, ao longo do tempo, por seus atores (GARCIA, 2014, p. 5).

Essa renovação é feita a partir do entrelaçamento dos conhecimentos, da inter-relação das áreas entre si, não ficando somente restrito às ciências, as quais são vistas por muitos como detentoras do saber absoluto e experimentado, mais sim, a riqueza de

conhecimentos transposta para outras áreas é que contribui significativamente nesta revolução.

Garcia (2014, p. 7) no tocante ao campo da DC afirma que esta, assume como aberta, múltipla e sem garantias, quando se ocupa do questionamento contínuo dos saberes hegemônicos, da constante redefinição da ideia de ciência, quando se dissolvem as fronteiras hierárquicas entre a divulgação e a produção de conhecimento, ou ainda, entre as artes e as ciências. A DC, em sua essência, preza pela discussão contínua e pela redefinição da ideia de ciência, bem como pelo aumento de sua divulgação que depende da ruptura da noção hierárquica científica que somente leva à divisão e enfraquecimento; a divulgação da ciência é a porta de saída dos saberes para o ser humano de uma forma geral.

Araújo (2002) destaca que mesmo antes de participar da produção textual agindo para a construção de sentido, o leitor participa dela por se fazer presente no horizonte de quem escreve, ou seja, quando se escreve, estabelece-se uma relação entre os interlocutores, sendo o leitor um interlocutor definido ou não.

A relação escrevente – leitor permite determinadas construções linguísticas e sociais para a interação, que influem, por sua vez, na própria significação e no processo de exposição/argumentação sobre o objeto de estudo de um texto (ARAÚJO, 2002, p.1).

Mesmo que o escrito não tenha um público direcionado, sempre terá no horizonte do escritor, o leitor e suas possíveis interações, as quais podem ocorrer das mais variadas formas e sentidos, pertinentes a cada momento e tempo. Para isso, a argumentação da escrita, a forma como a mesma se dá é fundamental para que essa interação ocorra com sucesso. Para isso Marcuschi (1999) diz que a relação do escrevente com seu público leitor pode revelar-se de maneira mais evidente ou menos marcada, e “de diferentes formas, com intensidade variada, nos diversos gêneros textuais”, podendo-se inclusive afirmar que estes “distinguem-se em boa medida pelo tipo de receptor desenhado” pelo escrevente.

Por outro lado, Prestes (2007) destaca que uma abordagem que desenvolva atitudes críticas diante de acontecimentos que envolvam conhecimentos científicos e tecnológicos e a tomada de decisões sobre temas relativos à ciência e tecnologia, contribui para a formação de cidadãos capazes de se comunicarem, argumentarem, compreenderem e agirem em diferentes situações da vida em sociedade. Ou seja, a divulgação enquanto ação, pode proporcionar aos leitores novas atitudes que não eram realizadas antes, como por exemplo, fazer uma leitura

diferenciada de um rótulo de produto alimentício, conseguir balancear sua própria alimentação, ou mesmo conseguir se posicionar frente a um diálogo.

Silva e Cruz (2004) corroboram, as ideias de Prestes (2007) ao afirmarem que um artigo precisa contemplar os diversos atributos da categoria científica não descartando que a partir desses atributos deve haver indicativos de uma concepção de ciência divergente daquela que se pretende construir. O artigo pode servir de elemento motivador para discussões e não apenas como fonte de informações definitivas. Um artigo não precisa, necessariamente, apresentar todos os atributos de cada dimensão analisada anteriormente. Por isso, a questão do diálogo é sempre pertinente a qualquer tipo de leitura, mesmo quando o escritor tiver ideias diferentes do que pretendemos discutir, é preciso também lidar com elas e construir um diálogo, ou pensamento sobre este. Caldas (2010) diz, afinal, que o conhecimento não se constrói apenas com informações, mas, sobretudo, com o debate do contraditório e com tempo mínimo de reflexão para a tomada de decisão e escolhas conscientes.

Caldas (2011) destaca que as culturas são distintas e pouco se conhece das condições de produção do trabalho do outro, idealiza-se o conhecimento, a precisão, o tamanho do texto e até o destaque no veículo. Para a formulação de novos trabalhos de divulgação, associações ocorrem com frequência, entre pesquisadores e jornalistas, e estas são imprescindíveis.

2.3 Um vislumbre de estudos anteriores utilizando a Divulgação Científica

Como dito anteriormente a Divulgação Científica está presente em todos os campos das ciências e da tecnologia. Por isso, evidenciar os estudos realizados se faz tão importante, pois evidenciando os mesmos, podemos ver o quanto a DC vem crescendo com o passar dos tempos.

É importante salientar trabalhos como de Caldas (2010) que vem trazendo as relações de poder no processo de divulgação científica. A autora vem trazendo o discurso complexo dos cientistas e o discurso leigo dos jornalistas:

[...] faz uma reflexão sobre as relações de poder presentes no processo de divulgação científica, considerando as diferenças de cultura dos jornalistas e dos cientistas. Aborda as tensões e os conflitos existentes entre o discurso competente dos especialistas e o discurso leigo dos jornalistas no processo de construção do discurso jornalístico. Discute a função de ambos na formação da opinião pública e a responsabilidade social desses atores na construção da memória científica na mídia, considerando seu papel na construção da memória coletiva sobre as políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação (C&I), sua trajetória histórica, produção científica e os riscos e os benefícios dessa produção para a sociedade (CALDAS, 2010, p.31).

Furtado (2016), traz à tona a discussão sobre a inserção do gênero artigo de divulgação no currículo do ensino médio, o qual já se remete a educação, e seus impasses, quanto à leitura, percepção e aprendizagem dos alunos com material desse gênero. A autora afirma que:

Esta pesquisa procura defender a inserção do gênero Artigo de Divulgação Científica no currículo do Ensino Médio como forma de trabalho interdisciplinar que promova o ensino-aprendizagem de leitura e escrita, assim como de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Essa proposta está de acordo com os propósitos do atual Plano Nacional da Educação e com o Currículo Referência de Educação do Estado de Goiás, pois além de preparar para a cidadania o trabalho e a continuação dos estudos e este defende o estudo de gêneros de escrita, embora não insira o Artigo de Divulgação Científica em seu rol de gêneros de escrita a ser trabalhados no ensino médio.

Angerami (1994), faz uma espécie de apelo, para que os profissionais da área escrevam na revista Latino – Americana de Enfermagem.

Essa revista abre um espaço a todos os enfermeiros para apresentarem a comunidade científica o resultado de seus trabalhos, estimula o debate e o intercâmbio entre enfermeiros inseridos na assistência ou no ensino. A pouca produção científica em enfermagem tem retardado a construção do seu saber, acrescido do fato de haver centralização da produção nas Universidades e decréscimo da produção por enfermeiros assistenciais, portanto conclamamos os enfermeiros que superem a timidez e passem a acreditar no valor de seu trabalho, ocupando todos os espaços que lhe são oferecidos, como o desta revista, para divulgar o importante papel social que desempenham (ANGERAMI, 1994, p.2).

Textos que nos propõem uma reflexão como o de Silva (2006), vem trazendo a questão do ensino de ciências relacionada à DC, no sentido de que a cientificidade pode atingir todas as áreas, o que não facilita a DC. Ressalta que o uso de textos de divulgação científica no ensino de ciências vem sendo amplamente divulgado já há vários anos e parece hoje ser uma prática corrente em muitas escolas. Mas, quando dizemos: “isso é um texto de divulgação científica”, de que tipo de texto estamos falando? (SILVA, 2006, p.1).

Garcia (2014) traz à baila a ideia de uma proposta de cartografia de caminhos e práticas para a DC, considerando os caminhos, as filosofias, e as ciências humanas. Prestes e Silva (2007), destacam a questão da Ciência, Tecnologia e Sociedade, ao analisar artigos publicados em jornais de circulação nacional, ao sintetizar em seu trabalho que:

Este artigo apresenta uma análise da incorporação de artigos de divulgação científica publicados em jornais de circulação nacional sobre questões energéticas, na sala de aula de Física no ensino médio. A viabilidade do uso dos artigos em sala de aula foi analisada a partir de seus atributos nas dimensões científica, tecnológica, social e das interações Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), conforme proposto por Silva e Cruz (2004). Em um exemplo de artigo, foram explicitados conceitos científicos presentes, aspectos relativos à natureza da ciência implícita ou explícita, implicações

tecnológicas, impactos na atividade econômica e no meio ambiente, os grupos sociais afetados pelo tema e as interações CTS. Tal análise pretende subsidiar o uso dos artigos como recurso didático e fonte de aprendizagem, possibilitando discussões e atividades nas quais os alunos exponham suas concepções e critiquem e debatam outras concepções reconstruindo seus conhecimentos sobre problemas energéticos (PRESTES e SILVA, 2007, p.1)

Ainda, ao se discutir a relação entre a diferenciação de artigos científicos e DC evidencia-se a forte relação entre escrevente e leitor, onde o leitor transparece na visão do escrevente de forma linear, porém, sem forma, e para isso o escrevente deve se apropriar de técnicas que permitam ter essa multiplicidade de leitores.

No âmbito da escrita e linguagem, temos o trabalho de Giering (2009), que aborda a organização retórica de artigos de divulgação científica, e quais as influências sobre o produtor deste tipo de publicação.

Além dos estudos acima citados, em nível nacional, oriundos de diversas regiões do país, não poderíamos deixar de citar os trabalhos de divulgação científica que são resultantes do percurso do Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências na Região Amazônica, sendo este fruto de estudos de dois anos dos alunos do mestrado supracitado.

O trabalho de Neves (2013), visou analisar as matérias de capa da revista Amazonas faz Ciência, sendo este material produzido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, avaliando a capa de 22 edições desta revista de 2005 a 2011 e analisou também, os recursos didáticos utilizados para divulgar ciência.

O trabalho de Magalhães (2013), fala a respeito da divulgação científica para o público infantil, sendo o ponto de partida o Museu da Amazônia (MUSA) e teve como objetivo entender as formas de interação do museu com o público infantil e como se realiza a Divulgação Científica no MUSA.

Um trabalho que chamou a atenção foi o realizado por Tomás (2013) onde foi analisado por um período de 12, meses as postagens do *Twitter* institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, totalizando 1.378 *tweets*, de 140 caracteres, ressaltando que *os tweets* propõe maior facilidade de acesso a links, assim bem como, um estilo da escrita de fácil acesso ao público, e que apesar de ser uma linguagem simples mesmo assim mantém o seu predomínio da norma culta com o uso de poucos adjetivos.

O trabalho de Mateus (2013) analisou o processo de divulgação científica realizado na página *web* do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na

Amazônia da UEA, este contou com indicadores de qualidade de usabilidade deste, além de questionários eletrônicos, para avaliar a percepção dos usuários do website.

Castelo Branco (2014) estudou a difusão de conhecimentos científicos produzidos no Projeto Observatório da Educação (POE/CAPES/UEA), cujos conhecimentos foram gerados a partir de reflexões dos conceitos de Divulgação Científica (DC), Comunicação Científica (CC) e Difusão Científica tendo em vista as especificidades de cada uma.

Rendeiro (2014) vem trazendo o processo de divulgação do conhecimento científico no ensino médio com professores presenciais, alunos e ex-alunos do ensino médio presencial. Este estudo evidenciou, a existência de divulgação científica dentro do processo de ensino presencial mediado por tecnologia mostrando o aprendizado matemático.

Nogueira (2014) analisou a produção de vídeos por parte das crianças, sendo este um instrumento facilitador para que a criança realize divulgação científica, sendo o celular uma dessas ferramentas do cotidiano do aluno.

CAPÍTULO 3

CONSTRUINDO O PERCURSO DA PESQUISA

“O treinamento de escrever continua sendo prazerosa forma de agregação de valor, crescimento e continua a compensar o esforço”.

Teixeira (2013, p.18)

A construção de algo nem sempre é uma tarefa fácil, ainda mais quando se quer ter um resultado bem organizado e porquê não grandioso? Sendo assim, entendemos que o presente momento se trata de algo único, sendo quase impossível voltar a fazer novamente esse peculiar percurso. Assim, como toda pesquisa em qualquer âmbito de estudo, o momento de sua estruturação gera dúvidas, questionamentos e busca incessante pela melhor forma de fazê-lo. Por isso, enquanto a mesma tomava corpo, o método a ser abordado era alvo de questionamentos, pois, o mesmo deveria se adequar de forma clara e consistente o presente trabalho, com vistas a corresponder os problemas levantados na mesma. Assim, entendemos que a metodologia é um corpo de regras e de diligências firmadas para se realizar uma pesquisa com eficácia e coerência. Por isso, Richardson (2014, p.15) afirma que:

Não existe uma fórmula mágica e única para realizar uma pesquisa ideal; talvez não exista nem existirá uma pesquisa perfeita. A investigação é um produto humano, e seus produtores são seres falíveis. Isto é algo importante que o principiante deve ter “em mente”: fazer pesquisa não é privilégio de alguns poucos gênios. Precisa-se ter conhecimento da realidade, algumas noções básicas da metodologia e técnicas de pesquisa, seriedade e, sobretudo, trabalho em equipe e convivência social.

Diante do exposto acima, entendemos que toda pesquisa deve ser estruturada e apresentar uma organização para que seja feita com rigor metodológico. Abaixo mostraremos como esta foi desenvolvida.

3.1 Da natureza e do caminho tomado na pesquisa

No presente trabalho, entendemos que a abordagem qualitativa é aquela que nos dá um maior embasamento, principalmente por se tratar de uma pesquisa com seres humanos. Quanto a isso Richardson (2014) afirma que a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Problemas diferentes podem exigir diferentes

formas de investigação, para uns se adequa a metodologia qualitativa, para outros a quantitativa e outros mais exigem investigações mistas.

Levando em conta a natureza dessa pesquisa, entendemos que para este trabalho utilizamos a pesquisa descritiva que é o tipo de pesquisa que busca a descrição das características de determinada população ou grupo.

A técnica de coleta de dados será o Estudo de Caso, pois segundo Yin (2010) o estudo de caso é uma investigação empírica que trata de um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real; verifica os limites em que o fenômeno e o contexto que não são claramente evidentes. Ainda para Yin (2015), o estudo de caso permite uma investigação que se preserva as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processo organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores. Desta maneira, percebemos que o Estudo de Caso é uma técnica que preza a investigação bem estruturada, delimitada e organizada para que os dados coletados possam fazer jus a pesquisa que a está utilizando. Por isso, no Estudo de Caso, o pesquisador precisa ter uma maturidade pessoal, que pode ser alargada por meio da leitura e compreensão dos passos cronológicos da pesquisa. Segundo Yin (2010) o Estudo de Caso possui formas diferentes de operação, dentre eles, ressaltamos o estudo de casos múltiplos e o estudo de caso único, também chamado de singular. O estudo de caso único visa como objeto, um único local de estudo, tendo este como fonte de coleta principal de materiais necessários para análise posterior. Já o estudo de casos múltiplos visa mais de um local de estudo.

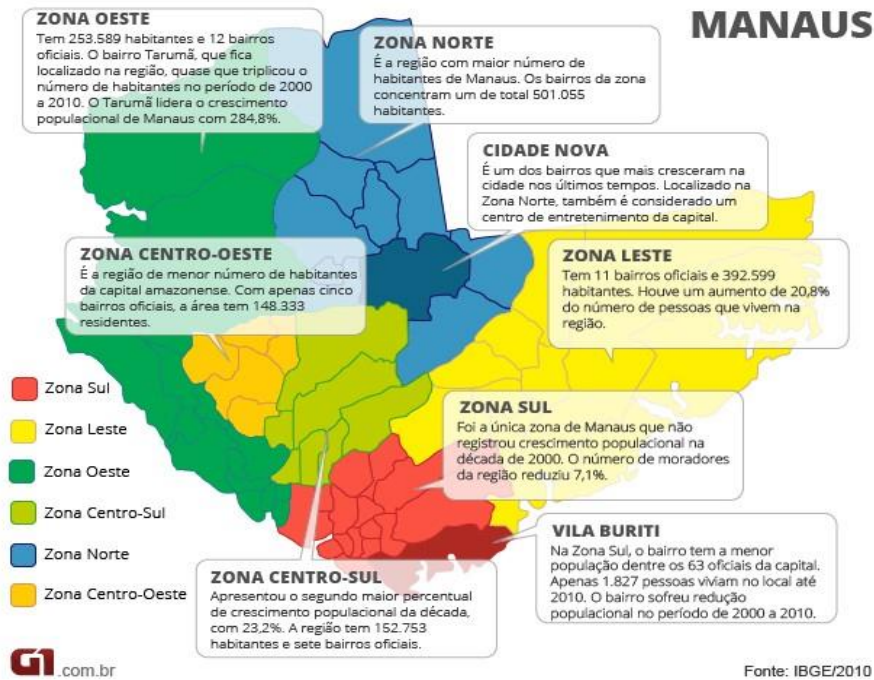
Para nosso trabalho, escolhemos o estudo de casos múltiplos, pois entendemos ser a maneira mais coerente de se realizar este, tendo em vista que temos cinco espaços físicos (feiras da cidade de Manaus), o que se enquadra perfeitamente na definição de Yin (2010) para a aplicação dessa técnica de pesquisa.

3.2 Dos locais de Estudo

A pesquisa foi realizada em cinco (05) feiras da cidade de Manaus: Feira Municipal do Produtor; Feira da Manaus Moderna; Feira do Coroado; Feira do Alvorada e Feira da SEPROR. Os critérios de escolha desses locais se deram pelo fato de serem onde ocorrem com frequência a compra de alimentos, sendo que neles também temos os feirantes, que vendem plantas em suas mais diversas funções e utilidades, e também por cada uma estar localizada em uma das 6 zonas (Figura 13) da cidade de Manaus que são Zona Oeste, Zona

Centro - Oeste, Zona Norte, Zona Leste, Zona Sul e Zona Centro Sul. Por isso para se ter contato com esse público a ida a esses locais se fez de extrema importância.

Figura 13. Mapa da cidade de Manaus por Zonas e Cores



FONTE: <http://g1.globo.com/am/amazonas/manaus-de-todas-as-cores/2014/noticia>

3.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram os vendedores de hortaliças e alimentação em geral, os consumidores que estavam em compra nesses locais (as feiras) e também o público em geral que visitavam esses locais. Assim sendo, definimos um cronograma de visitas para fins da coleta de dados da pesquisa conforme mostra a tabela 01.

Tabela 01 – Cronograma de visitas e coletas de dados nas feiras

FEVEREIRO/2017							
	<i>SEG</i>	<i>TER</i>	<i>QUA</i>	<i>QUI</i>	<i>SEX</i>	<i>SÁB</i>	<i>DOM</i>
1ª SEM	*	*	01 – FP	02 – FMM	03 - FC	*	*
2ª SEM	06 – FA	07 – FS	08 – FP	09 – FMM	10 - FC	*	*
3ª SEM	13 – FC	14 – FMM	15 – FS	16 – FP	17 - FA	*	*
4ª SEM	20 – FA	21 – FS	22 – FP	23 – FMM	24 - FC	*	*
5ª SEM	27 – FC	28 – FMM	*	*	*	*	*

FP - Feira do Produtor; FMM - Feira Manaus Moderna; FA - Feira do Alvorada; FC - Feira do Coroadó; FS - Feira da SEPROR;

MARÇO/2017							
	<i>SEG</i>	<i>TER</i>	<i>QUA</i>	<i>QUI</i>	<i>SEX</i>	<i>SÁB</i>	<i>DOM</i>
1ª SEM	*	*	01 – FS	02 – FP	03 – FA	*	*
2ª SEM	06 – FA	07 – FS	08 - FP	09 – FMM	10 – FC	*	*
3ª SEM	13 – FC	14 – FMM	15 – FS	16 – FP	17 – FA	*	*
4ª SEM	20 – FA	21 – FS	22 – FP	23 – FMM	24 – FC	*	*
5ª SEM	27 – FC	28 – FMM	29 – FS	30 – FP	31 – FA	*	*

FP - Feira do Produtor; FMM - Feira Manaus Moderna; FA - Feira do Alvorada; FC - Feira do Coroadó; FS - Feira da SEPROR;

ABRIL/2017							
	<i>SEG</i>	<i>TER</i>	<i>QUA</i>	<i>QUI</i>	<i>SEX</i>	<i>SÁB</i>	<i>DOM</i>
1ª SEM	*	*		01 - FMM	02 - FC	*	*
2ª SEM	03 – FC	04 - FMM	05 - FS	06 – FP	07 - FA	*	*
3ª SEM	10 – FA	11 - FS	12 - FP			*	*
4 SEM						*	*
5 SEM						* ¹	*

FP - Feira do Produtor; FMM - Feira Manaus Moderna; FA - Feira do Alvorada; FC - Feira do Coroadó; FS - Feira da SEPROR;

Fonte: Borges, 2017

¹ * O presente quadro foi estruturado para a visita sistemática dos 5 locais sendo feita ao total 10 visitas em cada feira. Perfazendo assim um total de 50 visitas em todas as feiras e para cada visita estimadas a realização de um mínimo de 2 entrevistas e 2 questionários.

3.4 Dos procedimentos éticos na pesquisa

Foi realizado um procedimento ético para o início da pesquisa sendo ele, um termo de consentimento para os entrevistados, para o consentimento do uso das falas transcritas no presente trabalho.

3.5 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos metodológicos

Os instrumentos de coleta que utilizamos nesta pesquisa foram: Documentação em Questionário, Entrevista Espontânea e Focal, Observação direta (Diário de Campo) e Artefatos Físicos. Yin (2015), nos embasa acerca do uso dos instrumentos de coleta quando diz que não importa como se adquira experiência, todo pesquisador de estudo de caso deve ser bem-versado em uma gama de técnicas para a coleta de dados, a fim de que o estudo de caso possa se valer de várias fontes de evidências. Sem essas fontes múltiplas, estaríamos perdendo uma vantagem inestimável da estratégia de estudo de caso.

Em nosso trabalho, a coleta de dados ocorreu por um tempo aproximado de 03 meses compreendendo os meses de fevereiro de 2017 a abril de 2017 (Tabela 1). A coleta de dados ocorreu através de visitas periódicas nas cinco (05) feiras, as quais foram estimadas em torno de 50 visitas no total, sendo cada visita com aproximadamente 4 horas, estabelecendo assim, um total de 200 horas durante a coleta de dados. Para a ida em cada feira organizávamos um roteiro prévio de perguntas que seriam feitas, acompanhadas do gravador de voz e bloco de anotações, além do telefone celular para as eventuais fotos. Durante as visitas de campo eu contava com uma pessoa auxiliar (meu esposo) pois enquanto estava fazendo uma entrevista, ele ia atrás de outras pessoas que estavam no local para que contribuíssem conosco. É importante salientar, que as visitas a esses locais, não devem ser feitos de qualquer modo, mas é essencial uma segunda pessoa para dar apoio não só no momento da pesquisa, mais também para a segurança pessoal.

3.5.1 Entrevista Espontânea e Focal

Na construção da entrevista foi preparado um roteiro prévio que continha perguntas que permitissem que os participantes pudessem mostrar seus conhecimentos a respeito das PANC (caso possuíssem), evidenciando assim as possíveis causas de conhecimento ou desconhecimento sobre as mesmas. Appolinário (2011) afirma que a entrevista é um

procedimento que envolve o encontro de duas pessoas, entrevistador e entrevistado. Seguimos o norteamento de Yin (2015) acerca dos tipos de entrevista ao afirmar que estas podem assumir formas diversas. É muito comum que as entrevistas, para o estudo de caso, sejam conduzidas de forma espontânea. Essa natureza das entrevistas permite que você tanto indague sobre os fatos de uma maneira geral, quanto peça a opinião deles sobre determinados eventos.

Outra forma de entrevista utilizada foi a Focal. Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA e GONDIM, 2001). Já Merton (et al., 1990) afirmam que essa técnica corresponde ao procedimento no qual o respondente é entrevistado por um curto período de tempo - uma hora, por exemplo.

Nesses casos, as entrevistas ainda são espontâneas e assumem o caráter de uma conversa informal, mas você, provavelmente, estará seguindo um certo conjunto de perguntas que se originam do protocolo de estudo de caso. Por isso, no momento das entrevistas, tínhamos conosco o roteiro da entrevista contendo 5 perguntas, sendo 2 questões fechadas e 3 três questões abertas. Para esse momento levávamos, também, o gravador de voz, caderneta de anotações e a pasta de campo. E assim, seguimos nossa pesquisa nas 5 feiras. Com isso obtivemos 32 entrevistas no total (Tabela 2), com quantidades de coleta diferentes.

Tabela 02 – Número de entrevistas coletadas nas cinco feiras durante nossa pesquisa.

<i>FEIRA</i>	QUANTIDADE
<i>FEIRA DO PRODUTOR</i>	11
<i>FEIRA MANAUS MODERNA</i>	10
<i>FEIRA DO COROADO</i>	3
<i>FEIRA DO ALVORADA</i>	4
<i>FEIRA DA SEPROR</i>	4
<i>TOTAL</i>	32 ENTREVISTAS

Fonte: Borges, 2017

Na Tabela 02, acima, podemos observar que as Feiras do Produtor e Manaus Moderna, foram as feiras que mais tivemos entrevistados. Isso deve-se ao maior fluxo de pessoas nesses locais, e a aceitação pelo público em geral foi maior, por isso nessas duas feiras conseguimos uma coleta superior às outras 3 feiras.

3.5.2 Observação Direta

Para a presente pesquisa escolhemos a observação direta não participante, que segundo Richardson (2014), o investigador não toma parte nos conhecimentos que são objeto de estudo como se fosse membro do grupo observado, mas apenas atua como espectador atento.

Então, foi realizada a observação quanto ao modo como as PANC são (ou não são) adquiridas pelas pessoas que frequentam feiras e locais de aquisição de alimentos de horticultura, conforme definido anteriormente e estas observações foram registradas em diários de campo agrupados por feiras.

Esses diários foram elaborados, através de visitas sistemáticas aos nossos locais de coleta. Por isso, tudo o que ouvimos e vimos foi registrado nesses diários. Algumas vezes fizemos as anotações no próprio local enquanto víamos o que estava ocorrendo e outras vezes anotamos quando chegávamos em casa, pois era inviável as anotações *in loco* algumas vezes.

Como resultado geramos um diário de campo com 16 páginas de registros de vivências nesses cinco (05) ambientes. Orientado por Lewgoy e Silveira (2009) construímos nossos diários de campo. Abaixo (Quadro 01) temos o modelo gerador de nosso diário.

Quadro 01 – Proposta de conteúdo para elaboração do Diário de Campo.

Para que serve?	Instrumentos utilizados para elaborar o diário	Conteúdo do diário	Produto
Registrar ações e emoções do cotidiano do processo de formação, de forma sistematizada identificando o alcance ético – político, teórico – metodológico e técnico – operativo, a fim de tornar o diário um instrumento que tenha valor de uso na construção do relatório de análise sócio – institucional e outros documentos no processo de supervisão de estágio.	<ul style="list-style-type: none"> - Os objetivos propostos na pesquisa; - O inventário (pesquisa bibliográfica); - A observação; - As visitas; -Leitura dos documentos; 	<p>Descrever processualmente todas as atividades realizadas para o desenvolvimento do trabalho (O QUE, QUANDO, COMO, COM QUEM, POR QUÊ, PARA QUE, PARA QUEM)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Data - Horário - Local - Planejamento - Ação - Objetivos - Sujeitos - Desenvolvimento - Avaliação 	<p>Os conteúdos descritos no diário devem contextualizar as atividades desenvolvidas no campo [...] em caráter de descrição descritivo – analítico.</p>

FONTE: Lewgoy e Silveira, 2009.

3.5.3 Artefatos Físicos

Yin (2015) aponta, como última fonte de evidências, o artefato físico ou cultural, podendo ser este um aparelho de alta tecnologia, uma ferramenta ou instrumento, uma obra de arte ou alguma outra evidência física. Podem-se coletar ou observar esses artefatos como parte de uma visita de campo e pode-se utilizá-los ostensivamente na pesquisa antropológica. Esses artefatos em nossa pesquisa são as plantas que estamos pesquisando assim como os registros documentais a respeito das mesmas, coletados através das entrevistas, questionários e observações. Nas feiras pudemos observar como artefato físico, as próprias plantas no local de venda. Observamos que as PANC não são tão presentes nas feiras, e há uma grande confusão entre consumidores e vendedores quando se relaciona as PANC e plantas medicinais. Abaixo (Quadro 2) relacionamos as Plantas Alimentícias Não Convencionais que foram encontradas nas respectivas feiras.

Quadro 02 – Relação das espécies de PANC encontradas nas cinco feiras estudadas.

FEIRA	NOME USUAL	NOME CIENTÍFICO
FEIRA DO PRODUTOR	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>
	Chicória-de-caboclo	<i>Eryngium foetidum L.</i>
	Pupunha	<i>Bactris gasipaes Kunth</i>
	Crajirú	<i>Fridericia chica (Bonpl.) L.G. Lohmann</i>
	Preciosa	<i>Aniba canelilla (Kunth) Mez</i>
	Caapeba- amazônica	<i>Piper peltatum L.</i>
	Noni	<i>Morinda citrifolia L.</i>
	Jambu	<i>Acmella oleracea (L.) R.K. Jansen</i>
	Coirama	<i>Kalanchoe pinnata (Lam.) Pers.</i>
Alfavaca	<i>Ocimum campechianum Mill</i>	
FEIRA DO COROADO	Taioba	<i>Xanthosoma taioba E.G. Gonç.</i>
	Açaí	<i>Euterpe oleracea Mart.</i>
	Pupunha	<i>Bactris gasipaes Kunth</i>
	Jambu	<i>Acmella oleracea (L.) R.K. Jansen</i>
	Chicória-de-caboclo	<i>Eryngium foetidum L.</i>
	Alfavaca	<i>Ocimum campechianum Mill</i>
MANAUS MODERNA	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides L.</i>
	Pupunha	<i>Bactris gasipaes Kunth</i>
	Jambu	<i>Acmella oleracea (L.) R.K. Jansen</i>
	Ora-pro-nóbis	<i>Pereskia bleo(Kunth) DC.</i>
	Coirama	<i>Kalanchoe pinnata (Lam.) Pers.</i>
	Cariru	<i>Talinum triangulare (Jacq.) Willd.</i>
	Açaí	<i>Euterpe oleracea (L.) R.K. Jansen</i>
	Alfavaca	<i>Ocimum campechianum Mill</i>
Crajirú	<i>Fridericia chica (Bonpl.) L.G. Lohmann</i>	
FEIRA DA SEPROR	Bacuri	<i>Garcinia madruno (Kunth) Hammel</i>
	Samambaia	<i>Pteridium aquilinum (L.) Kuhn</i>
	Pupunha	<i>Bactris gasipaes Kunth</i>
	Alfavaca	<i>Ocimum campechianum Mill</i>
	Bananeira	<i>Musa X paradisiaca L.</i>
	Jambu	<i>Acmella oleracea (L.) R.K. Jansen</i>
FEIRA DO ALVORADA	Erva – cidreira	<i>Cymbopogon citratus (DC). Stapf</i>
	Jambu	<i>Acmella oleracea (L.) R.K. Jansen</i>
	Alfavaca	<i>Ocimum campechianum Mill</i>

Fonte: Borges, 2017.

Ressaltamos aqui algumas espécies de plantas como o Mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), a Erva-cidreira (*Cymbopogon citratus (DC). Stapf*) e o Crajirú (*Fridericia chica (Bonpl.) L.G. Lohmann*). Essas plantas possuem funções adversas quando preparadas corretamente. O Mastruz, por exemplo, não serve somente para tratar de verminoses, mas também como receita em um prato alimentício da Amazônia, o chamado creme de milho verde com Mastruz, bolinho de Mastruz, ou mesmo seu suco com limão ou com leite. A Erva-Cidreira que não serve somente para chá mas também para preparo de pratos regionais, serve como condimento, e como tempero para Salsichas de Capim Limão e para o Frisante de capim – limão. E o Crajirú, como parte do prato Ariá colorido com Crajirú, Crajirú com Nabo e com Aipim. Esse potencial alimentício das espécies devem ser cada vez mais evidenciado pois, elas não são apenas espécies com uma única função, mais sim com funções e propriedades alimentícias também. Kinnup (2014, p. 13) complementa quando diz que:

Ou seja, muitos quando vão a uma feira ou mercado mais biodiverso não sabem dizer o nome de muitas das folhas, batatas, raízes, sementes, frutas ou frutos que veem. E, geralmente, se não sabem o nome, também não sabem nada sobre eles, bem como para que servem e como podem ser usados, preparados ou consumidos. Logo não compram, não experimentam, não testam e o ciclo não se fecha.

3.6 Elaborando o corpus da Análise

A análise de dados prima por examinar, categorizar, classificar em tabelas ou, até mesmo, recombina as evidências, tendo sempre como proposições iniciais um estudo anterior e previamente escolhido para dar embasamento. Analisar as evidências de um estudo de caso é uma atividade considerada difícil, pois as estratégias e as técnicas não foram muito aprimoradas no passado. Porém, a intervenção de outras técnicas de análise podem ser utilizadas, cuidadosamente para não ser tendenciosa. Yin (2015), diz que é preciso ter uma estratégia analítica geral em primeiro lugar. O objetivo final disso é tratar as evidências de uma maneira justa, produzir conclusões analíticas irrefutáveis e eliminar interpretações alternativas. O papel da estratégia geral é ajudar o pesquisador a escolher entre as diferentes técnicas e concluir, com sucesso, a fase analítica da pesquisa. Diante do exposto, escolhemos como técnica de análise dos dados a Análise de Conteúdo. A mesma será descrita nos tópicos seguintes.

3.7 A Análise de Conteúdo

Quanto a técnica de análise, escolhemos a análise de conteúdo, que para Bardín (2011) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. Para utilização da técnica de análise de conteúdo é preciso ter certa maturidade com os temas pesquisados, pois ela apresenta passos graduais em ordem específica, para assim, poder garantir a fidedignidade das informações e dos dados obtidos. Por isso, nos norteamos aos 3 passos orientados por Bardín (2011), sendo eles: a Pré – Análise, Exploração do Material e o Tratamento dos Resultados.

3.7.1 A Pré- Análise

A primeira fase, a pré – análise, é o momento inicial, ou seja, é a organização do escopo do trabalho, onde é preciso deixar que as “intuições” sejam ouvidas. Também é preciso saber o que se deve analisar. Nesse momento é imprescindível que a leitura flutuante seja realizada. A leitura flutuante consiste no primeiro contato com os autores e com os documentos para que os mesmos passem a se tornar familiares com as ideias iniciais da pesquisa. A partir dessa leitura, foi possível agrupar os documentos em suas respectivas áreas de conhecimento e prepará-los para a análise posterior. A partir dessa organização dos documentos, começamos a construir o *corpus* da análise, o qual consistiu nos documentos obtidos a partir dos questionários, das entrevistas, da observação e dos artefatos, que foram preparados e organizados para a análise. Para esse momento é importante salientar a questão da exaustividade do trabalho onde cada trecho do documento obtido foi analisado individualmente e, por conseguinte, como parte integrante de todo o documento, para assim poder se entender as “entrelinhas” dos materiais coletados (o que eles querem nos dizer).

3.7.2 A Exploração do Material

Em um segundo momento, a fase da exploração do material deve seguir o curso da pesquisa, o qual consiste na organização dos documentos em áreas textuais semelhantes em temas e posteriormente gerando assim as categorias. Richardson (2014) diz que deve se fazer a análise dos elementos seguindo determinados critérios, ou seja, proceder a categorização.

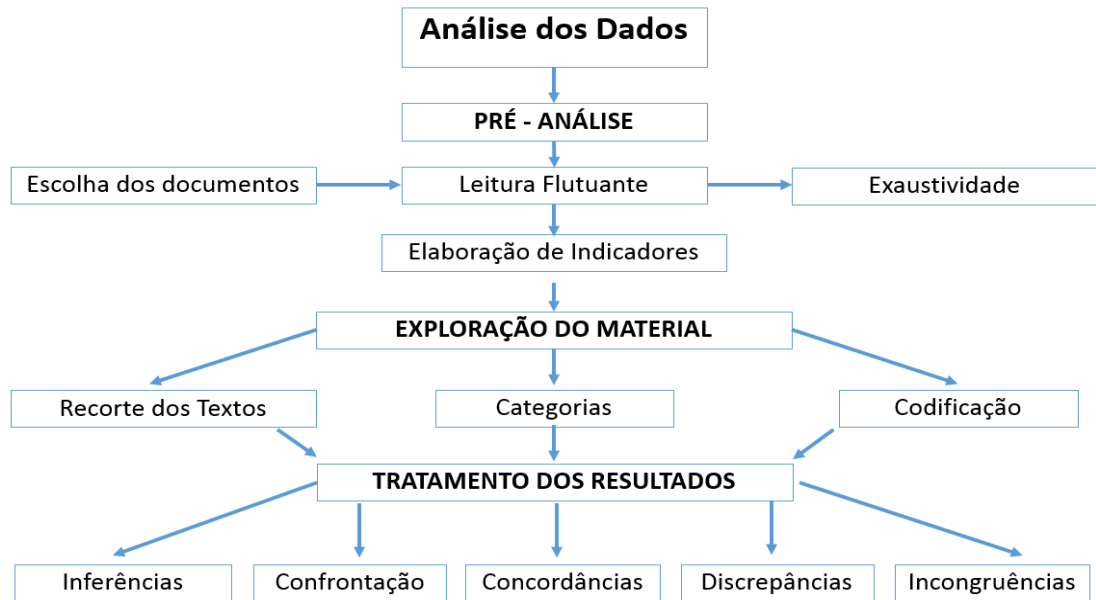
Para que pudéssemos ter categorias consistentes de análises utilizamos a técnica TTR (*Type Token Ratio*), que será comentada com maiores detalhes posteriormente. É importante destacar que através dessa técnica e de todos os documentos disponíveis e analisados obtivemos três categorias que serão demonstradas e analisadas posteriormente.

É válido ressaltar a exaustividade em relação a esse momento tanto de modo textual (exame de todo texto) quanto de modo literal a procura dos significados e dos significativos. Ainda, nesse momento, foi preciso realizar a codificação do material, onde, segundo Bardín (2011) corresponde a uma transformação efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão. Para isso realizamos uma triangulação desses materiais onde as falas das entrevistas, os diários de campo e os textos das leituras flutuantes se correspondiam entre si; Ainda, foi pertinente nesse momento fazer o recorte dos textos, pois segundo Bardín (2011) “[...] o critério de recorte na análise de conteúdo é sempre de ordem semântica, ainda que, por vezes, exista uma correspondência com unidades formais (exemplos: palavra e palavra – tema; frase e unidade significativa). Diante dessas afirmativas, dos percentuais léxicos obtidos pela técnica de TTR, dos recortes das entrevistas, dos recortes dos diários de campo e dos textos base, chegamos a três categorias analíticas propostas que são: O uso das Plantas Alimentícias não convencionais (PANC); A divulgação das PANC e A importância das PANC. Essas categorias serão discutidas posterior e detalhadamente em nossos resultados.

3.7.3 O Tratamento dos Resultados

Nesse terceiro momento o tratamento de resultados e as inferências são momentos primordiais da análise. Tivemos como objetivo explícito encontrar através dos textos organizados, a realidade que está implícita por trás desses recortes. A partir desse preparo foi possível realizar as confrontações sistemáticas dos materiais que foram coletados. Maciel (2013) destaca que as concordâncias, as discordâncias, as discrepâncias e as incongruências são importantes para revelar o que está escamoteado no texto. Para que cada uma dessas características sejam observadas, foi construído um texto dissertativo argumentativo para cada categoria encontrada, entrelaçando assim as inferências e as confrontações. Segue abaixo um fluxograma (Figura 14) da estrutura da Análise de Conteúdo (BARDÍN, 2011) a partir da pesquisa sobre a avaliação da divulgação científica das Plantas Alimentícias Não Convencionais na cidade de Manaus.

Figura 14. Análise dos dados a ser utilizada na presente pesquisa no período de janeiro a julho de 2017.



FONTE: Bardín, 2011

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme introduzimos nos procedimentos metodológicos, tivemos a importante tarefa de organizar todo o material a ser analisado. Os artigos, textos, dissertações, documentos, teses, etc, foram organizados de tal maneira que as leituras feitas foram agrupadas em 4 áreas. A primeira delas foi a Divulgação Científica, na qual selecionamos 12 artigos digitais e 8 dissertações colhidas em meio eletrônico, e também 2 artigos impressos. Vale ressaltar que essa organização foi extremamente importante, uma vez que já estávamos iniciando o processo de análise de todo o *corpus*.

O segundo grupamento foi sobre as PANC e nessa seção selecionamos 16 artigos de meio eletrônico, 1 livro texto, 2 dissertações, 1 tese, 1 TCC e 1 relatório monográfico para o embasamento teórico.

No terceiro grupamento textual, após a aglutinação das ideias semelhantes, pesquisamos sobre a Análise de Conteúdo e selecionamos 11 artigos, 2 dissertações e 1 Trabalho de Conclusão de Curso para o direcionamento da escrita.

No o quarto grupamento selecionamos 3 livros texto digitais para a escrita do percurso metodológico. Estes textos foram agrupados em grupos de títulos semelhantes. Dentre os materiais que temos disponível para a análise são: os artigos e textos da leitura

flutuante a qual consistiu na leitura dos textos adquiridos e organizados na pré- análise, as entrevistas, os áudios das abordagens, o diário de campo e os textos que foram utilizados para compor as subáreas de nosso material.

Após a relação dos artigos utilizados em nossa análise, seguimos com a estruturação de nosso material coletado (Tabela 03) que são as entrevistas, os áudios, os diários de campo, os textos em meio eletrônico divulgados em Manaus e alguns questionários.

Tabela 03 – Descrição e organização dos dados coletados para análise

<i>Material</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Descrição</i>
<i>Entrevistas</i>	32	Entrevistas geradas a partir das visitas as 5 feiras alvos de nossa pesquisa.
<i>Áudios</i>	31	Os áudios foram gerados a partir dos encontros nas visitas as feiras.
<i>Diário de Campo</i>	16	Os diários foram elaborados a partir de anotações das observações diretas.
<i>Textos em Meio Eletrônico divulgados em Manaus</i>	10	Os textos foram coletados em sites de eventos locais, sobre as PANC.

Fonte: Borges, 2017

Após a organização dos materiais para análise preparamos os mesmos para a elaboração dos indicadores. Para a elaboração desses indicadores, utilizamos a técnica TTR (*type token ratio*) que trata de um indicador léxico que mede a variedade ou a pobreza do vocabulário calculando a razão entre o número de palavras diferentes sobre o número total de palavras sendo o seu cálculo feito assim:

$$\frac{\text{Léxico}}{\text{Ocorrência}} \text{ ou seja } \frac{\text{L}}{\text{O}} \text{ ou } \frac{\text{Tipo}}{\text{Token}} = \%$$

Segundo Bardín (2011, p.248), quanto maior for o resultado do léxico (expressa em porcentagem) maior é a variedade, diversidade, ou riqueza vocabular que o texto manifesta. A Técnica de TTR foi aplicada às entrevistas, pois não tem como aplicá-la ao diário de campo, já que esses são registros pessoais da pesquisadora. Portanto, seria tendencioso analisá-los. Assim os textos, que são as entrevistas, foram analisados um a um do seguinte modo: cada entrevista foi quantificada em um número total de palavras que são chamados de *Tokens*. Após a quantificação total, essas palavras foram divididas de acordo com sua frequência no

texto que são chamadas de *Type*, e cada texto passou por um cálculo de porcentagem para achar a riqueza lexical de cada um. O valor de *Type* foi dividido pelo valor de *Tokens*, ou seja, o resultado final foi dividido e depois multiplicado por 100, fornecendo assim o resultado final. Os textos que mais se aproximaram do valor de 100% foram os textos com maior variedade lexical, ou seja, um vocabulário mais vasto e consistente, expresso em nossa entrevista. Após o cálculo de percentual, o qual quantifica a riqueza lexical, conferimos a frequência de palavras que mais se sobressaíram sobre as demais, e por conseguinte, relacionamos esses indicadores a outras palavras com frequências relevantes no texto, sendo que as palavras – chave regem os indicadores textuais e estes possuem relação direta com os objetivos de nossa pesquisa. As palavras – chave tiveram como forma expositiva em nosso trabalho um quadro (Quadro 03) onde foram identificados além delas, palavras associadas, as quais podemos dizer que são sinônimas.

Quadro 03 – Quadro com as palavras-chave e sua respectiva frequência textual encontradas nas entrevistas de 01 á 032.

PALAVRAS – CHAVE	PALAVRAS ASSOCIADAS
<p>PLANTAS Repetição: Em 17 Entrevistas 44 vezes</p>	<p>Comestíveis; Medicinais; Convencionais; Chicória; Couve; Coentro; Salsinha; Crajirú; Cebolinha; Alfavaca; Urtiga; Taperebá; Andiroba; Cariru; Cena; Jambú; Manjericão; Malvarisco; Hortelãnzinho; Erva-cidreira; Pimenta; Murupi; Catinga da Mulata; Capim santo; Eucalipto; Alecrim; Alfazema; Capeba; Coentro; Boldo; Mastruz; Carapanaúba; Maracujá do mato; Vinagreira; Babosa; Peão – Roxo; Coirama; Cheiro – verde; Cidreira; Alface; Arruda e Amor Crescido.</p>
<p>DIVULGAÇÃO Repetição: Em 12 Entrevistas 18 vezes</p>	<p>Divulgado; Televisão; Rádio; Vender; Espécies; Comunidade; Verbalmente; Panfleto; Boca a boca; Avó; Mãe; Meios; Parentes; Interior; Ensinam; Indústria; Endêmicas; Programas; Culinária; Família; Farmácia; Remédios; Livros; Cotidiano; Conversas; Pesquisar; Internet e Relevante.</p>
<p>CONSUMO Repetição: Em 11 Entrevistas 13 vezes</p>	<p>Plantavam; Alimento; Medicinais; Remédios; Convencionais; Região; Emagrecer; Hemorragia; Pressão alta; Unguento; Usavam; Calmante; Menstrual; Estômago; Saúde; Através; Receitar; Inflamação; Comprar; Indústria; Endêmicas; Culinária; Saudável; Problemas; Assistir; Ouvir; Família; Maioria; Entendo; Mercado; Benéficos; Conversas e Inflamação.</p>

Além da descrição detalhada acima (Quadro 03) após a análise lexical, ou seja, após a análise textual das 32 entrevistas linha por linha e palavra por palavra, pudemos evidenciar 10 delas que tiveram índices de valores lexicais altos (Tabela 04) ou seja, uma variedade gramatical superior aos demais, onde os participantes conseguiram exprimir suas palavras com uma variedade bastante rica.

Tabela 04 – Valores lexicais respectivo as entrevistas de 01 á 032.

<i>NÚMERO DA ENTREVISTA</i> ²	VALORES EM PORCENTAGEM	CLASSIFICAÇÃO
03	100%	1º
07	91,3%	2º
09	88,8%	3º
05	84,6%	4º
25	83,0%	5º
29	82,9%	6º
26	81,6%	7º
08	79,2%	8º
19	77,7%	9º
02	73,7%	10º

Fonte: Borges, 2017

Em relação ao material de análise dos textos encontrados em meio eletrônico disponíveis, que tratavam das PANC na cidade de Manaus encontramos apenas 4 artigos em páginas da internet e 6 artigos científicos resultantes de eventos locais (Quadro 04). Segue abaixo a descrição desse material.

² Os números das entrevistas que aparecem precedendo os valores em porcentagem indicam a numeração da ordem de realização das mesmas. Exemplo: Entrevista 01 foi a primeira entrevista realizada em nossa pesquisa e assim, por conseguinte. No quadro as entrevistas estão por ordem de classificação lexical.

Quadro 04 – Artigos encontrados em meio eletrônico.

ARTIGO	TÍTULO	LOCAL
01	A riqueza alimentar das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)	Site local
02	Plantas não convencionais da Amazônia são alternativa contra a 'monotonia' alimentar	Site local
03	Cogumelo <i>Raphanica</i> é domesticado nos arredores de Manaus	Site local
04	Chef do AM usa plantas alimentícias não convencionais e cria pratos saborosos	Site local
05	Anais da LXI (61ª) Reunião Anual da Sociedade Inter Americana de Horticultura Tropical – ISTH	Evento local
06	Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANCs):uma Riqueza Negligenciada (SBPC)	Evento local
07	Ecoalfabetização com a inclusão de práticas baseadas nos princípios da agroecologia	Evento local
09	A feira orgânica: um espaço de troca de conhecimento sobre soberania alimentar e construção do bem viver. Uma experiência em Manaus-AM	Evento local
10	Obtenção de composto orgânico para o cultivo de plantas alimentícias não convencionais – PANCs em horta escolar	Anais PCE

Fonte: Borges, 2017

Explorando o Material Adquirido

A exploração do material foi a segunda fase da análise, onde a partir da organização dos dados brutos coletados, nos debruçamos sobre este material. Bardín (2011), nos fala que essa fase “deve seguir o curso da pesquisa, o qual consiste na organização dos documentos em áreas macro e posteriormente gerando assim as categorias, as quais nas palavras de Richardson (2014) diz que deve fazer a análise dos elementos seguindo determinados critérios, ou seja, proceder a categorização. Deve-se esclarecer que não é uma etapa obrigatória na análise de conteúdo, mas a maioria dos procedimentos inclui a categorização, pois facilita a análise da informação”.

A partir das leituras e recortes dos textos (62 textos - destacados no Apêndice E) das entrevistas (32 entrevistas), dos diários de campo (16 diários), da TTR (*Type Token Ratio*) conseguimos identificar 3 categorias analíticas distintas (Apêndice F) presentes nesses materiais, permitindo assim fazer uma triangulação desses dados. As 3 categorias encontradas foram: I) O uso das PANC; II) A divulgação das PANC; III) A importância das PANC.

É válido salientar que as categorias analíticas obtidas, são os mesmos indicadores encontrados a partir da técnica de TTR (*type token ratio*), validando assim, a importância dessas três palavras chaves para a categorização. Portanto, já que as categorias e indicadores foram os mesmos obtidos através de técnicas diferenciadas de análise, utilizaremos, nesse trabalho, a palavra “categorias” como sinônimo, também, de indicadores.

Para a triangulação dos dados fizemos a utilização dos recortes dos textos, recortes do diário de campo e dos textos utilizados em nossa pesquisa.

Após a evidenciação palavra por palavra, frase por frase, pudemos identificar nas entrelinhas as três categorias presentes em nossa pesquisa. Utilizamos somente três exemplos de análise para cada uma das categorias, pois se fôssemos colocar todo o material escrito ficaria bastante extenso. Porém, salientamos que as categorias referenciadas estão presentes em todos os nossos documentos textuais. Por fim chegamos ao tratamento dos resultados, que é a seção que veremos abaixo.

O Tratamento dos Resultados

Chegamos a última fase do processo da análise sob a luz das inferências, das confrontações, das concordâncias, das discrepâncias e das incongruências. Em outras palavras é a interpretação dos dados previamente organizados e agrupados colocando em forma as informações adquiridas. Nesse momento é trabalhado a significação qualitativa unicamente sem relação com dados quantitativos. Essa fase é onde os dados vão nos mostrar o que realmente querem nos dizer a respeito do Uso das PANC, da Divulgação das PANC e A importância das PANC. Para esse momento construímos um texto dissertativo argumentativo para cada uma das categorias citadas acima.

4.1 O uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)

No início de nossa pesquisa pensávamos que o tema PANC era algo já conhecido pelas pessoas e que as espécies não eram utilizadas por falta de contato mesmo, ou tempo de ir a um local em que as mesmas pudessem ser adquiridas. Nas entrevistas, o qual foi o momento em que tivemos contato direto com os consumidores, entendemos o que acontecia de fato. Na verdade, o que ocorria, era que, as pessoas têm em mente que as plantas alimentícias não convencionais são as mesmas plantas medicinais, ou seja, ambas são a mesma coisa e servem para um mesmo fim: curar de doenças. Não que um objetivo excluda

automaticamente o outro, porém há plantas que servem para ambos os fins, e há plantas que servem para fim medicinal ou para fim alimentício.

Passamos a entender, então, esse universo amplo de conceitos e associações feitos às Plantas alimentícias não convencionais (PANC), onde o uso é limitado a um grupo muito restrito de pessoas que as utilizam a partir de conhecimentos dos familiares e que é transmitido de geração em geração. Sendo assim, identificamos em nossa pesquisa que as pessoas que possuem conhecimento sobre as PANC são pessoas que tiveram uma forte influência familiar sobre esse tema. Para elucidar o que estamos falando segue abaixo um trecho de uma entrevista coletada na feira do Alvorada.

“É assim, porquê, isso já vem de família, né? Minha vó, minha mãe, plantavam, minha vó então elas servem tanto pra, pra botar assim na comida, servir como alimento na comida como serve também para alguns remédios né? Como a couve ela serve pra emagrecer, ela serve para ajudar a emagrecer, ela serve para colesterol, ela serve para gastrite, a pessoa tem que fazer tratamento de gastrite tem que tomar o suco verde da couve, e o cheiro – verde, a chicória, serve pra hemorragia, pressão alta, o coentro, a raiz do coentro, serve para pressão alta, então eu conheço assim já vem de família, e mesmo assim na nossa região a gente confunde muito as folhas verde”

Entrevista 01 – Feira do Alvorada.

Podemos observar que essa pessoa entrevistada sabia diferenciar a questão do uso da PANC para uma ou outra finalidade, evidenciando assim um dado discrepante em nossa pesquisa, o qual consiste em conhecimento de finalidade e uso, o que na maioria das entrevistas não ocorreu. Porém a questão familiar é bastante forte em sua fala citando a avó e a mãe como referência para seus conhecimentos. Diegues (2004) nos diz que as populações tradicionais possuem amplo conhecimento sobre a natureza e uma rica cultura relacionada ao manejo e uso da biodiversidade, adquiridos ao longo de gerações. Tais conhecimentos e referências culturais estão se perdendo.

Percebemos que a associação familiar com as PANC está ligada a questão da segurança alimentar, ou seja, do conhecimento para poder consumir as espécies, onde, a fala geral nas entrelinhas é: “Eu me alimento dele porque aprendi com minha família”.

“Através de minha mãe que mora no interior, e tem esse conhecimento”.

Entrevista 03 – Feira do Produtor.

“Através dos parentes mais antigos, minha avó, meu sogro por exemplo, minha sogra”.

Entrevista 09 – Feira do Produtor.

Estudos já existentes evidenciam que as populações tradicionais, indígena e não indígena, conhecem e utilizam no seu cotidiano, um grande número de plantas. Nas comunidades tradicionais, cultivar e cuidar de plantas é algo que se aprende muito cedo na vida e envolve afetividade e, quem se acostuma a plantar, dificilmente deixa tal atividade, mesmo quando migra para áreas mais urbanizadas (AMOROZO, 2002 apud CHAVES, 2006).

Isso é bem verdade pois são conhecimentos e costumes que são passados de geração em geração. Para esse momento nos arremetemos a fala de uma senhora que estava em compras na feira da SEPROR quando fiz a pergunta: De que forma a senhora conheceu, essas espécies?

“Por intermédio de livros. Assim, por pera, por livros mesmo, por televisão rádio, tudo podia ser”.

Entrevista 08 – Feira da SEPROR.

Percebemos o conhecimento adquirido, não por influência familiar, mas sim por meio de leitura em que a própria pessoa buscou saber sobre as plantas para seu próprio consumo. Esse dado é qualificado como uma incongruência, pois foge da prerrogativa de que somente a família é detentora dos conhecimentos tradicionais e de que são a fonte mais influente nesses conhecimentos. Outra fala que temos é a de um senhor que estava em compras na feira do alvorada, ele diz:

“Através de programas culinários e também através da internet”.

Entrevista 011 – Feira do Alvorada.

O entrevistado nos respondeu com bastante segurança sobre o que conhecia a respeito das PANC, pois antes de começarmos a entrevista, expôs que era professor de biologia, o que certamente contribuiu para o conhecimento e busca de mais informações sobre o tema em questão. Chaves (2006) embasa o que falamos quando diz: Por isto, pesquisadores estão certos de que mais estudos são necessários. Tais estudos devem envolver a relação das populações tradicionais com tais plantas, o que inclui a compreensão do uso e funções destas na alimentação. Compreendemos a fala de Chaves (2006) como uma porta de entrada para pesquisas mais aprofundadas nesse campo, e que de fato contribuam para os conhecimentos das gerações futuras, para que essas espécies não se percam no desuso.

4.2 A divulgação das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)

É bem verdade que ninguém se alimenta do que não conhece não é? Isso se aplica de uma forma mais intensa com as PANC, pois como Kinnup (2009) diz, a maioria das plantas chamadas "daninhas" ou "inços" (o correto e adequado é plantas/ervas espontâneas), pois medram entre as plantas cultivadas são espécies com grande importância ecológica e econômica. Muitas destas espécies, por exemplo, são alimentícias mesmo que atualmente em desuso (ou quase) pela maior parte da população. O mesmo é válido para plantas silvestres, as quais são genericamente chamadas de "mato" ou planta do mato, no entanto, são recursos genéticos com grande potencial de uso imediato ou futuro [...].

Elas (as PANC) são tachadas até mesmo de mato pelas pessoas, pois o conhecimento sobre elas ainda é bastante escasso. Por isso a divulgação a qual é alvo de nosso estudo, deve ser utilizada com o fim de contribuir para esse conhecimento, pois quanto mais divulgadas as plantas alimentícias não convencionais passarão a serem mais vistas e por sua vez a probabilidade de serem utilizadas será bem maior. Nas entrevistas foram evidenciadas sugestões das formas como essas plantas poderiam ser divulgadas para as outras pessoas.

“Assim éééé, é que assim fosse divulgada mais na televisão, que a gente vê pouco falar né? É nos rádios, também, agora no seres humanos, tá mais divulgado de quê para um, de uma para outro tá mais divulgado de que próprio na televisão e no rádio, porquê um ensina pra outro e a gente vê que o consumo é muito grande no dia a dia”.

Entrevista 01 – Feira do Alvorada.

“Sim eu acredito que seria muito importante, na minha opinião uma das formas que ela poderia ser divulgada seria em exposições, pela qual fosse oferecida a comunidade, ficaria bem mais fácil o acesso pra gente conhecer bem mais essas plantas”.

Entrevista 02 – Feira da SEPROR.

“Assim, por pera, por livros mesmo, por televisão rádio, tudo podia ser”.

Entrevista 08 – Feira da SEPROR.

Os meios de comunicação são parte primordial para que esses conhecimentos se difundam com mais facilidade, isso é certo. Porém é preciso de mais informação, para que uma divulgação científica seja feita com seriedade, com integridade e responsabilidade. Pois a linguagem de materiais como artigos, reportagens, livros entre outros devem ser acessíveis e fidedignas as fontes originais.

Kinupp e Lorenzi (2014, p. 13) nos dá um vislumbre bastante válido sobre o conhecimento que as pessoas possuem sobre as PANC quando dizem:

“Ou seja, muitos quando vão a uma feira ou mercado mais biodiverso não sabem dizer o nome de muitas das folhas, batatas, raízes, sementes, frutas ou frutos que veem. E, geralmente, se não sabem o nome (nome é essencial, por isso temos a Taxonomia e os Taxonomistas), também não sabem nada sobre eles, bem como para que servem e como podem ser usados, preparados ou consumidos. Logo não compram não experimentam, não testam e o ciclo não se fecha. Geralmente, nem são curiosos para perguntar o que é. Quando perguntam, não dão o retorno esperado para o feirante ou vendedor, ou seja, não compram. Se comprarem, compram tão pouquinho que acabarão não testando todas suas potencialidades gastronômicas e, as vezes, ficam com ideias erradas sobre aquela espécie ou variedade”.

Essa afirmativa é muito verdadeira pois, como as PANC não são divulgadas como deveriam ser, passam despercebidas pelos nossos próprios quintais, sítios e etc. E o que fazemos com elas? Tratamos de tirá-las para limpar todo o “mato”. Desconhecendo sua potencialidade enquanto recurso alimentício, enquanto recurso alternativo de proteínas e vitaminas necessárias, que às vezes preferimos comprar em forma de suplementos vitamínicos a cultivar uma espécie que possa nos alimentar e complementar os nutrientes necessários.

“Sim, muito importante, porque isso ai, a minha avó ela curava a gente, na área que nós morava ribeirinho, as pessoas ficavam boas, não vinham pra cidade se consultar, atrás de médico de cidade, nós interiorano se curava das doenças com essas plantas medicinais, como a andiroba, copaíba, é mel de abelha, para tosse, para essas doenças crônicas que tem no interior, nós somos curados com esse tipo de remédio, lá também no meio do mato”.

Entrevista 010 – Feira do Alvorada.

“Olha, eu acho que, falta mesmo a divulgação do conhecimento porque, o que acontece hoje em dia é que, as plantas convencionais, que a indústria usa né? Nós temos as, as plantas aqui da região são endêmicas aqui da região [...] elas viraram mato na verdade”.

Entrevista 011 – Feira do Alvorada.

Entendemos que a divulgação de qualquer material é necessária para que o devido conhecimento seja passado às pessoas. O conhecimento sobre as PANC é algo que vai além da alimentação, perpassa a questão alimentar, é algo que influencia, nos saberes tradicionais, de geração em geração e também na saúde do indivíduo.

4.3 A Importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)

Falar em importância é algo relativo a infinitas finalidades, porém para o tema em questão, que são as PANC é mais relativo ainda, pois, para algumas pessoas o tema é desconhecido e, o que falar sobre elas? Mais para o público que tem algum conhecimento sobre as espécies, percebemos durante a construção do *corpus* da análise, a importância é sempre salientada juntamente com a espécie em questão. Temos como exemplo as falas abaixo.

“A catinga da mulata, é uma planta que serve pra fazer chá, pra cólica menstrual, e a erva cidreira, o capim santo, o eucalipto, são plantas medicinais, que é bom a gente sempre ter por perto, pra usar né? O manjerição, o alecrim, a alfavaca, a capeba, folha de capeba, ela é boa, a qual é a outra meu Deus, a camomila, a cena, a folha de cena também é bom para hemorragia menstrual, e tem muita outras também”.

Entrevista 07 – Feira da Manaus Moderna.

“Conheço. Amor crescido, como por exemplo, amor crescido, ele é ótimo para inflamação no útero, ele com o cajuí, carapanaúba, é a aroeira, e mais coisas dela, é sara tudo, aroeira, é carapanaúba, essas plantas medicinais”.

Entrevista 010 – Feira do Alvorada.

É preciso salientar a questão da confusão entre plantas alimentícias não convencionais e plantas medicinais. Esses dois termos se misturam com frequência nas entrevistas nas falas dos entrevistados. Mesmo previamente explicando o que eram as PANC, para cada entrevistado, ainda assim os termos são misturados e a importância do uso das PANC é evidenciada juntamente com a importância da cura com as plantas medicinais. Em uma entrevista a qual podemos chamar de discrepância, ainda que mínima, uma pessoa conseguiu distinguir claramente a função da PANC sem mencionar as plantas medicinais juntamente.

“É bom que as pessoas conheçam por quê algumas não servem só para alimento Mas também como chá né? Unguento, como medicinal né? É bom que seja divulgado né porque para que as pessoas conheçam. Tem o Caruru o Jambú, o que usa para fazer o Tacacá o manjerição, que também usa para fazer macarrão né? Tem o Malvarisco o hortelãzinho a alfavaca também usa para fazer na comida”.

Entrevista 04 – Feira da Manaus Moderna.

Chaves (2006) e Fernandes (2012) corroboram quando dizem: existe na Amazônia brasileira, uma expressa diversidade de plantas relativamente bem conhecidas, no que concerne aos aspectos botânicos, porém pouco estudadas, no que se refere as características agrônomicas. Por isto, pesquisadores estão certos de que mais estudos são necessários. Tais

estudos devem envolver a relação das populações tradicionais com tais plantas, o que inclui a compreensão do uso e funções destas na alimentação.

A partir dessa compreensão, as pessoas passarão a ter um papel fundamental na propagação dessas utilidades. As PANC devem ser conhecidas para não serem perdidas, pois como identificamos, algumas pessoas fazem o cultivo em sua própria residência para seu próprio consumo.

“No caso a Babosa né, tem a Babosa, tem o, hortelã, que o pessoal usa bastante, deixa eu ver qual a outra, ai. Pimentinha não né? É pimenta, tem vários tipos de pimenta que eu mesma planto entendeu? Tenho a pimenta, Murupi, que a gente usa também, né, tem a pimenta sapo, e várias outras plantas ai. Que eu gosto mesmo de plantar entendeu?”.

Entrevista 06 – Feira do Coroadó.

“Posso, a alfavaca, é o eu tenho plantado agora um tipo de pimenta que nunca tinha conhecido, uma pimenta do mato, um limão do mato, o maracujá do mato, então são essas plantas que tenho plantado na minha casa”.

Entrevista 011 – Feira do Alvorada.

Chaves (2016 *apud* MAPA, 2010) corrobora conosco, quando diz que a falta de informações sobre estas plantas contribui para o não uso e até mesmo para o desaparecimento das mesmas (MAPA, 2010). Com isto, além das perdas da diversidade agrícola e biológica, ocorre também perda da cultura envolvida no uso de tais plantas na alimentação e a perda da oportunidade de experimentar sabores diferentes. Estudos que envolvem as funções das plantas na alimentação são importantes também para a conservação da biodiversidade, já que é mais fácil conservar aquelas plantas cujas funções são mais claramente entendidas.

Ainda MAPA (2010) complementa dizendo: Em geral as PANC não são plantas cultivadas, mas se propagam em ambientes silvestres e podem ser encontradas em fragmentos florestais ou quando domesticadas, em ambientes como hortas caseiras, quintais e roças.

Por isso o papel da divulgação dessas espécies associadas à sua importância, são um marco primordial para a disseminação desses conhecimentos que não podem ser apagados das gerações futuras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre as plantas alimentícias não convencionais – PANC não é algo fácil pois exige conhecimento, leitura e aprofundamento. Quando escolhemos o tema PANC como objeto de nossa pesquisa, justamente nos chamou atenção por ser um assunto pouco falado e

divulgado, porém, após assistir a reportagem no programa Fantástico, e ver a diversidade de plantas que temos na Amazônia e que não são utilizadas, isso nos arremeteu a algumas ideias sobre o assunto. E a mais clara delas foi sobre os conhecimentos que a população manauara tinha sobre estas espécies. Comecei esses questionamentos por mim mesma. Como posso não conhecer essa diversidade de plantas mesmo morando em um Estado que possui tão grande diversidade florística? Foi então quando o nosso trabalho começou a ganhar corpo e sentido.

Pelos motivos citados acima entre uma diversidade de fatores, o presente trabalho visou evidenciar a ocorrência da divulgação das espécies de PANC na cidade de Manaus, assim bem como salientar as possíveis formas de divulgação, que podem contribuir nessa divulgação. Sendo assim, a partir do desenvolvimento e análise dos dados coletados, pudemos identificar categorias presentes em nossos trabalhos, sendo cada uma distinta em entre si, porém com bastante peculiaridade de umas com as outras. Sendo assim entendemos que:

O uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), sem generalizar obviamente, está intimamente ligada a questão familiar, ou seja, de legado, onde uma pessoa mais velha ou que tenha conhecimentos sobre o preparo e manuseio das espécies, passa uma receita a seus jovens e assim os conhecimentos se perpetuam. Isso foi bastante explícito durante as leituras e coleta de dados, pois as pessoas não consomem o que não conhecem, por isso a referência, de um familiar, de um amigo ou de um conhecido, é o que de fato faz com que as espécies de PANC sejam utilizadas. Além da referência familiar, tivemos outras referências para o conhecimento das PANC, que foram citadas poucas vezes, mais precisamente duas vezes que foram, os livros e programas culinários. Salientamos, também, a confusão nominal entre Alimentício e Medicinal. Normalmente quando perguntamos sobre o consumo das PANC, foram associados os benefícios de plantas medicinais, quase que em 90% das entrevistas, e também a doença a qual cada planta poderia sanar. Ou seja, a compreensão da população sobre as PANC ainda é bastante abstrata, e se perde no meio dos conceitos de plantas medicinais. Por isso, a adesão das espécies para alimentação ainda é bastante limitada, no entanto como evidenciado anteriormente, há espécies que podem ser utilizadas tanto para fins medicinais, quanto para fins alimentícios, porém a população ainda desconhece essa possibilidade de benefícios duplo e isso deve ser reparado o quanto antes, pois a soberania alimentar depende do uso das espécies. Por isso, a divulgação científica pode ser um contribuinte extremamente favorável nessa divulgação e disseminação dos conhecimentos entre a população.

A divulgação das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) é algo que é completamente diferente do tópico anterior que aborda a questão do uso, porém os dois se

entrelaçam de tal forma que uma dependência mútua surge nesse aspecto. Para que as PANC possam ser utilizadas, consumidas e conhecidas, elas precisam ser mostradas, ou em um termo mais científico, elas precisam ser divulgadas. O que falar sobre a última geração de celulares que vem sendo amplamente mostrados e divulgados pelos meios de comunicação em massa? Porque as PANC não são divulgadas do mesmo modo? Talvez a divulgação em massa não tenha tanto poder quanto temos em nossas mãos, que é o poder de referência, que consiste em utilizar as espécies, e passar a frente os conhecimentos que adquiri de própria causa. Ainda que não utilizada a palavra referência, pelos entrevistados, porém é o que percebemos nas entrelinhas das falas. Onde, é citado (pelos entrevistados) algumas formas em que a divulgação poderia ocorrer, entre elas são citadas exposições, feiras, livros e até mesmo um guia das espécies endêmicas da região. Saliento que é preciso que esses meios sejam utilizados. Porém, é preciso lembrar que a divulgação científica é uma das fontes em que o conhecimento original deve ser repassado de forma clara para toda a população, daí a importância da Divulgação Científica nesse aspecto. A divulgação científica consiste em manter a informação passada ao leitor de forma inteligível, fácil, porém de forma fidedigna. Por isso, alimentar o interesse da população em procurar fontes que forneçam dados sobre as espécies de forma clara e real deve ser o foco principal de futuras pesquisas nesse campo tão vasto, que é a divulgação.

A Importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) poderíamos dizer que é o fator essencial de nossa pesquisa, pois não se estudaria algo que não tivesse importância alguma para a sociedade como um todo. Como já mencionado anteriormente, temos perdido a soberania alimentar, e estes alimentos que contribuem para o bem estar, estão sendo cada vez mais limitados e trocados pelos alimentos industrializados e processados. Além, de ser uma fonte alternativa de alimentação para as populações ribeirinhas que vivem as margens dos rios e que sofrem com as cheias, podem ser fontes de nutrientes absolutamente necessários podendo substituir sem qualquer receio as plantas convencionais que temos em nosso dia a dia, podendo também nos proporcionar uma facilidade maior de cultivo das espécies, já que elas são altamente resilientes em meio hostil. Nas entrevistas não foram citadas as plantas alimentícias como forma de alimentação alternativa ou mesmo essencial para algum dos entrevistados, porém, foram mencionadas como formas alternativas de cura de doenças e sempre associadas a um preparo e a um tipo de doença que ela poderia curar. Através da leitura das entrevistas identificamos plantas medicinais, que foram citadas, porém, que serviriam sem dúvida também como fonte alimentar, no entanto, não são referenciadas como tal. A que podemos atribuir esse desconhecimento? Deixamos aqui uma

interrogação para pesquisas futuras, que tenham como base a busca dos conhecimentos sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais.

6. REFERÊNCIAS

ANGERAMI, E. L. S. Para que serve a divulgação científica. **Revista Latino – americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 1-2, 1994.

ALMEIDA, M. E. F.; A. D. CORRÊA. Utilização de cactáceas do gênero *Pereskia* na alimentação humana em um município de Minas Gerais. **Ciência Rural**, Santa Maria, p. 751-756, 2012.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger. MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.2, p.189-203, 2002.

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência: Filosofia e Prática da Pesquisa**. São Paulo, Ed. Cengage Learning, 2011.

ARAÚJO, K. D. S. **Interação em Artigos Científicos e de Divulgação Científica**. UFPE, Pernambuco, 2002.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online**. Dicionário Português, 2017. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

AUTHIER – REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas, SP, Ed. UNICAMP, 1998.

BARDÍN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Ed. Edições 70, 1.ed, 2011. 279 p.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Original de 1979).

BRANDENBURG, A. “Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas”. **Revista: ANPPAS**, Paraná, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, UFPR, 2002. 21 p.

BAZERMAN, C. **Shaping Written Knowledge: The Genre and Activity of the Experimental Article in Science**. WAC Clearinghouse Landmark Publications in Writing Studies, 2000. Disponível em: http://wac.colostate.edu/aw/bazerman_shaping. Acesso em: 6 out. 2016.

BUENO, W. da C. B. **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**. Londrina, v. 15, 2010.

BUENO, W. da C. B. **Jornalismo Científico no Brasil: aspectos teóricos e políticos**. São Paulo, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1988.

Comissão Gestora da Feira do Produtor de Manaus. Blog, 2013. Disponível em: <<http://feiradoprodutorcomissaoGESTORA2011.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

CASTELO BRANCO, A. K. A. **O projeto observatório da educação/CAPES/UEA: fases da difusão do conhecimento.** Dissertação de Mestrado. UEA, Manaus, 2014. 200 p.

CALDAS, G. Mídia, ciência, tecnologia e sociedade. In: **O papel do jornalismo científico na formação da opinião pública.** Pesquisa FAPESP, São Paulo, 2011.

_____. **Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria.** In: DUARTE, J.; BARROS, A. T. (Coord.). Comunicação para ciência, ciência para comunicação. Brasília, DF, Embrapa. p.217-230. 2003.

_____. **Divulgação Científica e relações de poder.** Inf. Londrina, v. 15, p. 31-42, 2010.

CHAVES, M. S. **Plantas Alimentícias Não Convencionais em Comunidades Ribeirinhas na Amazônia.** Dissertação de Mestrado. Viçosa, MG, 2016. 123 p.

CHAVES, E. M. F. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de carrasco no município de Cocal.** Dissertação de mestrado. UFP, Teresina, 2006. 112 p.

CLAY, J. W.; SAMPAIO, P. T. B.; CLEMENT, C. R. **Biodiversidade Amazônia: Exemplos e estratégias de utilização.** Programa de Desenvolvimento Empresarial Tecnológico. Manaus, AM, Ed. Manaus, 2000. 409 p.

CONSEA (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional). **A segurança alimentar e nutricional e o direito humano à alimentação adequada no Brasil.** Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, DF, 2010. 284 p.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre, RS, Ed. Artmed, 2.ed, 2007. 248 p.

DELL' ISOLA, R. L. P. **Dos limites entre o estável e o instável em textos de divulgação científica.** In. SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (Orgs.). Estudos da língua em uso: da gramática ao texto. Belo Horizonte, Ed. UFMG, p. 263-287, 2010.

DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada.** HUCITEC – NUPAUB, USP, 4ª ed. São Paulo, 2004. 169p.

DUTRA, L. V. **Insegurança alimentar e nutricional e produção para o autoconsumo na zona rural de São Miguel do Anta, Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado, UFV, Minas Gerais, 2013. 118p.

ERICE, A. S. **Cultivo e comercialização de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) em Porto Alegre.** Porto Alegre, RS, 2011.

FAO. **“El estado mundial de la agricultura y la alimentación”.** Roma, 2009.

FERNANDES, R. S. **Frutas, sementes e amêndoas silvestres alimentícias na comunidade indígena Tunuí-Cachoeira – AM.** Tese de Doutorado, UFL, Minas Gerais, 2012. 200 p.

FONSECA, C. N.; LISBOA, P. L. B.; URBINATI, C. V. A XILOTECA (Coleção **WALTER A. EGLER**) Museu Paraense Emílio Goeldi, **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Ciências Naturais v.1, p.65-140, 2005.

FURTADO, V. F. Gênero artigo de divulgação científica: Uma possibilidade de abordagem interdisciplinar. **Revista eletrônica da Pós – Graduação em Educação**. Goiás, v.12, n.1, 2016.

GARCIA, G. C. A. Divulgação Científica no Horizonte do (Im)provável. **Revista Scienntarum Historia VII**, Rio de Janeiro, 2014.

GALVÃO, A.K.L. **Fatores que afetam o interesse de compra de produtos orgânicos em supermercados em Manaus**. Dissertação de Mestrado. UFRN, Natal, 2004. 126 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Ed. Atlas, 5 ed, São Paulo, 2010.

GIERING, M. E. **A organização retórica de artigos de divulgação científica: influências externas sobre escolhas do produtor**. V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, Caxias do Sul, RS, 2009.

GFUS (Unidad de Facilitación Global para Especies Subutilizadas). IPGRI, 2007. Disponível em: <http://www.underutilized-species.org/documents/PUBLICATIONS/gfu_spanish.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.

ISOBE, M. T. C.; MARQUES, S. P.; MAPELI, N. C.; SEABRA Júnior, S. **As Hortaliças Não-Convencionais no Projeto Horta Doméstica: O Conhecimento e o Consumo**, Mato Grosso, 2008.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. “Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alimentícias alternativas do Brasil”. **Revista Horticultura Brasileira**, 2004. 4 p.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Riqueza de Plantas Alimentícias Não Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, RS, 2007.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. **Revista Ciência e Tecnologia de Alimentos**, v.28, n.4, p.846-857,2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010120612008000400013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 de novembro de 2016.

KINNUP, V. F. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANCs): uma Riqueza Negligenciada**. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC, Manaus, AM, 2009.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. Instituto Plantarum de Estudos da Flora, São Paulo, 2014. 768 p.

KUNKEL, G. **Plants for human consumption: an annotated checklist of the edible phanerogams and ferns**. Koenigstein: Koeltz Scientific Books. 1984. 393 p.

LACERDA JUNIOR, J. C.; NORONHA, E. L. A feira Manaus Moderna: um espaço não-formal para o ensino de ciências. **Revista Areté**, 2014. 10 p.

LAUDAN, L. Um modelo de progresso científico. In. **O progresso e seus problemas**. Rumo a uma teoria do crescimento científico. Ed. UNESP, São Paulo, 2011.

LEBRUN, G. **O que é o poder**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

LEWGOY, A. M^a. B; ARRUDA, M. P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experimentação do diário digital. *apud* LEWGOY e SILVEIRA (2009). In: **Revista Texto & Contextos**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2004.

MACIEL, H. M. **O potencial pedagógico dos espaços não formais da cidade de Manaus**. Dissertação de mestrado, UEA, Manaus, 2013. 119 p.

MACHADO, A. M.; ARAUJO, B. G. P.; PEREIRA, G. G. Ecoalfabetização com a inclusão de práticas baseadas nos princípios da agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n.3 2015.

MAGALHÃES, C. E. R. **Divulgação Científica para o público infantil**: um estudo de caso no Museu da Amazônia (MUSA). Dissertação de Mestrado, UEA, Manaus, 2013. 107 p.

MAPA - **MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA)**. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Hortaliças não convencionais, MAPA/ACS, Brasília, 2010. 52 p.

MARCUSCHI, L. A. **Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita**. Ed. Mimeo, 1999.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I.; BRITO, F. **Ciência e Público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Casa da Ciência, Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br>>. Acesso em: 6 dez. 2016.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. **A divulgação científica no Brasil e suas origens históricas**. Boletim Tempo Brasileiro, v. 188, p. 5-26, 2012. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/boletimbibliografico/images/2012/Junho/Divulgacao_Cientifica_Brasil_Origens_Historicas.pdf>. Acesso em: 30 out. 2016.

MATEUS, W. D. **A divulgação científica na página web do PPGEEC/UEA**: contribuições para a educação científica. Manaus, Dissertação de mestrado, UEA, Manaus, 2013. 86 p.

MERTON, R. K.; FISKE, M.; KENDALL, I. L. **The focused interview**: A manual of problems and procedures (2nd ed.) Ed. Free Press, New York, 1990.

MELO, A. M. T. **Hortaliças subutilizadas e sua importância no contexto da agricultura familiar**. São Paulo, 2007.

MENDES, M. F. A. **Uma perspectiva histórica da divulgação científica**: a atuação do cientista divulgador José Reis (1948-1958). Tese de doutorado, Rio de Janeiro, 2006.

MNZAVA, N. M. Vegetable crop diversification and the place of traditional species in the tropics. In: GUARINO, L. (ed.). *Traditional African vegetables. Promoting the conservation and use of underutilized and neglected crops*. 16 . Proceedings of the IPGRI international. Rome, Italy **Workshop on Genetic Resources of Traditional Vegetables in Africa: Conservation and Use**, 29-31 August 1995, ICRAF-HQ, Nairobi, Kenya. Institute of Plant 12 Genetics and Crop Plant Research, Gatersleben/International Plant Genetic Resources Institute, 1997.

MORGAN, D. Focus group as qualitative research. **Qualitative Research Methods Series**. Sage Publications, London, 1997.

NO AMAZONAS É ASSIM. Blog. Disponível em: <<http://noamazonaseassim.com.br/historia-do-bairro-coroador/>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

NEVES, A. C. **Divulgação Científica no Amazonas: uma análise das matérias de capa da revista Amazonas faz ciência**. Dissertação de mestrado, UEA, Manaus, 2013. 119 p.

NOGUEIRA, F. M. **Divulgação Científica: produção de vídeos com as crianças para a aprendizagem de ciências no ensino fundamental**. Dissertação de mestrado, UEA, Manaus, 2014. 89 p.

NORONHA, E. L. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras-perambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância**. Portugal, Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Braga, 2010. 365 p.

OLIVEIRA, J. V.C. **A constituição e o funcionamento de artigos de Divulgação Científica na Mídia Impressa: Características Composicionais e Estratégias Discursivas**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

PALCHA, L. **Divulgação Científica em Aulas de Ciências: Leitura, Escrita e Produção de Textos na Escola**. Paraná, **Minicurso para professores de Ciências, no 3º Encontro de Educação, Comunicação e Ciência**, UFPR, Paraná, Litoral, 2014.

PIACENTINI, P. A Fome no Mundo. **Revista Pré – UNIVESP**, n.61, Ed. Universo, Dez.2016 - Jan.2017.

PRESTES, R. F.; SILVA, A. M. M. da. **Artigos de Divulgação Científica para o estudo de problemas energéticos com enfoque CTS**. PUC – RS, Porto Alegre, RS, 2007.

RAPOPORT, E. H.; LADIO, A.; RAFFAELE, E.; GHERMANDI, L.; SANZ, E. H. “Malezas comestibles. Hay yuyos y yuyos”. **Revista Ciencia Hoy**, p. 30 – 43, 1997.

RAPOPORT, E. H.; SANZ, E. H.; LADIO, A. H. “*Plantas Silvestres comestibles de la Patagonia Argentino – Chilena. Exóticas/ Parte II*”. “Programa de Extensión Universitária. Departamento Ecología, Centro Regional Universitario Bariloche, Universidad Nacional del Comahue, Bariloche, 2001. 77p.

RENDEIRO, M. F. B. **Divulgação Científica no favorecimento do aprendizado de matemática no ensino médio, no projeto presencial e mediado por Tecnologia da SEDUC/AM**. Manaus, Dissertação de Mestrado, UEA, 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3 ed. Ed. Atlas, São Paulo, 2014. 334 p.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. 1 ed. Ed. Peirópolis SP, 2009. 519 p.

SILVA, H. C. da. O que é Divulgação Científica? **Revista Ciência e Ensino**, vol. 1, n.1, dez. 2006.

SILVA, M.J. da; CRUZ, S. M. S. C. de S. A inserção do enfoque CTS através de revistas de divulgação científica. In: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física**. Sociedade Brasileira de Física, Jaboticatubas, 2004.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. Ed. Sage, Thousand Oaks, CA, 1995.

SOUZA, M. R. M.; GUIMARÃES, G. **O Potencial do *Ora-pro-nobis* na Diversificação da Produção Agrícola Familiar**. Revista Brasileira de Agroecologia, 2009.

Subsecretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras – SUBSEMPAB. Documentos Internos, Maio de 2017.

TEIXEIRA, J. **Opiniões 2**. 1 ed. Ed. Josenir Teixeira Advocacia, São Paulo, 2013. 320 p.

TOMÁS, R. N. **Divulgação Científica em 140 caracteres: O twitter institucional da FAPEAM**. Manaus, Dissertação de mestrado, UEA, 2013. 161 p.

TOLEDO, B. A.; GALETTO, L.; COLANTONIO, S. **Uso de plantas medicinales y alimenticias según características socioculturales en Villa Los Aromos (Córdoba, Argentina)**. Tomo, Volumen especial de Etnobotánica, p.79-88, Córdoba, 2007.

UGUEN, K.; BINDÀ, S.; FREITAS, L.; BASSINI, F.; MENEZES, M. A feira orgânica: um espaço de troca de conhecimento sobre soberania alimentar e construção do bem viver. **Uma experiência em Manaus-AM. Revista Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, Manaus, 2015.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Revista Acta Amazônica**, v.44, n.4, p.457-472, Manaus, 2014.

VEIGA, L.; GONDIM, S.M.G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**. p. 1-15, 2001.

WHITE, E. G. **A ciência do Bom Viver**. Casa Publicadora Brasileira, São Paulo, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2ª ed. Ed. Bookman, Porto Alegre, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2ª ed. Ed. Bookman, Porto Alegre, 2001. 205 p.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 2ª ed. Ed. Bookman, Porto Alegre, 2015. 290 p.

YUYAMA, L.K.O.; AGUIAR, J.P.L.; NAGAHAMA, D.; ALENCAR, F.H. Avaliação da dieta dos pré-escolares do Município de Itapiranga - Calha do Rio Amazonas. In: **Congresso da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição - SBAN**, Anais, 272p, São Paulo, 1999. 27Pp.

YUYAMA, L.K.O.; AGUIAR, J.P.L.; RODRIGUES, M.L.C.F.; TEIXEIRA, A.; ALENCAR, F.H; MARINHO, H. A. Avaliação da dieta de pré-escolares do município de Benjamin Constant - AM. In: **VI Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição. Nutrição e Alimentação: da Adequação à Excelência.** Anais SBAN, v. 1. p. 113-272, Florianópolis, 2001.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica:** subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A (Entrevista respondidas pelos 32 entrevistados)

APÊNDICE A (Entrevista respondidas pelos 32 entrevistados)

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Trabalho: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS
(PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

DATA: ___/___/___

ENTREVISTADO: _____

IDADE: _____

FEIRA: _____

ENTREVISTA: _____/2016

1. Você conhece as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)?
() SIM () NÃO

2. Você as utiliza no seu dia a dia?
() SIM () NÃO

3. Como você conheceu essas espécies de plantas?

4. Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?

5. De que forma essa divulgação poderia ocorrer do seu ponto de vista?

6. Você acredita que um guia prático dessas plantas seria importante para a contribuição no conhecimento das mesmas?

7. Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais você conhece? Cite algumas delas.

APÊNDICE B (Entrevistas transcritas a partir dos áudios feitos nas feiras)

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 01 – 2017

LOCAL: FEIRA COBERTA DO ALVORADA

Dia: 06.02.2017

- Entrevista 01 – 2017 intitulado: Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia!

- **Bom dia.**

- Qual sua idade?

- **42 anos.**

- Nós estamos entrevistando uma senhora que é vendedora, e nós fazemos a primeira pergunta.

- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?

- **Sim.**

- A senhora utiliza no seu dia a dia alguma espécie?

- **Sim.**

- Como você conheceu essa espécie de plantas?

- **É assim, porquê, isso já vem de família, né? Minha vó, minha mãe, plantavam, minha vó então elas servem tanto pra, pra botar assim na comida, servir como alimento na comida como serve também para alguns remédios né? Como a couve ela serve pra emagrecer, ela serve para ajudar a emagrecer, ela serve para colesterol, ela serve para gastrite, a pessoa tem que fazer tratamento de gastrite tem que tomar o suco verde da couve, e o cheiro – verde, a chicória, serve pra hemorragia, pressão alta, o coentro, a raiz do coentro, serve para pressão alta, então eu conheço assim já vem de família, e mesmo assim na nossa região a gente confunde muito as folhas verde.**

- A senhora acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?

- **Sim.**

- De que forma essa divulgação poderia ocorrer no seu ponto de vista?

- **Assim éééé, é que assim fosse divulgada mais na televisão, que a gente vê pouco falar né? É nos rádios, também, agora no seres humanos, tá mais divulgado de quê para um, de uma para outro tá mais divulgado de que próprio na televisão e no rádio, porquê um ensina pra outro e a gente vê que o consumo é muito grande no dia a dia [pausa para vender].**

- Nossa sexta questão: Você acredita que um guia prático ou um livro com orientações dessas plantas, seria importante para a contribuição do conhecimento delas?

- **Muito, demais, um livro seria muito importante, pra população né? Não importa se fosse vendido, que até eu no caso compraria um livro também, para falar mais sobre essas plantas medicinais, e essas convencionais.**

- Muito bem. Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais que a senhora conhece? A senhora pode citar algumas?

- **Que eu não conheço?**

- Que a senhora conhece.

- **Que eu conheço? Eu conheço quase todas elas. Salsinha, Crajirú, a alfavaca, coentro, cebolinha, chicória, couve, somente,**

-Muito obrigada encerrando entrevista 01.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 02 – 2017
LOCAL: FEIRA DA SEPROR
Dia 07.02.2017**

- Entrevista 02, referente a feira da SEPROR, no dia 07 de fevereiro de 2017. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim conheço algumas espécies.**
- Ok. Você entende que é importante o uso dessas espécies de plantas, e de que forma elas poderiam ser divulgadas?
- **Sim eu acredito que seria muito importante, na minha opinião uma das formas que ela poderia ser divulgada seria em exposições, pela qual fosse oferecida a comunidade, ficaria bem mais fácil o acesso pra gente conhecer bem mais essas plantas.**
- Como você conheceu essa espécie de plantas?
- **Através da minha mãe né? Através dela eu conheço por causa, que ela gosta muito dessa, dessa área de cuidar de plantas, e conhece algumas, e através desse conhecimento dela, ela passou esse conhecimento pra mim.**
- Quais espécies você conhece de plantas alimentícias não convencionais?
- **Olha, como uma por exemplo, tem a alfavaca né, existe tem também, que alguns chamam o nome de, esqueci no momento o nome, não me vem à mente o nome agora dela, mais é um assim que através da minha mãe, como foi citado, são espécies que eu conheço entendeu?**
- Entendi, só mais uma pergunta. Quantos anos você tem?
- **22 anos.**
- Obrigado, encerrando entrevista 02.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 03 – 2017
LOCAL: FEIRA COBERTA DO PRODUTOR
Dia 08.02.2017**

- Entrevista 03 – 2017, referente a feira do produtor. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Qual a sua idade?
- **39.**
- Muito bem, nossa primeira questão é: Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**

- Você as utiliza no seu dia a dia?
- **Às vezes sim.**
- Como você conheceu essas espécies de plantas?
- **Através de minha mãe que mora no interior, e tem esse conhecimento.**
- Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de planta?
- **Sim, com certeza.**
- De que forma essa divulgação poderia ocorrer no seu ponto de vista?
- **Acho que, por meio da televisão, ou de panfleto, ou verbalmente, né de boca em boca.**
- Você acredita que um guia prático seria importante para a contribuição da divulgação do conhecimento delas?
- **Sim seria sim.**
- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais você conhece? Cite algumas delas.
- **Urtiga, Taperebá, Andiroba.**
- Muito bem, encerrando entrevista 03 obrigada.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 04 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 09.02.2017

- Entrevista 04 – 2017, referente a feira da Manaus Moderna.
- Hoje é dia 09 de fevereiro estamos com uma entrevistada referente a feira Manaus moderna com a pesquisa intitulada sobre as Plantas Alimentícias não convencionais - PANC a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus.
- Qual sua idade?
- **40.**
- Muito bem. Você conhece as plantas alimentícias não-convencionais?
- **Sim.**
- Você as utiliza no seu dia-a-dia?
- **Não.**
- Como você conheceu essas espécies de plantas?
- **Com a minha avó quando eu era criança acostumada fazer chá a gente conhece vai conhecendo.**
- Ok. Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?
- **É bom que as pessoas conheçam por quê algumas não servem só para alimento Mas também como chá né? Unguento, como medicinal né? É bom que seja divulgado né porque para que as pessoas conheçam.**
- Muito bem. Quais espécies de plantas alimentícias não-convencionais Você conhece? Você pode citar algumas?
- **Tem o Caruru o Jambú, o que usa para fazer o Tacacá o manjeriçã, que também usa para fazer macarrão né? Tem o Malvarisco o hortelãzinho a alfavaca também usa para fazer na comida.**
- Muito bem somente?

- **Somente.**
- Obrigada encerrando entrevista 04.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 05 – 2017
LOCAL: FEIRA DO COROADO
Dia 10.02.2017**

- Entrevista 05 na feira do Coroado, com o título: Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais (PANC): a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus.
- Bom dia.
- **bom dia.**
- Você conhece as plantas alimentícias não - convencionais?
- **Mais ou menos (risos).**
- Ok. A senhora conhece, ou utiliza algumas delas no seu dia a dia?
- **Não.**
- Ok. Então, a senhora entende que essas espécies são importantes, para alimentação?
- **Acho que sim né.**
- Muito bem. A senhora acredita que seja necessária a divulgação dessas espécies de plantas?
- **É bom, né, agente saber porque e pra quê que serve né no nosso dia essas plantas.**
- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais a senhora conhece?
- **Couve, cebolinha, o que mais? A erva cidreira né, que é bom pro chá, calmante, acho que só (risos).**
- Ok. Muito obrigada, encerrando entrevista 05.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 06 – 2017
LOCAL: FEIRA DO COROADO
Dia 13.02.2017**

- Entrevista 06, referente a feira do Coroado, intitulado: Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais (PANC): a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia (risos)**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**
- Quais delas você utiliza no seu dia a dia?

- no caso a Babosa né, tem a Babosa, tem o, hortelã, que o pessoal usa bastante, deixa eu ver qual a outra, ai. Pimentinha não né? É pimenta, tem vários tipos de pimenta que eu mesma planto entendeu? Tenho a pimenta, Murupi, que a gente usa também, né, tem a pimenta sapo, e várias outras plantas ai. Que eu gosto mesmo de plantar entendeu?

- Ah legal, muito legal. Você acredita que seja importante, a divulgação dessas espécies?

- **Sim, é porque, assim, não só como as plantas comestível, mais todas a outras, os outros tipos de plantas também né? É acho que é bem interessante.**

- Muito bem. Obrigada, encerrando entrevista 06.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 07 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 14.02.2017

- Entrevista 07 com o tema do trabalho: Um olhar sobre as plantas alimentícias não-convencionais PANC: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Entrevista 010 referente a feira da Manaus Moderna.

- Qual sua idade?

- **61 anos.**

- Você conhece as plantas alimentícias não-convencionais?

- **Sim.**

- Você as utiliza no seu dia-a-dia?

- **Não.**

- Como você conheceu essas espécies de plantas?

- **Através da minha vó, e da minha mãe.**

- Muito bem. Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?

- **Sim, porque elas, serve, são muito importante, inclusive o pessoal do interior usam muito, essas plantas né? São os meios de remédios que eles tem.**

- Muito bem. Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais, você conhece? Cite algumas delas.

- **A catinga da mulata, é uma planta que serve pra fazer chá, pra cólica menstrual, e a erva cidreira, o capim santo, o eucalipto, são plantas medicinais, que é bom a gente sempre ter por perto, pra usar né? O manjeriço, o alecrim, a alfazema, a capeba, folha de capeba, ela é boa, a qual é a outra meu Deus, a camomila, a cena, a folha de cena também é bom para hemorragia menstrual, e tem muita outras também.**

- Somente?

- **Somente.**

- Obrigada, encerrando a entrevista 07.

- **Tá.**

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 08 – 2017
LOCAL: FEIRA DA SEPROR
Dia 15.02.2017**

- Entrevista 08, referente a feira da SEPROR, no dia 15 de fevereiro de 2017. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Qual sua idade?
- **59 anos.**
- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**
- De que forma a senhora conheceu, essas espécies?
- **Por intermédio de livros.**
- Legal, ok. A senhora, acredita que essa espécie de plantas é preciso ser divulgada? E de que forma a senhora acredita que isso pode acontecer, a divulgação dessas espécies?
- **Assim, por pera, por livros mesmo, por televisão rádio, tudo podia ser.**
- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais a senhora conhece? Pode citar algumas?
- **Como a chicória, também o coentro também né que, é usado também no alimento e na saúde, né, pra dor no estomago, e mais outras só que eu não tô lembrada agora.**
- Ok. Muito obrigada encerrando entrevista 08.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 09 – 2017
LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR
Dia 16.02.2017**

- Entrevista 09 – 2017, bom dia.
- **Bom dia.**
- Qual a sua idade?
- **40 anos.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Conheço.**
- Você as utiliza no seu dia a dia?
- **Utilizo.**
- Como você conheceu essas espécies de plantas?
- **Através dos parentes mais antigos, minha avó, meu sogro por exemplo, minha sogra.**
- Você acredita que seja importante a divulgação dessas espécies de plantas?

- **Sim, tem que ser divulgadas.**
- Como essa divulgação poderia ocorrer no seu ponto de vista?
- **Através da mídia, da internet, de panfletos, coisas desse tipo.**
- Você acredita que um guia prático dessas espécies seria importante para a contribuição dos conhecimentos delas?
- **Sim. Muito importante.**
- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais você conhece? Cite algumas.
- **Capim santo, crajirú, boldo, mastruz, e outras mais.**
- Muito bem, encerrando entrevista 09, obrigada.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 010 – 2017
LOCAL: FEIRA DO ALVORADA
Dia 17.02.2017**

- Entrevista 010 – 2017, na feira coberta do Alvorada. Bom dia.
- **Bom dia.**
- **Feira coberta do alvorada 1, bom dia.**
- Qual a sua idade?
- **Tenho 56 anos.**
- Muito bem. A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Conheço. Amor crescido, como por exemplo, amor crescido, ele é ótimo para inflamação no útero, ele com o crajirú, carapanaúba, é a aroeira, e mais coisas dela, é sara tudo, aroeira, é carapanaúba, essas plantas medicinais [Pausa para a venda]**
- Retomando a entrevista 010. A senhora utiliza essas plantas no seu dia a dia?
- **Não, eu sou vendedora, eu receito elas para os meus clientes.**
- Como a senhora conheceu essas espécies, de plantas?
- **No interior, eu sou filha de cabocla do interior, ai minha mãe fazia essas plantas, ai eu aprendi com ela, aprendi com a minha mãe, minha vó, minha bisavó.**
- A senhora acredita que seja importante a divulgação dessas plantas?
- **Sim, muito importante, porque isso ai, a minha avó ela curava a gente, na área que nós morava ribeirinho, as pessoas ficavam boas, não vinham pra cidade se consultar, atrás de médico de cidade, nós interiorano se curava das doenças com essas plantas medicinais, como a andiroba, copaíba, é mel de abelha, para tosse, para essas doenças crônicas que tem no interior, nós somos curados com esse tipo de remédio, lá também no meio do mato. (Risos)**
- De que forma a senhora acredita que essa divulgação pode acontecer?
- **É na área de ribeirinha do interior, procurando saber com elas, mais as plantas, com aquelas pessoas de mais idade, né? Que elas ensinam muito bem, que é bom é ótimo pra gente, se curar ficar boa, tanto é que nem dinheiro tinha pra época, para vir pra cidade assim, né se automedicar,**
- A senhora acredita que um guia prático ou um livro, seria importante para a divulgação do conhecimento dessas espécies?

- Isso vai ser muito importante, né? Pro futuro né? Pra as pessoas que se tratam com essas plantas, lá dos ribeirinhos, que se tratam na beira de rio ai. Né, isso um dia vai ser muito importante pras pessoas, pra quem não sabe por exemplo, o amor crescido, ele é bom pra inflamação, no útero, na próstata, né estômago, essa área ai da gente, isso ai vai ser muito importante. Por exemplo o crajirú, ele é muito importante, pra câncer ele cura. Crajirú com amor crescido junto, isso vai ser muito importante para muita gente que não sabe que não conhece, ele é vem (sic) pra cidade não sabia nem o que era andiroba, nem o que era mel de abelha, nem o que era copaíba, para fazer, o que que é isso... isso é muito bom, minha mãe me dava, isso é bom pra curar as tosse, as doenças, crônicas.
- Obrigada, encerrando entrevista 010 – 2017.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 011 – 2017

LOCAL: FEIRA DO ALVORADA

Dia 20.02.2017

- Entrevista 011 – 2017, bom dia.
 - **Bom dia.**
 - Qual sua idade?
 - **34.**
 - O senhor conhece as plantas alimentícias não convencionais?
 - **Sim.**
 - O senhor as utiliza no seu dia a dia?
 - **Sim.**
 - Como o senhor conheceu essas espécies de plantas?
 - **Através de programas culinários e também através da internet.**
 - O senhor acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?
 - **Sim, é é tem que ter bastante divulgação, pra também ela não acabar, na verdade né?**
 - De que forma essa divulgação poderia ocorrer no seu ponto de vista?
 - **Olha, eu acho que, falta mesmo a divulgação do conhecimento porque, o que acontece hoje em dia é que, as plantas convencionais, que a indústria usa né? Nós temos as, as plantas aqui da região são endêmicas aqui da região [...] elas viraram mato na verdade.**
 - O senhor acredita que um guia prático de orientação seria importante, para a contribuição do conhecimento delas?
 - **Sim, sim seria.**
 - Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais você conhece? Você pode citar algumas delas?
 - **Posso, a alfavaca, é o eu tenho plantado agora um tipo de pimenta que nunca tinha conhecido, uma pimenta do mato, um limão do mato, o maracujá do mato, então são essas plantas que tenho plantado na minha casa.**
- Muito bem, obrigada, encerrando entrevista 011 – 2017 em feira coberta do Alvorada.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 012 – 2017
LOCAL: FEIRA DA SEPROR
Dia 21.02.2017**

- Entrevista 012, referente a feira da SEPROR, no dia 17 de fevereiro de 2017. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Não, não senhora.**
- Você já usou algumas espécie que você não utiliza no seu dia a dia para sua alimentação?
- **Não, Não.**
- Ok. Não conhece nenhum tipo de espécie?
- **Não, ainda não.**
- Muito bem, obrigada encerrando entrevista 012.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 013 – 2017
LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR
Dia 22.02.2017**

Entrevista 013 – 2017, bom dia.

- **Bom dia.**
- Referente a feira do Produtor, qual sua idade.
- **40 anos.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim, algumas.**
- Você as utiliza no seu dia a dia?
- **Não.**
- Como você conheceu essas espécies de plantas?
- **Através de um membro da família.**
- Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?
- **Sim.**
- De que forma, essa divulgação poderia ocorrer no seu ponto de vista?
- **De que forma? Éééé, ah elas não são muito conhecidas, né? Então acho que as pessoas, algumas pessoas, quem conhece, mais são as pessoas antigas né? E assim, acho que devera mais, é, ser**

trabalhada a divulgação boca a boca né? Já que elas não são muito conhecida e não são vendidas né em grande escala.

- Muito bem. Você acredita que um guia prático dessas espécie seria importante para a contribuição no conhecimento das mesmas?

- **Sim, muito.**

- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais você conhece? Cite algumas delas.

- **O Mastruz e a Vinagreira.**

- Somente?

- **Só.**

- Obrigada, encerrando a entrevista 013.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 014 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 23.02.2017

- Entrevista 014 – 2017 na feira da Manaus Moderna com o Título: Plantas Alimentícias Não Convencionais. Bom dia.

- **Bom dia.**

- O senhor conhece as plantas alimentícias não convencionais?

- **Conheço.**

- Quais delas o senhor utiliza no seu dia a dia?

- **Aaaa, só mais essas daqui, a alfavaca, ooo como é que é? O peão, o couve, o cheiro, a cebola, só isso.**

- Como o senhor conheceu essas espécies de plantas alimentícias, através dos familiares como é que foi?

- **Eu nasci lá no meio das hortas, assim nesses tipos assim. Interior né? Conhece muito as plantas, frutas né?**

- Ok. O senhor gostaria ou acha necessário, que a divulgação dessas espécies, no caso as plantas alimentícias fosse divulgada? E de que forma poderia acontecer essa divulgação?

- **Ah, que tem que ser, são as que tão mais servindo para resolver os problemas, as plantas, da região né, porque as que tão fazendo mais efeito essas plantas da região né que faz o remédio de cura, sem precisar da farmácia, que quando usa uma coisa já faz mal para a outra, e esses natural assim que toma, já não afeta nada. É é saudável né, não tem química no meio.**

- Muito bem, obrigada, encerrando entrevista 014.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 015 – 2017
LOCAL: FEIRA DO COROADO
Dia 24.02.2017**

- Entrevista 015, referente a feira do Coroadó, Bom dia.
- **Bom dia.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim, sim.**
- Ok. É referente as plantas alimentícias, como você conheceu essa espécie de plantas? No caso vocês duas né?
- **No interior, é no interior, no sítio onde eu morava tinha muito, é como é que é? Peão – roxo, é babosa, alfavaca, chicória.**
- Tá. Você acredita que a divulgação dessas espécies de plantas, as alimentícias não convencionais seja importante?
- **Sim, são importante sim.**
- Ok. Como você acredita que a divulgação dessas espécies poderia ocorrer na sua opinião, no caso de vocês?
- **Como poderia ocorrer? Como minha mãe, pra que serve né pra ser utilizada em várias coisas, remédio, remédio, é pra fazer remédios medicinais.**
- Ok. Obrigada, encerrando entrevista 015.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 016 – 2017
LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA
Dia 28.02.2017**

- Entrevista 016 – 2017 na feira da Manaus Moderna. Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Se eu conheço, conheço.**
- Ok. Quais delas a senhora utiliza no seu dia a dia, ou não utiliza?
- **Não utilizo.**
- Ok. A senhora entende a importância do uso dessas espécies, especialmente as que são daqui da nossa região?
- **Mais ou menos, não tenho muito conhecimento não.**

- A senhora acredita que ou acha necessário que a divulgação científica das espécies ela deve ser feita? E de que forma a senhora acha que ela pode ser feita e facilitada através de TV, boca a boca como é que a senhora acha?
- **Na televisão que é mais assistido, entendeu, boca a boca o pessoal não querem ouvir muito, na televisão na mídia, o pessoal fala mais é mais divulgado.**
- Muito bem, obrigada, encerrando entrevista 016.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 017 – 2017
LOCAL: FEIRA DA SEPROR
Dia 01.03.2017**

- Entrevista 017, referente a feira da SEPROR. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Qual a sua idade?
- **68.**
- Muito bem. A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**
- De que forma a senhora conheceu essas espécies de plantas?
- **Eu conheci, por causa dos meus pais, eles plantavam, criavam, plantavam todas espécies de plantas.**
- A senhora acredita que seja importante a divulgação, dessas espécies, e de que forma poderia acontecer essa divulgação?
- **Como?**
- A divulgação dessas espécies. Como poderia acontecer?
- **Não sei nem como respondo.**
- **Através de rádio TV, livro conversas...**
- **Sim, sim, pelos livros a gente vê como é que a gente trabalha com essas coisa, é por que eu tô meia surda eu, tô mana, escuto, mal e também tem cegueira.**
- **Mais a gente vê pelo livro a forma de fazer.**
- Muito bem. Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais, que a senhora conhece?
- **Olha eu conheço, plantinha desde a Babosa, plantinha né, é a Malvarisco, é arruda, é aquele Hotelãzinho, tudo, mangarataia, tudo, tenho muita planta.**
- Somente.
- **Somente.**
- Obrigada, encerrando entrevista 017.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 018 – 2017
LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR
Dia 02.03.2017**

- Entrevista 018 – 2017, referente a feira do Produtor bom dia.
- **Bom dia.**
- Qual sua idade?
- **49 anos.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**
- Você as utiliza no seu dia a dia?
- **Todos os dias não algumas vezes.**
- Como você conheceu essa espécie de plantas?
- **Através do do do papai e da mamãe, que eles utilizavam muito antigamente.**
- Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?
- **eu acho, com certeza ela tem que ser divulgada, é que, bem, uma benfeitoria aliás, para as próprias pessoas que utilizam é, pro seu bem estar, pra sua saúde.**
- De que forma essa divulgação poderia ocorrer no seu ponto de vista?
- **Assim divulgação? Ela pode ser divulgado né? Pras (sic) pessoas né para passar pelas outras, ou melhor é como eu acabei de falar anteriormente, pra trazer, benéficos dela né? Muito importante né, pra saúde das pessoas pro nosso dia a dia né? É o consumo dela também é muito importante e traz benefícios pra saúde.**
- Muito bem. Você acredita que um guia prático dessas plantas seria importante para a contribuição no conhecimento das mesmas?
- **Sim, ééé, até porque, o guia prático tem conhecimentos né, mais do que a gente mesmo né, porque ele, ele estudou pra isso né? Então ele tem conhecimento né, sobre as plantas do dia a dia, se ele estudou pra isso ele vai saber, quais os benefícios de cada planta né.**
- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais que você conhece? Cite algumas delas por favor.
- **Mastruz, e o Hortelã, conhecido como Hortelãzinho. E outro mais, Alfavaca, também, é uma planta muito utilizada que a gente, usa no nosso cotidiano, assim no nosso dia a dia.**
- Somente?
- **É.**
- Encerrando entrevista 018 – 2017, obrigada.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 019 – 2017
LOCAL: FEIRA DA ALVORADA
Dia 03.03.2017**

- Entrevista 019 – 2017, bom dia.
- **Bom dia.**
- Qual sua idade?
- **39.**
- O senhor conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**
- O senhor as utiliza no seu dia a dia?
- **Sim.**
- Como o senhor conheceu essas espécies de plantas?
- **Minha família**
- O senhor acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas?
- **Sim, sim.**
- De que forma essa divulgação poderia ocorrer no seu ponto de vista?
- **Nas conversas com a família.**
- O senhor acredita que um guia prático de orientação seria importante, para a contribuição do conhecimento delas?
- **Seria, muito importante.**
- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais, você conhece? Cite algumas.
- **Não convencionais? Como couve? Couve é convencional. Eu não sei.**
- Tudo bem, muito obrigada, encerrando entrevista 019 - 2017.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 020 – 2017
LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR
Dia 08.03.2017**

- Entrevista 020 – 2017 intitulado Plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia.**
- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Conheço.**
- A senhora utiliza elas no seu dia a dia?

- **Utilizo.**

- Como a senhora conheceu essas espécies de plantas?

- **Ah, eu conheci através dos meus pais, ééé, olha a cebolinha, eu utilizo ela, na minha casa todo dia eu utilizo ela. A chicória, a chicória, também eu uso na minha casa, a alfavaca eu uso na minha casa, é couve eu uso na minha casa é, alface eu uso também, é.... Só folhagem ou só folhagem né?**

- Como a senhora acredita que as pessoas possam conhecer mais essas plantas, como a senhora acha?

- **Ah ela pode conhecer através de pesquisas né? É eu acho que elas tem que pesquisar ou na internet, ou mesmo com as pessoas que moram no interior que elas trabalham na lavoura né como agricultora, elas podem procurar ali as pessoas que trabalham ai elas vão se informar e a gente pode informar para elas, qual é as plantas que a gente usa no dia a dia para se alimentar e também as plantas medicinais que a gente tem.**

- Muito bem, obrigada.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 021 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 09.03.2017

- Entrevista 021 – 2017 na feira da Manaus Moderna. Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.

- **Bom dia.**

- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?

- **Conheço.**

- A senhora utiliza elas no seu dia a dia?

- **No momento não.**

- Ok. Como a senhora conheceu, essas espécies de plantas?

- **No sítio da minha mãe, é no sítio da minha mãe no Pará, que lá eles tem esses tipos de plantas.**

- A senhora entende a importância do uso dessas espécies de plantas, principalmente as que são daqui da nossa região?

- **Sim, bastante.**

- A senhora acha importante que elas sejam divulgadas, ah com certeza né.

- E de que forma a senhora acredita que possa ser divulgada, de boca a boca, televisão?

- **Eu acho que televisão, é televisão, é o que é mais fácil pra chegar até as pessoas né?**

- Quais espécies a senhora conhece de plantas alimentícias? Pode falar alguns nomes?

- **Eu conheço o Cariru, a Babosa, a Coirama, aquelas duas que você me citou que esqueci, o Peão, a Chicória e a Alfavaca.**

- Muito obrigado, encerrando entrevista 021.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 022 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 14.03.2017

- Entrevista 022 – 2017 na feira da Manaus Moderna. Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia.**
- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**
- Quais delas a senhora utiliza no seu dia a dia?
- **Cheiro - Verde, Hortelãzinho, pra chá que serve para dor de cólica, Cidreira para sono, o chá também é muito bom.**
- A senhora acredita ou acha importante que a divulgação dessas espécies seja feita?
- **Sim com certeza, elas ajudam muito, para remédio medicinal né?**
- De que forma a senhora acredita que as pessoas poderiam conhecer essas espécies de plantas?
- **A divulgação né? Porque muita gente não sabe para que serve né, acredito que a divulgação seria bem melhor.**
- Como a senhora conheceu essas espécies de plantas?
- **Através da minha família que a maioria mora no interior.**
- Ok. Muito obrigada, encerrando entrevista 022.
- **Obrigada.**

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 023 – 2017

LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR

Dia 16.03.2017

- Entrevista 023 – 2017 intitulado Plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Primeira questão: Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim conheço.**
- A senhora as utiliza no seu dia a dia?
- **Algumas.**
- Como a senhora conheceu essas espécies de plantas?

- **Eu conheço por que eu morava no interior, e no interior as pessoas usam bastante, mais que na cidade né? Tanto é que aqui é difícil encontrar certas coisas que no interior tinha e hoje não existe mais, e as vezes estão caras também quando a gente encontra.**
- Ok. Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas? Como ela poderiam ser divulgadas?
- **Oh eu acredito, que é relevante sim, ééééé, eu não entendo bem como seria divulgado mais, porque deveria ter o incentivo de plantação entendeu? Porque hoje em dia as pessoas não plantam mais, né, elaaas, já existe tanta coisa nova no mercado que as antigas estão ficando para trás e quando elas aparecem são caras, e a gente não tem nem condições de de de, ter normalmente no nosso dia a dia.**
- Quais espécies de plantas alimentícias você conhece? Pode citar algumas?
- **Eu conheço, o Cariru, né que quase a gente não vê mais, o Jambu, a Alfavaca né, isso aqui o Cubiu oh, que é raro (risos) éééé, deixa eu ver mais o que eu conheço eu não tô lembrada agora.**
- Tudo bem, obrigada, encerrando entrevista 023.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 024 – 2017

LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR

Dia 22.03.2017

- Entrevista 024 – 2017 intitulado Plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus, na feira do Produtor, bom dia.
- **Bom dia.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim.**
- Você as utiliza no seu dia a dia? Sim ou não?
- **Com certeza.**
- Como você conheceu estas espécies de plantas?
- **Bom eu conheci através de, meus pais, que tem os conhecimentos específicos a mais né? Então foi através deles que eu vim conhecer mais.**
- Você acredita que seja relevante as pessoas conhecerem mais sobre essas espécies?
- **Com certeza, é muito bom, porque tem plantas medicinais que são benéficas a saúde né, então é muito bom, ter conhecimento sobre elas.**
- Quais espécies de plantas alimentícias não convencionais você conhece? Pode citar algumas?
- **Boldo, temos o Boldo, temos deixa eu ver mastruz, temos é mais assim que eu conheço o mastruz e o boldo, mais tem outras, com certeza tem, que no momento eu não estou lembrando mais tem. Assim como tem plantas também tem frutas, frutas que são benéficas a saúde.**
- Muito bem, obrigada, encerrando.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 025 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 23.03.2017

- Entrevista 025 – 2017 na feira da Manaus Moderna. Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia.**
- O senhor conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Conheço sim senhora.**
- Como o senhor conheceu essa espécie de plantas?
- **Conheci, com minha família meus pais, meus tios e os mais velhos lá no interior.**
- O senhor acredita que essas plantas deveriam ser mais bem divulgadas? E de que forma deveriam ser?
- **Eu acho que conversas com a família e os livros, trazem muita informação das plantas também.**
- Quais espécies o senhor conhece?
- **Eu conheço, o Mastruz, o Boldo, o Peão, a cebolinha e mais um monte.**
- O senhor as utiliza no seu dia a dia?
- **Só algumas dessas, porque são mais fácil de comprar.**
- Obrigada, encerrando entrevista 025.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 026 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 28.03.2017

- Entrevista 026 – 2017 na feira da Manaus Moderna. Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia.**
- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Conheço.**
- Como a senhora conheceu essas espécies de plantas?
- **Aqui mesmo na Manaus Moderna.**
- A senhora utiliza elas no seu dia a dia?
- **Só o cheiro – verde.**
- A senhora acha importante a divulgação científica dessas espécies de plantas?

- **Sim.**
- De que forma a senhora acredita que elas poderiam ser divulgadas, através de TV boca a boca, de que forma elas poderiam ser divulgadas?
- **Eu não entendi.**
- Para que as outras pessoas conheçam, saibam sobre elas.
- **Divulgando né? Não é isso a palavra, acho que através de livro, televisão, tudo isso né.**
- A senhora pode falar para mim os nomes de algumas que a senhora conheça, só algumas.
- **A Babosa, tem tantas que nem eu tô lembrada olha. Lembro não, mas eu sei, fala ai algumas para ver se eu lembro.**
- O Peão Roxo?
- **Conheço.**
- A Alfavaca?
- **Conheço.**
- Urtiga?
- **Conheço.**
- Crajirú?
- **Conheço.**
- Então conhece. (Risos)
- Obrigada.
- **Obrigada.**

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 027 – 2017

LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR

Dia 30.03.2017

- Entrevista 027 – 2017 intitulado Plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Primeira questão: Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Sim conheço.**
- A senhora as utiliza no seu dia a dia?
- **Algumas.**
- Como a senhora conheceu essas espécies de plantas?
- **Eu conheço por que eu morava no interior, e no interior as pessoas usam bastante, mais que na cidade né? Tanto é que aqui é difícil encontrar certas coisas que no interior tinha e hoje não existe mais, e as vezes estão caras também quando a gente encontra.**
- Ok. Você acredita que seja relevante a divulgação dessas espécies de plantas? Como ela poderiam ser divulgadas?
- **Oh eu acredito, que é relevante sim, éééé, eu não entendo bem como seria divulgado mais, porque deveria ter o incentivo de plantação entendeu? Porque hoje em dia as pessoas não plantam mais, né, elaaas, já existe tanta coisa nova no mercado que as antigas estão ficando para**

trás e quando elas aparecem são caras, e a gente não tem nem condições de de de, ter normalmente no nosso dia a dia.

- Quais espécies de plantas alimentícias você conhece? Pode citar algumas?
- **Eu conheço, o Cariru, né que quase a gente não vê mais, o Jambu, a Alfavaca né, isso aqui o Cubiu oh, que é raro (risos) éééé, deixa eu ver mais o que eu conheço eu não tô lembrada agora.**
- Tudo bem, obrigada, encerrando entrevista 027.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 028 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 01.04.2017

- Entrevista 028 – 2017 na feira da Manaus Moderna. Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.
- **Bom dia.**
- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Como o Peão Roxo, a Urtiga, tem Peão Branco também.**
- Muito bem. Como o senhor conheceu estas espécies de plantas?
- **É que nem eu lhe disse, a gente morava no interior, e tinha um bocado dessas plantas ai né. Cultivava no terreno né.**
- O senhor acha que é importante, é necessário divulgar essas espécies de plantas?
- **Com certeza né. Isso ai é plantas medicinais.**
- De que forma o senhor acha que essa divulgação poderia ocorrer?
- **É assim mesmo né através de entrevistas, passando para as outras pessoas né.**
- O senhor pode dizer o nome de algumas que o senhor conheça. Por favor.
- **Dessa ai mesmo? O Peão Roxo, a Urtiga, o Peão Branco, tem o algodão branco também, só as que eu conheço.**
- Muito obrigada.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 029 – 2017

LOCAL: FEIRA DA MANAUS MODERNA

Dia 04.04.2017

- Entrevista 029 – 2017 na feira da Manaus Moderna. Um olhar sobre as plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus. Bom dia.

- **Bom dia.**
- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Alfavaca?**
- Isso.
- **Sim a Alfavaca ela serve pra comida como tempero, e chá para dor de urina.**
- Como a senhora conheceu essa espécie de plantas?
- **Foi através da minha mãe né? Minha vó, antigamente.**
- A senhora acredita que essas plantas, elas tem que ser mais divulgadas?
- **Sim creio que sim.**
- E de que forma a senhora acha que elas poderiam ser divulgadas, através de conversas de televisão, como a senhora acha?
- **Eu acho que através de televisão, ela deveria ser divulgada.**
- Muito obrigada, encerrando.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS –PANC

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

ENTREVISTA 030 – 2017

LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR

Dia 06.04.2017

- Entrevista 030 – 2017 intitulado Plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus, na feira do Produtor, bom dia.
- **Bom dia.**
- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?
- **Couve, Alface, Tomate, Beterraba.**
- A senhora utiliza no seu dia a dia?
- **Sim.**
- Como a senhora conheceu essas espécies de plantas?
- **Por que eu trabalho com elas.**
- Muito bem. A senhora acredita que como as pessoas poderiam conhecer mais sobre elas? TV, livros, como a senhora acha?
- **Eu acho que elas tem que comprar, né que é para elas poder conhecer. Como que usa.**
- Quais plantas a senhora conhece? Pode dizer o nome de algumas? Por favor.
- **Alface, couve, agora (risos), cheiro - verde, tomate, não é que come né, beterraba, cenoura, batata...**
- Muito bem, obrigada.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 031 – 2017
LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR
Dia 12.04.2017**

- Entrevista 031 – 2017 intitulado Plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus, na feira do Produtor, bom dia.

- **Bom dia.**

- A senhora conhece as plantas alimentícias não convencionais?

- **É a Alfavaca eu conheço a Alfavaca, eu conheço a Babosa, ééé, realmente o cheiro – verde também, para falar a utilidade deles.**

- A senhora utiliza eles lá na sua casa?

- Como a senhora conheceu essas plantas?

- **A gente conheceu mesmo, a Alfavaca, éééé, conhecida pra tempero né, para fazer para colocar no tucupi, né. E o cheiro – verde para gente colocar na comida, mais ele também tem um utilidade o cheiro – verde, porquê por exemplo para, dores no joelho da gente, a gente corta o pé do cheiro – verde, do maço que a gente compra o casal, o cheiro - verde, a cebolinha, e a chicória, e o cheiro – verde você pega ele e corta, com raiz e tudo aquele maço e bota para cozinhar e coloca, o cebo de carneiro para as dores no joelho e tira tudo.**

- A senhora acha importante as pessoas conhecerem mais sobre essas plantas?

- **Claro, que elas tem grande utilidade, quanto mais conhecimento melhor.**

- Muito bem, obrigada hein.

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO
CONVENCIONAIS –PANC**

MESTRANDA: CARLA BORGES

Fala em Negrito: Entrevistado

Fala em Cor clara: Entrevistador

**ENTREVISTA 032 – 2017
LOCAL: FEIRA DO PRODUTOR
Dia 12.04.2017**

- Entrevista 032 – 2017 intitulado Plantas alimentícias não convencionais: a divulgação científica das espécies na cidade de Manaus, na feira do Produtor, bom dia.

- **Bom dia.**

- Você conhece as plantas alimentícias não convencionais?

-**Sim.**

- A senhora utiliza no seu dia a dia?

- **Sim.**

- Como a senhora conheceu essas espécies de plantas?

- **Ai, desde criança, minha avó, minha tia, tudo usavam.**

- A senhora acredita que seja importante a divulgação dessas espécies, para as pessoas conhecerem mais sobre elas?

-Sim, sem dúvida.

- Quais espécies de plantas alimentícias a senhora conhece? Pode citar algumas?

- Cheiro – verde, alface, couve, chicória, tudo é bom, suco de couve então é maravilhoso eu tomei muito quando eu tava grávida, então eu acho que é muito importante as pessoas saber, principalmente do couve, alface, tem gente que nem sabe que o couve serve para fazer suco, e é maravilhoso o suco dele. Deixa eu ver mais o queeeee, eu gosto de hortelã, éééé, como é o nome do outro que eu gosto? Ai esqueci, é Manjeriçã, até para tomar banho eu gosto (risos) é os que mais eu uso.

- Ok. Muito obrigada.

APÊNDICE C (Telas dos agrupamentos dos arquivos)

APÊNDICE C (Telas dos agrupamentos dos arquivos)

LEITURAS Dissertação por Capítulos

Arquivo Início Compartilhar Exibir

Copiar Colar Recortar Copiar caminho Colar atalho Mover para Copiar para Excluir Renomear Nova pasta Novo item Fácil acesso Propriedades Abrir Histórico Selecionar tudo Selecionar nenhum Inverter seleção

Área de Transferência Organizar Novo Abrir Selecionar

LEITURAS Dissertação por Capítulos

Nome	Data de modificaç...	Tipo	Tamanho
Artigo e livros EC 3 L + 1 A	13/06/2017 14:44	Pasta de arquivos	
Artigos Capitulo 1 PANC 17 A + 2 D + ...	12/06/2017 11:56	Pasta de arquivos	
Artigos Capitulo 2 DC 12 A + 8 D	12/06/2017 12:27	Pasta de arquivos	
Artigos Metodologia AC 11 A + 1D + 1...	13/06/2017 15:08	Pasta de arquivos	

Favoritos: Área de Trabalho, Locais recentes, Downloads, OneDrive, Anexos de email, Documentos, Imagens, Music, Música, Pública, Grupo doméstico, CARLA BORGES

MATERIAL INTERNET ANÁLISE PANC

Arquivo Início Compartilhar Exibir

Copiar Colar Recortar Copiar caminho Colar atalho Mover para Copiar para Excluir Renomear Nova pasta Novo item Fácil acesso Propriedades Abrir Histórico Selecionar tudo Selecionar nenhum Inverter seleção

Área de Transferência Organizar Novo Abrir Selecionar

MATERIAL INTERNET ANÁLISE PANC

Nome	Data de modificaç...	Tipo	Tamanho
01. Anais Reunião interamericana de h...	22/06/2017 22:18	Adobe Acrobat D...	6.815 KB
02. SBPC Manaus 2009 PANCs	22/05/2016 01:11	Adobe Acrobat D...	66 KB
03. Agroecologia 2015	19/09/2016 14:33	Adobe Acrobat D...	163 KB
04. Agroecologia Feira Manaus 2015	19/09/2016 14:24	Adobe Acrobat D...	930 KB
4 Artigos PANC ELETRÔNICOS	16/05/2017 12:49	Documento do Mi...	980 KB
05. PANC Ribeirinho 2016 Dissertação	19/09/2016 15:32	Adobe Acrobat D...	5.346 KB
06. PCE PANC Manaus 2015	19/09/2016 14:23	Adobe Acrobat D...	108 KB

Favoritos: Área de Trabalho, Locais recentes, Downloads, OneDrive, Anexos de email, Documentos, Imagens, Music, Música, Pública, Grupo doméstico, CARLA BORGES

APÊNDICE D (Fotos das Visitas as Feiras)

APÊNDICE D (Fotos das Visitas as Feiras)



1. Fachada da Feira do Alvorada

2. Entrevista na Feira do Alvorada



3. Coleta na Feira do Coroado

4. Fachada da Feira do Coroado



5. Coleta na Feira da SEPROR

6. Coleta na Feira da SEPROR

APÊNDICE D (Fotos das Visitas as Feiras)



7. Coleta na Feira da Manaus Moderna

8. Feira da Manaus Moderna



9. Feira do Produtor

10. Coleta na Feira do Produtor

APÊNDICE E (Artigos, Dissertações e TCCs utilizados na análise)

APÊNDICE E (Artigos, Dissertações e TCCs utilizados na análise)

Descrição e organização dos artigos, dissertações e TCC utilizados

Nº	SEÇÃO	LITERATURA	AUTOR (ES)
01	Divulgação Científica	ART - A divulgação Científica no Horizonte do (Im) provável	Gabriel Cid de Garcia
02	Divulgação Científica	ART - Artigos de Divulgação Científica para o estudo de problemas energéticos com enfoque CTS	Rosangela Ferreira Prestes; Ana Maria Marques da Silva
03	Divulgação Científica	ART - Ciência e divulgação científica: reflexões sobre o processo de produção e socialização do saber	Janaina Minelli de Oliveira
04	Divulgação Científica	ART - Interação em Artigos Científicos e de Divulgação Científica	Karla Daniele de Souza Araújo
05	Divulgação Científica	ART - Divulgação Científica e relações de poder	Graça Caldas
06	Divulgação Científica	ART - Para que serve a Divulgação Científica	Emília Luigia Saporiti Angerami
07	Divulgação Científica	ART - Divulgação Científica no ensino de ciências	Maria Lucia Lopes; Marcos Antonio Florczak
08	Divulgação Científica	ART - O que é Divulgação Científica?	Henrique César da Silva
09	Divulgação Científica	ART - A organização retórica de artigos de Divulgação Científica: influências externas sobre escolhas do produtor	Maria Eduarda Giering
10	Divulgação Científica	TCC - A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA FACILITADA PELO ACESSO LIVRE AO CONHECIMENTO: um estudo sobre os repositórios institucionais	Patrícia dos Santos Caldas Marra

11	Divulgação Científica	ART - Textos de Divulgação Científica no Ensino de Ciências: uma revisão	Luciana Nobre de Abreu Ferreira; Salete Linhares Queiroz
12	Divulgação Científica	ART - Gênero artigo de Divulgação Científica: Uma possibilidade de abordagem interdisciplinar	Viviane Ferreira Furtado
13	Divulgação Científica	DISS – A constituição e o funcionamento de artigos de Divulgação Científica na mídia impressa: Características composicionais e estratégias discursivas	Jairo Venício Carvalhais de Oliveira
14	Divulgação Científica	DISS - O Projeto Observatório da Educação/Capes/UEA: Fases da Difusão do Conhecimento	Anne Karynne Almeida Castelo Branco
15	Divulgação Científica	DISS - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO AMAZONAS: uma análise das matérias de capa da revista Amazonas faz Ciência	Aline Cristina Oliveira das Neves
16	Divulgação Científica	DISS - Divulgação Científica no favorecimento do aprendizado de Matemática no ensino médio, no projeto presencial e mediado por tecnologia da SEDUC/AM	Manoel Fernandes Braz Rendeiro
17	Divulgação Científica	DISS - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA O PÚBLICO INFANTIL: um estudo de caso no Museu da Amazônia (MUSA)	Cíntia Emanuely Ramos Magalhães
18	Divulgação Científica	DISS - DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM 140 CARACTERES: o twitter institucional da FAPEAM	Renata Nobre Tomás
19	Divulgação Científica	DISS - A Divulgação Científica na	Wagner de Deus

		Página Web do PPGEEC/UEA: Contribuições Para a Educação Científica	Mateus
20	Divulgação Científica	DISS - Divulgação Científica: Produção de Vídeos Com as Crianças Para a Aprendizagem de Ciências no Ensino Fundamental	Francinaldo Mendes Nogueira
21	Divulgação Científica	ART – Caracterização dos textos de divulgação científica inseridos em livros didáticos de biologia	Pedro Henrique Ribeiro de Souza; Marcelo Borges Rocha
22	Divulgação Científica	ART – O que é divulgação científica?	Henrique César da Silva
23	PANC	ART - Uso de plantas medicinales y alimenticias según características socioculturales en Villa Los Aromos (Córdoba, Argentina)	Bárbara Arias Toledo; Leonardo Galetto; Sonia Colantonio
24	PANC	ART - Utilização de cactáceas do gênero <i>Pereskia</i> na alimentação humana em um município de Minas Gerais	Martha Elisa Ferreira de Almeida; Angelita Duarte Corrêa
25	PANC	ART - O Potencial do Ora-pro-nobis na Diversificação da Produção Agrícola Familiar	Maria Regina de Miranda Souza; Eduardo José Azevedo Correa; Geicimara Guimarães; Paulo Roberto Pereira
26	PANC	ART - Riqueza de Plantas Alimentícias Não-Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul	Valdely Ferreira Kinupp; Ingrid Bergman Inchausti de Barros
27	PANC	ART - Plantas Alimentícias Não-	Valdely Ferreira

		Convencionais (PANCs): uma Riqueza Negligenciada	Kinupp
28	PANC	ART - Hortaliças subutilizadas e sua importância no contexto da agricultura familiar	Arlete Marchi Tavares de Melo
29	PANC	ART - Ecoalfabetização com a inclusão de práticas baseadas nos princípios da agroecologia	Aluan Magalhães Machado; Bianca Galúcio Pereira Araujo; Glauce Galúcio Pereira
30	PANC	ART - As Hortaliças Não-Convencionais no projeto Horta Doméstica: O Conhecimento e o Consumo	Mônica Tiho Chisaki Isobe; Simone Pereira Marques; Nilbe Carla Mapeli; Santino Seabra Júnior.
31	PANC	DISS - Frutas Alimentícias Não Convencionais da zona rural de Viçosa, Minas Gerais: Levantamento Etnobotânico e valor Nutricional	Galdino Xavier de Paula Filho
32	PANC	ART - Ora-Pro-Nóbis: Cultivo e Uso Como Alimento Humano	Patrícia dos Anjos Ribeiro; Wellica Gomes dos Reis; Reginaldo Rodrigues de Andrade; Carla Regina Amorim dos Anjos Queiroz
33	PANC	ART - Qualidade sanitária e fisiológica da hortaliça não-convencional <i>Luffa Acutangula</i>	Kênia Máximo Silva; Daiana Maria Queiroz Azevedo; Felipe Coelho Gonçalves; Cândido Alves da Costa;

			Fernando da Silva Rocha
34	PANC	ART - Plantas Alimentícias Não Convencionais em Comunidades Ribeirinhas na Amazônia	Mariane Sousa Chaves
35	PANC	ART - Obtenção de composto orgânico para o cultivo de plantas alimentícias não convencionais – PANCs em horta escolar	Fabício Nascimento Ferreira; Fábio Luiz Veras Ribeiro; Júlia Raissa Silva de Oliveira; Ana Abygail Souza e Souza; Sarah Eduarda Mamed dos Santos; Solange Beatriz de Souza Guimarães; Vitor Hugo dos Santos Lima
36	PANC	ART - Teores de proteínas e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas	Valdely Ferreira Kinupp; Ingrid Bergman Inchausti de Barros
37	PANC	TCC – Cultivo e comercialização de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) em Porto Alegre, RS	Adriana Samper Erice
38	PANC	TESE – Plantas Alimentícias Não Convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS	Valdely Ferreira Kinupp
39	PANC	ART - FEIRA MANAUS MODERNA: Um Espaço Não-Formal para o Ensino de Ciências	José Cavalcante Lacerda Junior; Evelyn Lauria Noronha

40	PANC	ART - A feira orgânica: um espaço de troca de conhecimento sobre soberania alimentar e construção do bem viver. Uma experiência em Manaus-AM	Katell Uguen; Suzyanne Bindã; Luiziani Freitas; Fábio Bassini; Márcio Menezes
41	PANC	ART - Estudo comparativo da comercialização de hortaliças orgânicas e convencionais em Manaus, Amazonas	Ocinéia Márcia A. Santiago; Daniel Felipe de O. Gentil
42	PANC	DISS - Trabalho Precário em Manaus: Os carreteiros da Feira Manaus Moderna	Maria Milene de Souza Gomes
43	PANC	RELATÓRIO MONOGRÁFICO - A percepção sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais nos mercados e feiras de Manaus	Daniella de Vasconcelos da Silva
44	PANC	LIVRO – Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil	Valdely Ferreira Kinupp; Harri Lorenzi
45	A. CONTEÚDO	ART - Análise de Conteúdo	Guanis de Barros Vilela Junior; Anderson dos Santos Carvalho
46	A. CONTEÚDO	ART - Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo	Rita Catalina Aquino Caregnato; Regina Mutti
47	A. CONTEÚDO	ART - Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios	Anelise Rebelato Mozzato; Denize Grzybovski
48	A. CONTEÚDO	ART - Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais	Mônica Carvalho Alves Cappelle; Marlene Catarina de

			Oliveira Lopes Melo; Carlos Alberto Gonçalves
49	A. CONTEÚDO	ART - Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória	Décio Rocha; Bruno Deusdará
50	A. CONTEÚDO	ART - MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde	Claudinei José Gomes Campos
51	A. CONTEÚDO	ART - Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização Conjugada	Adriano Roberto Afonso do Nascimento; Paulo Rogério Meira Menandro
52	A. CONTEÚDO	ART - Análise de Conteúdo: A Visão de Laurence Bardin	Fernanda Marsaro dos Santos
53	A. CONTEÚDO	ART – Análise de Conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações	Rosana Hoffman Câmara
54	A. CONTEÚDO	ART - Grupo Focal e Análise de Conteúdo como Estratégia Metodológica Clínica-Qualitativa em Pesquisas nos Distúrbios do Desenvolvimento	João Roberto de Souza Silva; Silvana Maria Blascovi de Assis
55	A. CONTEÚDO	ART – Análise de Conteúdo e Análise do discurso: O linguístico e seu entorno	Décio Rocha; Bruno Deusdará
56	A. CONTEÚDO	DISS - O Potencial Pedagógico dos Espaços Não Formais da Cidade de Manaus	Hiléia Monteiro Maciel
57	A. CONTEÚDO	TCC – As Leis de Mendel no ensino	Carla Karoline

		médio: Perspectivas e Desafios	Gomes Dutra Borges
58	A. CONTEÚDO	LIVRO – Análise de Conteúdo	Laurence Bardin
59	ESTUDO DE CASO	LIVRO - Projeto de Pesquisa	John W. Creswell
60	ESTUDO DE CASO	LIVRO – Estudo de Caso: Planejamento e Métodos	Robert K. Yin
61	ESTUDO DE CASO	ART - Método do Estudo de Caso (Case Studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração.	Ana Maria Roux Valentini Coelho Cesar
62	ESTUDO DE CASO	LIVRO – Pesquisa Social: Métodos e Técnicas	Roberto Jarry Richardson
		TOTAL:	62 LITERATURAS

Fonte: Borges, 2017

**APÊNDICE F (As três categorias analíticas encontradas e suas inter -
relações)**

APÊNDICE F (As três categorias analíticas encontradas e suas inter-relações)

As três categorias analíticas encontradas e suas inter-relações.

CATEGORIA	O Uso das PANC
RECORTE (Entrevista) E	“É assim, porquê, isso já vem de família, né? Minha vó, minha mãe , plantavam [...] então eu conheço assim já vem de família , e mesmo assim na nossa região a gente confunde muito as folhas verde” (E.01).
RECORTE (Diário de Campo) DC	“Notamos nessa senhora, um interesse muito claro em ajudar as pessoas [...] Então ela cita em falas informais muitas vezes que: “Eu sei porque eu morei no sítio no interior”. E relaciona sua vinda do estado do Pará aos seus conhecimentos passados de geração em geração pela família ” (DC p. 3).
RECORTE (Texto) TXT	“As atividades relacionadas ao agronegócio familiar [...] atingem aproximadamente 5.000 famílias que atuam em vários segmentos da cadeia produtiva [...] Nesse segmento, a pesquisa e o desenvolvimento atuam de forma efetiva na geração, adaptação e transferência de Tecnologia” (TXT 06, p.1)
CATEGORIA	O Uso das PANC
RECORTE (Entrevista) E	“Ah, eu conheci através dos meus pais , ééé, olha a cebolinha, eu utilizo ela, na minha casa todo dia eu utilizo ela. A chicória, a chicória, também eu uso na minha casa, a alfavaca eu uso na minha casa , é couve eu uso na minha casa é, alface eu uso também, é... Só folhagem ou (E.020).
RECORTE (Diário de Campo) DC	“Então podemos observar também nesse processo, que quem vende já tem conhecimentos prévios sobre esse assunto e que este foi adquirido em sua trajetória de vida” (DC p. 6).
RECORTE	“As despesas alimentares consomem grande parte da

(Texto) TXT	renda das famílias pobres das cidades e, por isso, elas buscam constantemente alternativas que reduzam estes gastos e garanta a segurança alimentar (DRECHSEL et al., 1999). (TXT 08, p. 1).
CATEGORIA	O Uso das PANC
RECORTE (Entrevista) E	“Cheiro – verde, alface, couve, chicória, tudo é bom, suco de couve então é maravilhoso eu tomei muito quando eu tava grávida. Deixa eu ver mais o queeeee, eu gosto de hortelã, éééé, como é o nome do outro que eu gosto? Ai esqueci, é Manjerição, até para tomar banho eu gosto (risos) é os que mais eu uso” (E. 032).
RECORTE (Diário de Campo) DC	“E expressões como: “Faça que vai resolver”, “ Eu já usei ”, “Lá no sítio da minha mãe tem”, são recorrentes em suas vendas, o modo de falar sobre as plantas que são presentes em sua banca como o boldo, o mastruz, o jambu, e o próprio cheiro – verde, mostram que de fato ela possui algum conhecimento de causa e uso, porém o modo de imposição quanto ao preparo é certo” (DC p. 7).
RECORTE (Texto) TXT	“O cultivo dessas hortaliças no Brasil é feito predominantemente por agricultores familiares em ambientes menos favorecidos , onde espécies não convencionais tem vantagens comparativas sobre as culturas commodities” (PADULOSI et al., 2002) (TXT 11, p 2).
CATEGORIA	A Divulgação das PANC
RECORTE (Entrevista) E	“Assim éééé, é que assim fosse divulgada mais na televisão , que a gente vê pouco falar né? É nos rádios, também, agora no seres humanos, tá mais divulgado de quê para um, de uma para outro tá mais divulgado de que próprio na televisão e no rádio , porquê um ensina pra outro e a gente vê que o

	consumo é muito grande no dia a dia” (E. 01).
RECORTE (Diário de Campo) DC	“Por isso evidenciamos aqui, a questão da divulgação em si, a qual ocorre por meio dos próprios vendedores das espécies salientando o potencial das mesmas através do ensino do uso de cada uma” (DC p. 6).
RECORTE (Texto) TXT	“A maioria dos cultivos está estabelecida nos quintais para o consumo da própria família, sem nenhum apelo comercial. Com isso, a fragilidade encontrada na perda desses materiais pela falta de estudos sobre o cultivo e incentivo à utilização é uma preocupação que deve ser observada pela pesquisa e extensão na manutenção e propagação das hortaliças não convencionais (KINUPP 2009) (TXT 13, p. 2).
CATEGORIA	A Divulgação das PANC
RECORTE (Entrevista) E	“Na televisão que é mais assistido , entendeu, boca a boca o pessoal não querem ouvir muito, na televisão na mídia , o pessoal fala mais é mais divulgado ” (E. 16).
RECORTE (Diário de Campo) DC	“Somente uma pessoa que no caso era uma vendedora, demonstrou conhecimento sobre essas plantas, pois em seu quiosque, ela tinha mudas de plantas tanto de frutas como de pimentinhas para vender, e também destacou que faz o plantio das espécies em sua casa” (DC p. 12).
RECORTE (Texto) TXT	“A tendência de crescimento desse segmento de mercado é devido ao maior fluxo de informações , tornando o consumidor mais consciente sobre a preservação e conservação da natureza. Porém, o comportamento de consumo é complexo e contraditório , que depende do contexto social e cultural dos consumidores” (TXT 19, p. 2).
CATEGORIA	A Divulgação das PANC

<p>RECORTE (Entrevista) E</p>	<p>“Oh eu acredito, que é relevante sim, ééééé, eu não entendo bem como seria divulgado mais, porque deveria ter o incentivo de plantação entendeu? Porque hoje em dia as pessoas não plantam mais, né, elaaas, já existe tanta coisa nova no mercado [...] (E. 23).</p>
<p>RECORTE (Diário de Campo) DC</p>	<p>“E frases como: “Eu sei sim, como se faz”, “Mais é fácil de fazer”. Essas frases foram proferidas pela senhora que escolhemos para acompanhar na observação. E assim também através das observações eu fizemos, vimos o empenho dela em instruir as pessoas que de fato queriam obter o produto para sua melhoria de vida” (DC p. 16).</p>
<p>RECORTE (Texto) TXT</p>	<p>“As hortaliças não-convencionais são uma alternativa alimentar e uma opção de diversificação cultural, na atividade agropecuária, sobretudo na agricultura familiar” (ROCHA et al., 2008). Entretanto, a falta de informações por parte da população quanto ao seu valor nutricional e o modo de preparo faz com que seu consumo seja reduzido (SOUZA et al., 2009) (TXT 2. p. 2).</p>
<p>CATEGORIA</p>	<p>A Importância das PANC</p>
<p>RECORTE (Entrevista) E</p>	<p>“A catinga da mulata, é uma planta que serve pra fazer chá, pra cólica menstrual, e a erva cidreira, o capim santo, o eucalipto, são plantas medicinais, que é bom a gente sempre ter por perto, pra usar né? O manjerição, o alecrim, a alfazema, a capeba, folha de capeba, ela é boa, a qual é a outra meu Deus, a camomila, a cena, a folha de cena também é bom para hemorragia menstrual, e tem muita outras também” (E. 07).</p>
<p>RECORTE (Diário de Campo) DC</p>	<p>“E expressões como: “Faça que vai resolver”, “Eu já usei”, “Lá no sítio da minha mãe tem”, são recorrentes em suas vendas, o modo de falar sobre as</p>

	plantas que são presentes em sua banca como o boldo, o mastruz, o jambu, e o próprio cheiro – verde, mostram que de fato ela possui algum conhecimento de causa e uso, porém o modo de imposição quanto ao preparo é certo. Ainda mais por se tratar de uma senhora idosa, que já possui alguma idade e também uso dessas plantas” (DC p. 7).
RECORTE (Texto) TXT	“Muitas plantas são denominadas "daninhas" ou "inços", pois medram entre as plantas cultivadas, porém, são espécies com grande importância ecológica e econômica. Muitas destas espécies, por exemplo, são alimentícias, mesmo que atualmente em desuso (ou quase) pela maior parte da população” (TXT 04 p. 1).
CATEGORIA	A Importância das PANC
RECORTE (Entrevista) E	“Isso vai ser muito importante , né? Pro futuro né? Pra as pessoas que se tratam com essas plantas , lá dos ribeirinhos, que se tratam na beira de rio ai. Né, isso um dia vai ser muito importante pras (sic) pessoas , pra quem não sabe por exemplo, o amor crescido, ele é bom pra inflamação, no útero, na próstata, né estômago, essa área ai da gente, isso ai vai ser muito importante” (E.010).
RECORTE (Diário de Campo) DC	“Durante os momentos da entrevista nas conversas informais, ela cita as plantas alimentícias juntamente com as medicinais , ou seja, o uso é ambíguo para ambas as utilidades. Sua banca é mais tranquila, no entanto, seus conhecimentos derivam da família , no caso das tias de criação, por isso seu conhecimento durante as conversas, foi observado de forma bastante clara” (DC p. 3).
CATEGORIA	A Importância das PANC
RECORTE	“Sim, muito importante , porque isso ai, a minha avó

(Entrevista) E	ela curava a gente, na área que nós morava ribeirinho, as pessoas ficavam boas, não vinham pra cidade se consultar , atrás de médico de cidade, nós interiorano se curava das doenças com essas plantas medicinais, como a andiroba, copaíba, é mel de abelha, para tosse, para essas doenças crônicas que tem no interior, nós somos curados com esse tipo de remédio, lá também no meio do mato” (E.010)
RECORTE (Diário de Campo) DC	“Um ponto que eu gostaria de evidenciar aqui, é a questão das vendas das plantas alimentícias tanto convencionais, quanto das não convencionais, é notório que, durante as vendas em que nós observamos esse processo, normalmente os vendedores querem ensinar como se deve fazer o preparo da mesma” (DC p. 6).
RECORTE (Texto) TXT	“Há espécies que, devidamente avaliadas, têm potencial fazer parte da cadeia produtiva das hortaliças, aos níveis local, regional ou nacional. Dessa forma, o pequeno agricultor poderá dispor de novas opções de cultivo, com materiais adaptados, ampliando o leque de produtos disponíveis para o mercado consumidor” (TXT 06. p. 1).

Fonte: Borges, 2017

APÊNDICE G (Diários de Campo das Visitas as Feiras)

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

FEIRA: Coberta do Alvorada	VISITAS: 01 -10 - 11 - 19 - 2017
----------------------------	----------------------------------

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

Avaliação: Difícil as pessoas quererem se identificar e inviável a coleta de dados por meio de questionário.

Melhorias: Palavras mais fáceis de explicar para os participantes.

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

DIÁRIO DE CAMPO

No dia 06 de fevereiro de 2017, realizamos a primeira visita de campo oficial, para início da coleta de dados para nossa pesquisa. E a primeira feira de acordo com o cronograma montado foi a feira coberta do Alvorada. Nessa visita chegamos primeiramente, e observamos o movimento das pessoas que frequentam a mesma. Nessa feira há muitos quiosques, tanto de venda de frutas, verduras e peixes, quanto de variedades mesmo, ou mesmo de alimentação já pronta, na qual as pessoas se reúnem para ir almoçar ali. Primeiramente ao chegar a feira foi muito impactante pois, eu não tinha costume de ir à feira e não gosto mesmo de ir, no entanto a partir da presente pesquisa, pudemos começar a ter um novo olhar sobre a mesma. Nesse dia conseguimos realizar 4 entrevistas duas com feirantes e duas com clientes que estavam ali em compras. No entanto das três entrevistas, pudemos notar claramente na fala das pessoas a associação muito recorrentes das plantas alimentícias convencionais ou mesmo não convencionais, a questão das plantas

medicinais. Mesmo com a nossa explicação prévia sobre o que seriam essas plantas, ainda assim a definição entre as pessoas se confunde muito. Percebemos que somente uma pessoa conseguiu entender o objetivo da pesquisa assim bem como a definição das plantas, que no caso foi um professor que estava em compras na feira com sua esposa. Mais mesmo assim, com essa visita pudemos abrir as portas para visitas futuras nessa feira, falamos com as feirantes. Nos sentimos meio desmotivados, pois algumas pessoas recusaram mesmo em qualquer hipóteses saber do que se tratava, ou mesmo de falar conosco sobre a pesquisa, porém, passamos a frente e continuamos a procurar pessoas que quisessem participar.

E então continuamos a busca por pessoas que pudessem contribuir em nosso trabalho, e tivemos duas pessoas que se destacaram em nosso trabalho. Se trata de duas senhoras em dois dias de coleta diferentes. No dia 06, que foi o dia que iniciamos a pesquisa, a primeira pessoa que tivemos contato foi muito receptiva, uma senhora que tem sua banca no início da feira na terceira fileira a primeira banca. Nessa banca não temos propriamente dito somente as Plantas Alimentícias Não Convencionais, mais sim, tanto as PANC, quanto as plantas medicinais, e também ervas para fazer chás e banhos. Notamos nessa senhora, um interesse muito claro em ajudar as pessoas que frequentam sua banca. Não somente por questões comerciais, mais sim, primeiramente, porque as vendas estão associadas aos conhecimentos que sua família lhe passou. Então ela cita em falas informais muitas vezes que: “Eu sei porque eu morei no sítio no interior”. E relaciona sua vinda do estado do Pará aos seus conhecimentos passados de geração em geração pela família. É interessante salientar que durante suas vendas, ela dá a sugestão de preparo como por exemplo: “Olha o crajirú é bom, para mulher (sic) com inflamação, e ajuda como anti-inflamatório em outras coisas “. E isso atrai as pessoas e por sinal sua banca, é uma das que tem um bom fluxo de pessoas.

Outra vendedora que encontramos é na banca próxima a dela, por detrás, é uma jovem senhora que trabalha com o marido, porém que cuida da banca é ela mesma. Ela tem em sua banca Plantas Alimentícias Convencionais e também as Não Convencionais, e uma quantidade razoável de plantas medicinais. Durante os momentos da entrevista nas conversas informais, ela cita as plantas alimentícias juntamente com as medicinais, ou seja, o uso é ambíguo para ambas as utilidades. Sua banca é mais tranquila, no entanto, seus conhecimentos derivam da família, no caso das tias de criação, por isso seu conhecimento durante as conversas, foi

observado de forma bastante clara, porém durante a venda dos produtos, ela quase não explica a importância do consumo e preparo de cada uma, pois ela disse que se a pessoa foi comprar a espécie já definida, é porque já tem conhecimento sobre ela. Por isso falar sobre as plantas se torna estranho, se as pessoas já sabem o que querem e para quê querem o produto.

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

FEIRA: do Produtor na Zona Leste de Manaus VISITAS: 03 - 09 - 13 - 18 - 20 - 23 - 27 - 30 - 2017

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

Avaliação: Tinham mais compradores nessa feira em relação a feira do Alvorada, por isso maior riqueza de material.

Melhorias: Abordagem e realização das entrevistas, assim bem como da observação de campo.

DIÁRIO DE CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

DIÁRIO DE CAMPO

No dia 08 de fevereiro de 2017, realizamos a visita de campo de nossa pesquisa, a mesma ocorreu na feira do Produtor, a qual é situada na Zona Leste da cidade de Manaus. Essa feira, por mim é a mais comumente frequentada, mesmo que bem poucas vezes. Trata-se de uma feira com um público bem diferenciado, pois normalmente são pessoas, que vem de muitos bairros adjacentes além do Jorge

Teixeira, que é onde a mesma está situada. Ainda, podemos notar nessa feira que há uma variedade de verduras a venda, mais que algo que predomina nas vendas são as bananas, que tem de vários tipos e preços. Há quiosques que são dentro da feira mesmo, e outros que ficam no perímetro um pouco mais externo, como se fosse em pequenas tabernas.

Nesse dia conseguimos conversar com alguns feirantes, não fomos muito bem recepcionados, pois alguns não entenderam o que de fato era a pesquisa, e ficaram com medo ou mesmo vergonha de falar, porém 4 consumidores puderam falar conosco e falar acerca dos conhecimentos que possuíam acerca das plantas alimentícias não convencionais. Dentre estes ainda tivemos a oportunidade ainda que bem rápida, de poder aplicar 4 questionários, pois algumas pessoas estavam como acompanhantes de quem estava comprando, por isso aproveitamos o momento para conversar e fazer o pedido de preenchimento dos mesmos.

Em relação ao Alvorada essa feira é bem mais movimentada, porém o público é bem mais amplo, e com um pouco menos de recurso financeiro para compra e aquisição de produtos, pudemos observar pois muitas, pessoas eram humildes, assim bem como 2 das que fizemos as entrevistas.

Continuando os nossos registros sobre esta feira realizamos visitas posteriores a esta, as quais observamos pontos pertinentes a nossa pesquisa. Onde poucos quiosques dessa feira fazem venda de plantas, porem muitos vendem hortaliças convencionais. Uma questão que gostaria de registrar aqui também, foi a dificuldade que tivemos para a coleta das entrevistas e questionários, aqui também, as pessoas se recusaram bastante para participar. Essa feira é bem ampla, e possui as áreas de vendas bem divididas, nas áreas de carnes, peixes e miúdos, área de frutas, área de verduras, área de venda de condimentos, venda de queijos e bolos também. É uma feira bem diversificada, e também com um público bem vasto que a frequenta, pessoas de toda Manaus vem fazer suas compras aqui pois o preço é bem em conta.

Um ponto que eu gostaria de evidenciar aqui, é a questão das vendas das plantas alimentícias tanto convencionais, quanto das não convencionais, é notório que, durante as vendas em que nós observamos esse processo, normalmente os vendedores querem ensinar como se deve fazer o preparo da mesma, quer seja para fim medicinal ou para fim alimentício. Então podemos observar também nesse processo, que quem vende já tem conhecimentos prévios sobre esse assunto e que

este foi adquirido em sua trajetória de vida. Por isso evidenciamos aqui, a questão da divulgação em si, a qual ocorre por meio dos próprios vendedores das espécies salientando o potencial das mesmas através do ensino do uso de cada uma. Também gostaria de registrar, que nessa feira tem a presença dos produtos naturais como picadinho de soja, carne vegetal, entre outros produtos, e que estes eram vendidos por uma nutricionista formada a qual durante as vendas informava os benefícios dos seus produtos aos seus clientes.

Saliento o registro aqui, nesse momento de minha qualificação, ocorrida no dia 15 de março de 2017, pois, as correções da banca e sugestões, nos enriqueceram muito, fazendo assim, termos uma outra visão sobre esse momento das visitas nas feiras. Por esse motivo salientamos a partir da visita do dia 16 de março, a importância da observação de como se dá o processo de vendas das PANC. Por isso nos reportamos especificamente a duas vendedoras. (que são as únicas que vendem hortaliças mesmo em seus quiosques/bancas) então uma delas, a qual fiz o registro e a visita no dia 16 de março, pude ficar próxima de sua banca enquanto ela realizava sua venda, e então ver como esta ocorria.

E expressões como: “Faça que vai resolver”, “Eu já usei”, “Lá no sítio da minha mãe tem”, são recorrentes em suas vendas, o modo de falar sobre as plantas que são presentes em sua banca como o boldo, o mastruz, o jambu, e o próprio cheiro – verde, mostram que de fato ela possui algum conhecimento de causa e uso, porém o modo de imposição quanto ao preparo é certo. Ainda mais por se tratar de uma senhora idosa, que já possui alguma idade e também uso dessas plantas. Porém, salientamos que em entrevista anterior a ela, o relato de que morava no interior e que por isso conhecia essas plantas foram levados em consideração. É importante lembrar que sua banca está situada bem ao centro da feira, por isso as pessoas antes de chegarem a banca desta senhora, antes passam por outras bancas, e o que me leva a pensar que, das duas horas em que estive lá mais de 6 pessoas passaram por lá, e se informaram com ela, e também adquiriram seus produtos, quer seja para fim medicinal (que é a maior procura) ou para fim alimentício de forma indireta, pois, as pessoas consomem essas plantas para preparo de remédios sem saber que também essas plantas possuem propriedades alimentícias.

Outra visita em que pude estar com outra senhora, foi no dia 12 de abril de 2017, essa senhora possui uma banca de plantas medicinais e alimentícias bem no

início da feira, porém é importante destacar a desenvoltura dela, percebemos que era uma senhora sem instrução escolar, por isso o diálogo na entrevista com ela foi bem difícil, pois ela explicava muito as plantas e quase não nos ouvia. Por isso enquanto estivemos na feira, e a observamos, o comportamento com os consumidores era do mesmo modo, e isso dificultava sua venda. Entendo que, por essa situação ser meio que de imposição aos compradores sobre o que devem fazer com seus produtos após a compra, muitos iam embora e não levavam as plantas, e quem levava pegava e ia embora sem ouvir muito o que ela estava tentando explicar sobre o preparo destas, por isso mesmo ela tentou uma certa variedade das espécies, as pessoas quase não paravam para comprar após ouvir suas explicações.

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

FEIRA: da Manaus Moderna	VISITA: 04 - 07 - 14 - 16 - 21 - 22 - 25 - 26 - 28 - 29 - 2017
--------------------------	--

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

Avaliação: Feira muito movimentada e frequentada, um pouco mais difícil as pessoas quererem parar para falar sobre o tema.

Melhorias: Tempo de entrevistas deve ser aumentado e feito com tranquilidade.

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

DIÁRIO DE CAMPO

Na visita de hoje dia 14.02.2017, fomos à feira da Manaus Moderna, localizada no centro da cidade de Manaus. Esta é uma feira muito frequentada desde os tempos de antigamente, esta é o ponto principal posso dizer, de compras do manauaras, pois é um local de porto de chegadas e saídas das pessoas. Então por isso, além de sua localidade, também tem em seu interior muitos quiosques, estes, com muitas variedades de alimentação, dentre frutas, verduras e carnes, além de plantas medicinais que são recorrentes de nossa região.

Em nossa visita fizemos uma sondagem do local, onde fui olhando cada quiosque, vendo como são as vendas, qual o público que frequenta esta feira, sendo este público bastante heterogêneo, e de praticamente todas as partes da cidade de Manaus. Por isso, enquanto algumas pessoas estavam em compras, observávamos algumas que estivessem com menos sacolas, e olhando muito pois estas davam uma abertura para que conseguíssemos chegar até elas para conversar. Fizemos as explicações prévias sobre o que eram as PANC e posteriormente, fazíamos a entrevista.

Hoje, não aplicamos os questionários, pois estava muito agitado e não tivemos momento oportuno para que este fosse respondido, pois normalmente não se tem apoio em feiras para que as pessoas possam escrever. Por isso até em pranchetas já estamos pensando em adquirir para poder fornecer aos participantes dos questionários. Na visita de hoje conseguimos duas entrevistas com duas mulheres que estavam em compras na feira, ambas confundiram também a questão, de ser medicinal ou alimentícias as plantas.

Porém as visitas continuaram seguindo o curso normal de dias e datas, com algumas alterações por condições de tempo e climáticas. Mais mesmo assim, pudemos fazer a coleta de dados com sucesso durante esse percurso, salientamos aqui o primeiro registro como fonte principal, pois, foi a primeira impressão sobre o local, e temos certeza que a riqueza de detalhes sobre o local foi bem observado nesse primeiro momento. Porém, nas visitas posteriores, continuamos com o mesmo problema, sendo o medo ou receio das pessoas, em participarem das entrevistas e questionários.

Notamos muitos olhares, negativos por conta da coleta, por parte de muitas pessoas que trabalhavam, no local, pois o medo é constante, de ser alguém do

órgão fiscalizador, ou mesmo da televisão, então algumas pessoas não aceitavam nem parar para falar nada. Mais em meio a essas dificuldades, tivemos que adotar alguns procedimentos como, comprar algum produto para poder ter acesso ou mesmo mais liberdade, para o diálogo com a pessoa. Então algumas pessoas também não aceitavam participar porque achavam que era obrigação somente das pessoas que vendiam hortaliças saber sobre o assunto, o que na verdade implicava em uma fuga para não falar conosco.

A feira em questão estrutural é a maior que já fomos em relação as outras feiras da pesquisa. É bem versada de produtos que vai desde as frutas, até, as carnes. O público que frequenta a feira, é bem heterogêneo, pois vem pessoas de toda Manaus comprar nela, por isso atrai pessoas que também não querem somente comprar, mais tentar obter êxito

em pequenos furtos de objetos e dinheiro. Por se tratar de uma feira localizada no porto da cidade de Manaus, onde os barcos são atracados, há também a frequência das pessoas que vem dos interiores do Amazonas, que compram algo de seu interesse e retornam aos barcos. Tivemos a oportunidade de entrevistar uma pessoa que veio do Manaquiri somente resolver tramites no banco, que por conseguinte passou pela feira adquiriu seus produtos, e foi novamente embora. É importante salientar também, que os tipos de hortaliças mais encontradas que pertencem ao grupos das PANC foram: a Alfavaca, o Mastruz e o Jambu.

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

FEIRA: do Coroadó	VISITA: 05 - 06 - 15 - 2017
-------------------	-----------------------------

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

Avaliação: Feira pouco movimentada com poucos feirantes trabalhando muitas bancas desativadas.

Melhorias: Mais clareza na hora da pergunta.

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

DIÁRIO DE CAMPO

Hoje no dia 15 de fevereiro de 2017, fomos a feira do Coroadó, para mais uma coleta de campo, no entanto, ao chegar ao local de frente logo, nos deparamos com muitas bancas e quiosques fechados, chegamos por volta das 10:00 da manhã, pois segundo os feirantes em uma visita prévia, nos informaram que, o movimento é bem reduzido em relação as outras feiras como Manaus moderna por exemplo, também nesse dia estava um congestionamento intenso na frente da feira.

Também, não foi muito diferente das demais feiras, em relação à vontade das pessoas em querer falar sobre as PANC, mais mesmo assim fomos em busca de consumidores e vendedores dos quiosques que quisessem falar sobre o assunto, e somente uma pessoa que no caso era uma vendedora, demonstrou conhecimento sobre essas plantas, pois em seu quiosque, ela tinha mudas de plantas tanto de frutas como de pimentinhas para vender, e também destacou que faz o plantio das espécies em sua casa.

É importante salientar o tipo de público que frequenta essa feira, geralmente são pessoas que, ficam por lá mesmo durante o dia, que se alimentam no local, e ficam conversando por ali mesmo, são pessoas que visivelmente não tem um poder aquisitivo elevado, e tem dificuldade de se expressar. Também a feira é frequentada por trabalhadores das proximidades que vão até lá, para almoçarem nos quiosques de comida pronta. Nesse dia conseguimos entrevistas com 4 pessoas, porem saliento que foi muito difícil esse dia de coleta pois, abordamos várias pessoas e somente essas aceitaram falar, e ainda uma mãe e filha só aceitaram fazer a entrevista se fossem juntas.

Após esses dias as visitas seguiram o curso normal porém com um outro olhar. Além da coleta realizada nos dias anteriores, as visitas posteriores ocorreram, com vistas, a observar, se há de fato a venda dos produtos que são as PANC, e como esta ocorre. Observamos em outro dia de visita que foi este dia 20 de março, e dia 27 os feirantes, durante as suas vendas, e como as pessoas se interessam pelos produtos destas pessoas.

Como já citei anteriormente, há poucos quiosques nessa feira, por isso há somente 1 quiosque misto de plantas alimentícias, plantas regionais como pimentinha e polpas de frutas. Por isso ao observar os demais estes, são compostos por plantas regionais como cheiro – verde, couve, alface e mesmo o jambú e semente. Por este motivo, ficamos junto a esta senhora que estava fazendo suas vendas. Primeiramente podemos destacar que esta vendedora se trata de uma moça jovem, e que possui de fato os conhecimentos acerca de seus produtos. Pois várias vezes ela expressou a frase: “Mais eu tenho na minha casa”, “Eu mesma que planto”, “Minha família conhece”. Notamos uma naturalidade em sua expressão de conhecimentos, pois ela não venderia suas plantas a mim, e nem a ninguém quando ela começou a expor seus conhecimentos sobre as espécies.

As pessoas quando chegam a feira podem ver o quiosque dessa moça, logo na entrada da feira, trata-se de uma pessoa tímida, porém, seus conhecimentos são expostos as pessoas que fazem a compra ou não de seus produtos. E ainda, ela ensina como plantar cada espécie de planta que ela vende. Sem interesse primário por recurso financeiro.

Ao chegar próximo das bancas que vendem comida, as pessoas se interessam por sua banca, principalmente por suas plantas que ficam expostas no balcão de vendas, as pessoas tocam as espécies e escolhem seus produtos de acordo com o que veem, ou seja além das plantas alimentícias que nem todas são convencionais ela tem somente 2 espécies em sua banca, as demais são plantas medicinais e ornamentais, mais mesmo assim as pessoas se atraem e passam a vir a banca pelo chamativo que são as plantas expostas no balcão de vendas.

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

FEIRA: da SEPROR	VISITA: 02 - 08 - 12 - 17 - 2017
------------------	----------------------------------

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

Avaliação: Feira muito movimentada mesmo escondida, com variedade em frutas, verduras e hortaliças novos por isso atrai muitas pessoas para comprar.

Melhorias: ***

PLANO DE AÇÃO DE VISITAS A CAMPO

PROJETO: UM OLHAR SOBRE AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS ESPÉCIES NA CIDADE DE MANAUS

MESTRANDA: CARLA KAROLINE GOMES DUTRA BORGES

ORIENTADOR: DR.CIRLANDE CABRAL DA SILVA

DIÁRIO DE CAMPO

Hoje no dia 17 de fevereiro de 2017, nos deslocamos até a feira da SEPROR ou seja, feira Secretaria de Produção Rural do Amazonas, a mesma é situada no mesmo local onde ocorre a Expoagro, bem ao lado do hospital Delphina Aziz. Essa feira ela á um pouco escondida, porém principalmente no dia em que fomos que era uma sexta feira, ela estava bem movimentada, principalmente por funcionários do hospital e de algumas empresas que ficam na frente da feira.

Com uma variedade de frutas, polpas, carnes, peixes e verduras, essa feira é bastante frequentada, demonstra ser organizada, e administrada, onde cada pessoa tem um quiosque individual e tem hora para entrar e sair, sabemos isso porque, no dia e que fomos encontramos uma senhora que era vendedora juntamente com sua neta, que moram em Rio Preto da Eva e ás 13:00 já iam sair

por questões religiosas com respeito ao sábado, mais ela disse que antes de sair todos já sabiam que ela saia esse horário.

Nessa visita, fizemos uma sondagem do local, e além da feira tem como se fosse pequenos restaurantes externos, em que as pessoas podem comer e voltar a fazer suas compras. Notamos um público diferenciado nas compras, pessoas que já iam muitas de carro e faziam muitas compras de alimento. Nesse dia conseguimos entrevistar 4 pessoas 2 feirantes e 2 consumidores, mais também houve resistência por parte de algumas pessoas em falar frente a uma gravação, mesmo com explicação prévia sobre o assunto e as orientações iniciais.

Após as visitas citadas acima, continuamos as visitas após o dia 15 de março que foi a qualificação, nos dias 17 e 19 de abril, fomos a feira da SEPROR, que por sinal é uma feira grande e numerosa em consumidores que vem dos locais já citados anteriormente.

Esta feira é bem segmentada e cada área desta é dividida de acordo com a necessidade da feira. E um dos locais que mais me chamou a atenção, foi uma banca externa à feira que fica na lateral próximo ao estacionamento.

Esta banca, possui plantas e flores de diversos tipos para compra, um local muito interessante já que uma feira regular possui em sua totalidade a alimentação como fonte principal de recursos e lucros. Outros quiosques que vimos na feira eram quiosques com muitas hortaliças e poucas com plantas alimentícias. No entanto, as mulheres que vendem essas plantas, são mulheres com mais idade, e com experiência de ensino para preparo do remédio com as plantas medicinais (apesar de a pergunta ser direcionada para plantas alimentícias não convencionais).

E frases como: “Eu sei sim, como se faz”, “Mais é fácil de fazer”. Essas frases foram proferidas pela senhora que escolhemos para acompanhar na observação. E assim também através das observações eu fizemos, vimos o empenho dela em instruir as pessoas que de fato queriam obter o produto para sua melhoria de vida. Posso ressaltar aqui e lembrar, que apesar de nossa pesquisa tratar diretamente sobre as plantas alimentícias não convencionais, ainda assim o termo plantas medicinais são recorrentes, pois essa associação de PANC com planta medicinal para a população que pesquisamos é como se fossem a mesma coisa.